

The background of the cover is a photograph of a woman in a yellow Victorian-style dress with a large ruffled collar and puffed sleeves, seen from behind. She is standing on a green lawn, looking towards a red brick building with five arched windows in the distance. The scene is surrounded by lush green trees. The title 'Lemon' is written in a large, orange, cursive font across the middle of the image. The author's name 'Elizabeth Urian' is at the top in a white serif font. There are decorative floral and vine patterns in the top right and bottom right corners.

Elizabeth Urian

Lemon



As Feias Também Os Conquistam

Elizabeth Urian

LEONOR

Leonor vive na Inglaterra, entregue a seu trabalho como dama de companhia da Duquesa viúva de Dunham. Ali conheceu Jonathan, um homem que parecia interessado nela, mas que sempre havia amado outra.

Agora seu passado retorna, obrigando-a a reconhecer que pertence a uma classe muito mais privilegiada e que é importante voltar à sua terra natal, Boston, de onde fugiu sete anos antes, ao se negar a um casamento que não a faria feliz.

Em sua viagem de volta a acompanham a Duquesa viúva e Jonathan. Ali enfrentará seu antigo noivo, sua esposa, uma mãe que acredita estar muito doente e um noivado que Jonathan inventou para eles.

1

Surrey, 1875.

- COMIDA!

Pela décima primeira vez desde que haviam saído a passear pelos jardins de Commor Manor, Georgette, a arara de Jonathan, elevou sua estridente voz para se fazer ouvir por Leonor; como se fosse possível ignorá-la.

Com seu quase um quilo e duzentos gramas pousados em seu ombro direito, o vistoso, extravagante e grande pássaro azul parecia considerar que estavam descuidando de suas necessidades mais básicas.

- Se voltar a ouvi-la novamente, me verei obrigada a tomar medidas drásticas.

A duquesa viúva olhou para o animal, que neste preciso momento parecia ignorá-la deliberadamente.

- Como quais? – Leonor não pôde evitar perguntar.

De fato, era talvez a única, com exceção de seu dono, a quem não incomodavam as constantes exigências do pássaro ou suas subidas de voz.

- Não estou muito certa, mas com o que come tem suficiente carne em seu corpo para dar sabor a um ensopado.

O comentário, assim como pretendia, foi acolhido com todo tipo de espalhafato pelo animal alado.

- Criminosos! Canalhas! – Todo seu corpo se eriçou e bateu as asas para voar para longe da duquesa, embora sem perder de vista as duas mulheres.

Margaret, a duquesa viúva, riu em voz alta, satisfeita. Leonor se limitou a esboçar um sorriso discreto.

- Digo-lhe que Jonathan a mima muito.

Leonor se encolheu ante a clara menção ao homem, proprietário do animal. Não queria pensar nele, não mais que o necessário. Queria particularmente esquecer esses olhos verdes, o cabelo ondulado em mechas não muito compridas e suas maneiras alegres e cativantes.

Talvez, se esquecesse que o havia conhecido, sua vida seguiria tão plácida e sem complicações como nos três últimos anos a serviço da duquesa viúva, na qualidade de respeitável dama de companhia. O passado mais distante, melhor esquecê-lo também.

- Dão muita importância a ela. Afinal de contas, é o que Georgette mais anseia.

- Além da comida, quer dizer – replicou Margaret com certa ironia. Era certo

que o animal não a aborrecia como desejava demonstrar; só era justamente o indispensável para ter do que falar.

Leonor assentiu, dando razão a sua empregadora. Embora o animal não a incomodasse, opinava que esta – porque segundo seu dono se tratava de uma fêmea – era muito inteligente para seu próprio bem e o das pessoas que a rodeavam. Na maior parte do tempo, parecia que os entendia e isso era tão absurdo como antinatural.

- Creio que no fundo goste da senhora. – Leonor continuou falando da arara. – Simplesmente sua atitude se deve a uma tentativa de chamar a atenção.

- Não sei se quero que goste de mim. A única coisa que sei com certeza é que sua estadia nesta casa está se prolongando muito. Um mês com ela na casa é exagero. Ao menos sem Jonathan. Não sei em que pensava ao aceitar deixá-la com você. Qualquer um acreditaria que estava feliz por se afastar dela.

Mas ambas mulheres sabiam que essa afirmação não era correta. Georgette o acompanhava aonde fosse. Os que convidavam o cavalheiro em questão deviam aceitar essa excentricidade em particular ou ficavam sem sua apreciada presença. E o certo é que Leonor ainda se perguntava por que Jonathan havia aceitado esse caprichoso comportamento do animal, que havia se empenhado em aferrar-se a ela como se a ideia de ir para Londres em companhia de Isobel a deixasse doente.

Isobel. Um nome que havia esmagado algumas ilusões iniciais. A mulher que Jonathan amava. Uma linda e elegante morena que o havia levado de seu lado.

“Mas esteve alguma vez?”

Uma triste e desesperadora questão.

Leonor considerava que, com certa idade, uma mulher que soubesse se conhecer, valorizar suas qualidades e defeitos e aceitar com integridade aquilo que não pode mudar em si, era muito afortunada. Assim, a vida não teria muitas oportunidades de golpeá-la e as surpresas não seriam tão desagradáveis. Ela, na nada desagradável idade de vinte e sete anos, podia orgulhar-se disso. Tinha muitas virtudes, mas seu defeito mais evidente era, certamente, sua aparência.

Para dizer de forma simples e objetivamente, era feia. Assim, exatamente.

Ainda jovem já sabia que um cabelo abundante, sedoso e dourado junto a uma figura proporcional, não era suficiente se o rosto não fazia jus ao resto do conjunto. Como também sabia que, se nesse período de vida tão importante nenhum homem havia mostrado o mínimo interesse por ela, as probabilidades diminuía com rapidez conforme o tempo passava.

O casamento do duque de Dunham, neto da duquesa viúva, e Edith Bells, um mês antes, não lhe deu mais esperanças nesse sentido.

Uma mulher inteligente devia ser capaz de assumir que, ainda que fosse um fato destacável a união entre um bem apostado par da nobreza e uma mulher muito

parecida a ela mesma em aparência, este era um acontecimento atípico e pouco provável.

As ilusões nesse aspecto só serviam para manter a esperança; uma esperança que tendia a desaparecer e trazia o desencanto. E aí Eleonor havia cometido seu primeiro erro. Ou talvez o segundo.

Havia—se deixado arrastar pelas emoções que um casamento costuma suscitar, enquanto sua patroa se vangloriava ante quem quisesse escutá-la que ela havia sido a artífice do ardil para aproximar esse par de teimosos apaixonados, que até pouco tempo antes só conseguiam trocar palavras ferinas. É claro, não esquecia de mencionar que para conseguir tal incumbência havia sido necessária a inestimável ajuda de Leonor e do eterno amigo do duque, Jonathan Wells.

No entanto, esse dia tão feliz não o havia sido tanto como Leonor pretendia dar a entender. Seus pensamentos haviam estado longe de serem tão serenos como ela queria, enquanto não deixava de recordar esses meses antes do noivado dos duques de Dunham. Tempo em que Leonor havia tido a oportunidade de conhecer mais profundamente Jonathan Wells... e talvez se enamorar um pouco. Tempo em que esses olhos verdes a haviam fascinado e feito crer que podia ser como Edith, embora a realidade houvesse chegado muito depressa, e com ela a decepção.

“A amei desde que a conheci. Mais de dez anos cobiçando seu amor e me magoa que não o aceite...”.

Aí havia começado tudo. Havia escutado sem querer e se alegrara. Com essa frase, que falava de outra mulher, o sonho incipiente de Leonor havia se esfumado de uma só vez.

Leonor não sabia que Jonathan amava outra. Quando soube, não teve mais remédio que se recolher. Não pôde fazer nada mais. Que o amigo do duque não tivesse se movido de Commor Manor nem nos meses da tramoia nem nos anteriores ao casamento havia dificultado seu trabalho de evitá-lo. Não era muito difícil encontrá-la quando procurava companhia, tendo em conta que seu lugar sempre estava ao lado da duquesa viúva.

Por amor à verdade, devia admitir que Jonathan havia-se esforçado. Mostrou-se divertido e encantador, tentando que ela se soltasse, mas Leonor temia ter sido só uma distração passageira; daquelas a quem o duque se referia como uma das tantas coisas que acabavam por aborrecer a Jonathan. Por isso havia-se tornado mais reservada ante ele.

E no dia do casamento havia cometido o segundo erro.

Havia—se deixado abordar por Jonathan enquanto fingia que nada do que esse homem dizia lhe importava. Havia—se mostrado mal educada quando jamais o fazia, mas então fora incapaz de se afastar quando o dorso da mão dele

roçou a sua de maneira tão leve como um suave sopro, tão leve que o coração de Leonor se estremeceu e quase a fez suspirar, quase a fez deixar-se levar. Havia desejado tanto acreditar em suas palavras...

Por sorte ou desgraça Isobel apareceu disposta a conquistá-lo. E com um simples nome, o coração e as esperanças de Leonor morreram um pouco mais nesse dia.

O que veio depois era de se esperar. Jonathan decidiu ir embora com Isobel – que, aliás, era sua madrastra – para Londres. Para surpresa de todo mundo, Georgette se aferrou a Leonor e montou um grande espetáculo para livrar-se da presença de Isobel – ou assim preferia pensar. – E ali estava, novamente a sós com sua patroa, com seu neto e esposa em lua de mel, e aguentando as vaidosas pretensões de um animal que não era seu.

- Talvez o senhor Wells tenha coisas mais importantes em que pensar – respondeu Leonor sem querer se comprometer.

- Bah! Se estiver se referindo a Isobel, devo dizer que não sei onde esse homem tem a cabeça.

- Se estão apaixonados...

- Bobagem! – Deu uma olhada pelo canto do olho a Leonor, que esta fingiu não ver. – Jonathan deveria mostrar-se mais sensato e aceitar que se atém a um sentimento ridículo e totalmente inapropriado.

Leonor preferiu não responder. Ao contrário da duquesa viúva, não acreditava nisso. Lembrava-se da emoção com que ele se referia ao amor que dedicava a Isobel, na vez que escutou sem querer uma conversa entre o duque e seu amigo. Não, devia amá-la, do contrário não teria tido pressa de ir embora com ela.

Contornaram o jardim do cisne, deixando à sua direita o pequeno lago, e atravessaram os arbustos que o rodeavam quase completamente. Quando a casa voltou a estar em sua linha de visão, a arara, que havia-se mantido afastada e em silêncio, voou novamente para o ombro de Leonor sem nada dizer.

Ambas mulheres se dirigiram para a casa, cada uma absorvida em seus pensamentos.

A viagem, normalmente tediosa, havia sido um alívio. Poderia se dizer que quase havia gostado dela. E não é que contemplar os campos de Surrey lhe transmitisse paz e pensamentos poéticos. A essas alturas, qualquer coisa era pouco para conseguir permanecer tranquilo e só.

Sua casa, seu espaço, os salões londrinos... Todos haviam sido invadidos por uma só pessoa. O único lugar ao que ela não podia ter acesso era o clube de cavalheiros, mas justo esse era o que ele menos costumava frequentar, e ao que se

havia visto obrigado a refugiar-se durante as eternas e agonizantes últimas semanas. Pela milésima vez se via entediado, mas agora era pelo assédio a que Isobel o havia submetido tão logo puseram os pés na cidade.

Quem diria? Ele, que havia passado toda sua idade madura apaixonado pela mulher que se casou com seu agora falecido pai, só pensava em evitá-la.

Não era culpa dela, reconhecia. Isobel continuava sendo igualmente atraente. Suas risadas eram tão sensuais como antes e sua aparência era tão perfeita e elegante como só ela sabia ser.

Mas nada era igual a antes.

- Oh, Isobel – murmurou na carruagem.

O senhor Pickens, seu eterno acompanhante e que também fazia as vezes de secretário, fitou-o pelo canto do olho, mas não disse nada. Não era necessário.

Sabia que ela não demoraria muito a descobrir sua ausência. O que se perguntava era se seria capaz de deduzir seu destino. Isobel era muitas coisas, mas não era boba. De fato, sentia certa pena e nostalgia por tudo haver terminado assim. Ao menos para ele, já que não sabia o que ela pretendia. Seu procedimento no último mês na cidade só podia ser classificado como possessivo. Todas as suas ações, agora percebia, haviam tido como único objetivo comprometê-lo. Havia—se deixado ver em todas as festas com ele e só aceitava dançar com ele. Havia tentado atraí-lo para a obscuridade dos jardins e até convidá-lo a sua casa com claras intenções. Se não havia entrado em seu apartamento de solteiro era porque havia dado ordens muito explícitas aos criados a respeito disso.

Para ser honesto, devia reconhecer que sair de Commor Manor com ela se distanciava muito de ter sido sua melhor estratégia. Não havia reconhecido isso então, porque tinha outras coisas em mente, mas não demorou em se aperceber da terrível e irônica verdade: Isobel havia sido substituída em seus afetos.

Quando fechava os olhos, já não via um brilhante cabelo negro, mas sim um mais dourado que os raios do sol. Tampouco apreciava os gestos pensados, mas sim os naturais e elegantes. Nem lhe aparecia um rosto perfeito e simétrico, mas um interessante, cheio de vida e que escondia não poucos mistérios.

Não era tão ingênuo para admitir-se apaixonado, mas mal podia negar o interesse... e talvez o desejo. Por isso havia permitido que Georgette fizesse sua vontade. Era evidente a quem preferia. Havia sido assim desde o princípio. Entre Isobel e a arara sempre parecia haver uma guerra de vontades. Com Leonor tudo parecia natural e pacífico. Mesmo ele havia sentido o mesmo. Não nadar contra a corrente, mas sim deixar-se levar pela maré. Nunca havia pretendido deixar Georgette de forma definitiva, pois cedo ou tarde tinha intenção de voltar. Era como se seu subconsciente tivesse suspeitado do resultado.

Se ajeitou quando Commor Manor apareceu no horizonte e uma espécie de ansiedade pouco própria dele o invadia. Disse a si mesmo que era porque havia sentido saudades da arara e tinha vontade de vê-la, mas a pura verdade era que não era ao animal que desejava ver primeiro. Sabia que seria bem recebido, não em vão a duquesa viúva lhe tinha carinho. No entanto, a recepção de Leonor o enchia de dúvidas. De sua parte, recordava sua frieza durante o noivado de Jeremy e Edith, mas o que não esquecia era o tato de seus dedos cálidos, tocando-se. Se Isobel não tivesse aparecido nesse instante, quem sabe como as coisas teriam acabado?

- Por fim chegamos. – O senhor Pickens ajeitou os óculos e endireitou-se. Era bem sabido o pouco que gostava de ficar fechado em uma carruagem.

Pouco depois, o transporte se deteve diante da fachada.

Jonathan desceu com agilidade e olhou para o senhor Pickens.

- Nunca teria acreditado, mas senti saudades deste lugar. – Alisou as ondas do cabelo e tentou alisar as inexistentes rugas que a viagem havia provocado em sua roupa.

- Todos os lugares são iguais – resmungou o secretário, que se apressou a subir nas escadarias para bater à porta.

Logo Jonathan se viu sentado em um salão que lhe era muito familiar. Havia sido reconhecido como amigo íntimo do duque de Dunham e o haviam tratado com a devida deferência. Enquanto o senhor Pickens dava ordens aos serviçais sobre a bagagem, o mordomo o havia informado de que a duquesa havia saído para passear e que não devia demorar, no momento em que o escoltava até o pequeno salão de visitas e lhe oferecia uma xícara de chá. Apesar disso, cansado de estar sentado por horas na carruagem, sentiu a necessidade de permanecer de pé e saiu ao exterior com a única finalidade de encontrar sua anfitriã.

Por sorte, a duquesa viúva, acompanhada da dama de companhia, se aproximava a ritmo pausado. Não era difícil reconhecer a mulher mais velha vestida com distinção e a jovem que avançava a seu lado com movimentos tranquilos, então se aproximou delas com um sorriso brincalhão, enquanto a arara era a primeira a reconhecê-lo e alçava um voo desastrado até ele.

- Mas o que meus olhos veem? – A idosa mulher sorriu quando viu a identidade do estranho. Por fim seus rogos se cumpriam. E antes do que esperava – Já pensava que havia-se esquecido de que a deixara conosco.

- Nunca. – Aproximou-se delas evitando olhar para Leonor e esforçando-se por centrar toda sua atenção na anciã. – Georgette é insubstituível. – Beijou o dorso de sua mão. – Não pergunto por sua saúde, já que vejo que continua em combate. Sobreviverá a todos nós. Não é assim, senhorita Price? Alegro-me em vê-la.

Agora sim teve sua oportunidade para pousar o olhar sobre ela e absorver sua essência. Talvez fosse feia, mas ele se sentia atraído do mesmo modo que se sentiria por uma beleza inigualável. Não fazia sentido, mas nada parecia fazer desde que pôs os pés ali na sua última visita.

- Talvez. – concedeu ela. – De minha parte devo assegurar que é um prazer servi-la.

- Ninguém duvida disso, querida – interveio a aludida. Voltou-se para Jonathan. – Mas, bem, patife, conte-nos como vai tudo.

Jonathan supôs o que lhe perguntava. Sua partida não deixava muitas perguntas ao azar. Além do mais, não duvidava que Jeremy lhe tivesse explicado os pormenores. O lógico seria que entre eles tivesse se estabelecido um acordo ou um noivado, fosse público ou não. Ninguém, nem sequer ele, teria previsto esse cenário atual.

- Não posso me queixar – mentiu com muito descaramento. Esta não era a hora nem o lugar.

- Pensava que da próxima vez viria acompanhado – pressionou a duquesa viúva.

- Oh, vim acompanhado. – Se o assunto não fosse sério, ter-seia permitido fazer troça a respeito da cara de susto da boa mulher. O rosto de Leonor, em troca, não havia variado um mínimo. – O senhor Pickens ficou na casa.

Quase pôde ver a decepção no rosto da introneta, mas ela se recompôs com rapidez.

- Bem, bem, alegre-me. – Essa resposta não representava progresso em relação ao que em realidade queria saber. Perguntar mais, apesar disso, estava descartado.

Como Leonor não parecia responder à sua presença, Jonathan recorreu à artimanha de lhes oferecer seus braços e acompanhá-las até a casa. Sabia que a boa educação lhe impediria recusar. Enquanto isso, seu cérebro não parava de dar mil voltas, procurando um assunto de conversa para fazê-la participar. Ao que parece, depois de algumas semanas sem vê-la, seu dom da palavra havia desaparecido.

Um laçao os encontrou quando passavam pelas portas envidraçadas. Dirigiu-se a Leonor.

- Chegou um senhor que pede para vê-la imediatamente, senhorita Price – estendeu uma bandeja de prata em que se encontrava um cartão de visita.

Leonor o pegou e leu, empalidecendo no ato. Tanto ele como a duquesa se aperceberam disso. De canto de olho, pode ler Boston.

- Aconteceu algo, Leonor? – Perguntou a duquesa.

Jonathan viu como procurava fazer um esforço para forçar um sorriso que

ainda assim parecia falso. Era algo tão estranho nela que o surpreendeu vê-lo.

- Sim. Quer dizer, não. Não.

Parecia agitada.

- O que digo ao senhor? – Perguntou o laçao.

Leonor lhe indicou que o levasse ao salão. Pediu permissão para recebê-lo e quase voou em seu afã por receber a visita.

- Não parecia nada bem – atreveu-se a dizer. De repente se sentia preocupado.

- Não, não parecia.

- Quem quer que seja que a procura vem de Boston.

- Boston? Dos Estados Unidos? – Parecia perplexa.

- Não creio que haja outra. Não pôde evitar o tom de zombaria. – Sabe algo sobre isso?

- Não. Boston está muito longe. Não sei o que pode relacioná-la com aquilo.

Ambos decidiram que deviam procurar averiguar o que ocorria, pelo bem de Leonor, se não por curiosidade, por isso entraram e se dirigiram ao salão, que se encontrava com a porta entreaberta. Dali lhes chegavam pedaços da conversa. “... Volte para casa” “Estados Unidos...” e um ofego que fez com que Jonathan abrisse a porta preocupado.

Entrou seguido pela duquesa viúva.

O homem que falava com Leonor se empertigou e os fitou com o cenho franzido, mas Jonathan não tinha olhos para mais nada além da evidente cara de sofrimento de Leonor.

- Não pude evitar escutar e preocupar-me – declarou sua patroa. – O que acontece, minha menina?

Aproximou-se e lhe segurou a mão. Jonathan ficou a uma distância prudente.

- Minha mãe está muito mal – anunciou com dor evidente. – Devo regressar para casa. Aos Estados Unidos.

Com a sensação de estar vivendo a vida de outra pessoa, Leonor tratava de sobrepujar a angústia que as novas notícias haviam trazido. Depois de sete anos, se acreditava imune a qualquer informação referente a seu lar, mas isso era porque nada grave havia acontecido. Havia bastado uma referência à saúde de sua mãe para desestabilizar todo o seu mundo.

- Estados Unidos? – A voz de sua patroa se infiltrou através de seus infelizes pensamentos. – É americana?

- De Boston. – Tentou esboçar um sorriso, embora fosse de desculpas pelas mentiras, mas ficou apenas nisso, uma tentativa.

- Tem muito o que explicar, juvenzinha.

Leonor entendia a surpresa e a reprovação. De fato, merecia muito mais.

Apesar disso, se concentraria no que era prioritário, razão porque se dirigiu ao mensageiro que com tanta diligência havia cruzado todo o oceano para lhe entregar a mensagem de seu primo.

- Obrigada por vir e me trazer a carta, senhor Laertes, dentro de dois dias, no mais tardar partirei rumo a Boston.

Uma resposta escrita não era necessária. O senhor Laertes já tinha uma passagem para a manhã seguinte e comunicaria sem demora a Kennedy sobre seu iminente regresso.

O homem se despediu e Leonor seguiu com o olhar sua saída, acompanhado por Jonathan. Em certo sentido, comportava-se como uma covarde ao evitar enfrentar o olhar inquisitivo de Margaret, mas, efetivamente, se impunha um esclarecimento.

Sentiu uma mão em seu joelho e o terno olhar da duquesa viúva fixo nela. Era muito boa.

- Conte-me – pediu a mulher com suavidade e algo parecido à compaixão. – Diga-me o que ocorre à sua mãe.

Jonathan voltou e fechou a porta do salão. Sentou-se em frente e ficou em silêncio. Ambos esperavam.

- Meu primo me fez chegar esta carta. – Elevou o papel que tinha na mão. – Nela me informa que minha mãe, a qual não vejo há anos, está muito enferma. Talvez não chegue a tempo... - Sua voz se rompeu ao dizê-lo.

- Chegará – sentenciou a duquesa viúva com toda segurança. – Nosso Senhor ajudará a que seja assim.

Nessas ocasiões, aferrar-se à fé era a melhor opção.

- Mas, americana? Se tem nosso sotaque.

A pergunta perplexa de Jonathan fez que prestasse atenção nele. Parecia tão preocupado por ela que apesar de tudo se sentiu reconfortada.

- Minha babá e minha tutora eram inglesas – deduziu a modo de explicação. – Cresci ouvindo essa dicção em especial, que aperfeiçoei quando cheguei à Inglaterra. Não é tão difícil.

- Não é para você. – As palavras da duquesa viúva não estavam isentas de aspereza. No final das contas, tudo o que acreditava conhecer sobre Leonor era falso. – Não estou criticando-a, Leonor, mas deve entender que embora compreenda sua dor, mereço saber a verdade. Agora. Depois a ajudarei a voltar para casa da forma mais rápida possível – concedeu ao final.

Leonor assentiu. Depois de tudo o que havia feito por ela, não merecia mais mentiras de sua parte.

- Antes de tudo, suplico que acredite que não o fiz com má fé ou pretendendo enganá-la. Se inventei outra vida foi para esquecer que uma vez pertenci à alta

sociedade de Boston e que fui a única herdeira de um sobrenome ilustre e respeitado.

Soube que os havia surpreendido novamente. Suspeitava que as opções que haviam imaginado para ela não chegavam a tanto.

- Não sei por que me surpreendo – expressou sua patroa. Jonathan balançou a cabeça. – Seus modos e conhecimentos não são tão próprios de uma dama de companhia. Todos preferimos deixar isso para lá. – Não era uma reprovação, mas sim uma observação.

Leonor se sentiu atormentada. Nunca havia desejado fazer mal a ninguém e menos ainda a pessoas que, apesar de serem seus patrões, não haviam feito outra coisa que lhe transmitir confiança e demonstrações de apreço.

- Lamento-o.

- Adiante, explique-se.

- Meu pai era Brandon Price – começou pelo princípio – e morreu quando era menina, por isso fui criada por minha mãe, Helen. Talvez não fosse a melhor mãe do mundo, mas a amava. Tudo ia bem até que completei dezoito anos...

Como era a única herdeira da fortuna e sobrenome familiar, Helen Price considerou que seria mais apropriado para Leonor ficar noiva de Adam Henderson, filho de uma família do mesmo círculo social, do que deixá-la à sorte, sujeita a qualquer oportunista com um rosto bonito e modos encantadores. Nenhum dos dois jovens se amava, mas aceitaram os fatos com maior ou menor resignação.

Dois anos depois, e a dois meses do casamento, Leonor descobriu de forma muito desafortunada que seu noivo mantinha um caso secreto com sua prima Beatrice, uma jovem viúva mãe de um menino pequeno.

- Desafortunada? – Interrompeu Jonathan com seu sorriso mais mordaz. – Descobrir essas coisas antes do casamento é muito providencial e esclarecedor, creio eu.

A duquesa viúva assentiu em silêncio. Leonor teve que reprimir o impulso de lhes sorrir, agradecida por terem visto o caso do mesmo modo que ela.

- Nesse momento de minha vida – continuou – já tinha dúvidas sobre o erro do casamento arranjado. Essa descoberta só reafirmou minha vontade de anular um acordo que não merecia respeito.

Como era de se esperar, Leonor se dirigiu a sua mãe esperando compreensão e apoio. Embora ambas mulheres não tivessem uma invejável relação de mãe e filha, se amavam e respeitavam, por isso sua completa surpresa quando Helen Price decidiu que, ainda que fosse um fato qualificado como inadequado e vergonhoso, como mulher, Leonor tinha o dever de estar à altura das expectativas e do acordo. Não só não tinha intenção de anular o casamento

“mesmo afirmando que ela se encarregaria de solucionar esse erro”, como ainda lhe explicou as esperanças que havia colocado nesse casamento; não só pela descendência, como também pelos negócios, por isso não era possível deixar passar uma oportunidade como essa, devido também à sua falta de beleza, já que talvez nunca voltasse a se apresentar outra.

- Estupidez! – Jonathan não pode evitar expressar algo tão importante. Ainda que compreendesse que esses tipos de acordos fossem frequentes, não podia evitar sentir-se indignado por essa mãe que utilizava a pouca atração que Leonor tinha para fazê-la sentir-se mal.

A duquesa, muito mais cautelosa, preferiu não demonstrar o pouco apreço que sentia por uma mãe que se mostrava tão fria e desapaixonada com a aparência de uma filha. Afinal de contas, vista a reação de Leonor ante a possível perda da progenitora, não parecia descabelado pensar que ainda lhe professasse um profundo carinho.

Leonor, por sua parte, revivia novamente essa conversa, ferindo-a tanto como então. Sempre havia sabido que não possuía o padrão de beleza que sua mãe esperava de uma filha sua, mas jamais pensou que trataria com tanto desprezo sua feiura; não quando todo seu futuro estava em jogo.

- A verdade é que eu tampouco estive de acordo com seus argumentos – acrescentou ao comentário de Jonathan. – Quando aceitei o compromisso, apesar de não sentir nenhum tipo de ilusão e saber que nem Adam nem eu nos amávamos, esperava, pelo menos, algum tipo de fidelidade. Apesar disso, depois da conversa com minha mãe, decidi seguir adiante, já que ela me prometeu que não voltaria a ocorrer.

Poucos dias depois, Adam se apresentou em sua casa admoestando-a por ter ido com a fofoca a sua mãe. Ali demonstrou a classe de homem que era ao lhe dizer que enquanto cumprisse com suas obrigações de esposo e fosse discreto, ela não tinha direito de interferir em sua vida. Também mencionou a sua boa sorte ao conseguir um partido tão atraente como ele, já que uma mulher com seu rosto só serviria de pasto para os caça-fortunas.

Jonathan, por sua parte, fazia um tremendo esforço para se conter. Apertou os punhos e desejou ter a esse Adam na sua frente. Ele o ensinaria a manter a boca fechada e a respeitar as mulheres. Fazer ver a beleza nas coisas aparentemente feias e imperfeitas era algo impossível se não se tinha suficiente sensibilidade.

- Ainda assim, – Leonor seguiu absorvida no relato de sua vida passada – decidi seguir adiante, mas uma semana mais tarde, enquanto estava imersa nos arranjos do casamento, comecei a passar mal e sofri um leve desmaio que minha mãe atribuiu aos nervos que atacam a toda futura noiva.

No entanto, quando se recuperou, Leonor viu com clareza. Não eram os

nervos, mas sim a tensão a que se submetia de forma voluntária, em antecipação a um evento que mudaria sua vida e que não a faria feliz. Por isso decidiu cancelar o casamento e comunicou-o a sua mãe.

Helen Price não pareceu nada feliz com o que qualificou de “arroubo absurdo e infantil” e o proibiu. Citou seu dever como filha de obedecê-la no que ela acreditava mais conveniente, mas Leonor, que sempre havia feito o que se esperava dela e cansada de se submeter aos desejos dos demais, negou-se a seguir adiante com essa farsa. Por isso, sua mãe ameaçou deserdá-la e entregar todos os seus bens a seu sobrinho Kenneth, mas Leonor se obrigou a não ceder.

- Um ato muito arriscado, – intercedeu Margaret – e valente – acrescentou com um sorriso de admiração.

Leonor se sentiu reconfortada. Havia chegado a gostar dessa boa mulher e sua opinião era muito importante.

- A partir desse momento, e sem uma solução possível, comecei a preparar minha saída em segredo. Com a ajuda de minha antiga tutora, consegui um emprego como dama de companhia de uma anciã que devia partir imediatamente para a Inglaterra. Ninguém, salvo ela, sabia de minha verdadeira identidade. Uma vez na Inglaterra, trabalhei em diferentes casas com o fim de obter algumas referências. Até hoje.

Finalizou seu relato, insegura. Ambos permaneciam em silêncio. Não estava certa se entendiam e aprovavam sua conduta. Necessitava que a entendessem e que não a rechasassem, mas seus erros eram muito grandes.

- Como podemos ajudar? – A duquesa viúva foi a primeira a falar.

Leonor os fitou com estranheza, enquanto via Jonathan assentir ao oferecimento. Esperava uma ou outra reprovação por sua atitude, não um oferecimento de ajuda.

- Isto... me sinto mal o pedir, mas devo embarcar o mais cedo possível rumo a minha casa – hesitou. – É impossível que continue como sua dama de companhia.

E sabia que no caso de voltar, não podia pedir que seu posto seguisse vago.

- Falaremos disso mais adiante – sentenciou a mulher com um volteio de mão. – Logo pedirei à criadagem que prepare nossa bagagem. Também enviarei uma mensagem para que nos reservem algumas passagens no primeiro barco que saia para Boston.

Não se preocupe com isso, Margaret – interveio Jonathan. – Eu me encarregarei dessas providências. Saio tão logo me preparem a carruagem. Enviarei uma mensagem quando encontre um barco que zarpe de Liverpool e um lugar onde passar a noite antes do embarque.

Levantou-se.

- Obrigada, querido. – A mulher tocou-lhe o braço em sinal de agradecimento. – É um alívio contar com você. Sem Jeremy aqui...

- Um momento, desculpem. – Leonor havia seguido o diálogo com crescente alarme. – Do que estão falando, se pode saber?

- Disse que devemos partir o quanto antes seja possível, menina? – A duquesa viúva a fitou com estranheza.

- Eu – enfatizou – devo partir, não vocês. – Em resposta, recebeu dois pares de sobrancelhas elevadas com a mesma arrogância. – Margaret, – tentava se mostrar sensata e tranquila em um momento crucial – agradeço sua intenção, mas não é necessário que viaje comigo. Seu dever é permanecer em Commor Manor, ou na Inglaterra, ao menos. Sua idade...

- Minha idade? – Parecia enfurecida. – Agora começa a falar como o resto das insuportáveis damas de companhia que abundam pelo mundo e que, por certo, não contratei. O que tem a minha idade? Não padeço de nenhum mal que me impeça de embarcar rumo ao fim do mundo, se assim o desejar. E quanto ao meu dever, o direi, juvenzinha, que faz pouco tempo que o entreguei a Edith, a nova duquesa de Dunham. E fiz por este ducado tudo quanto devia fazer. Agora é a vez dos jovens.

- Mas, Margaret...

- Não quero desculpas. – Seu tom se elevou alguns decibéis; o suficiente para alcançar o grau de pompa que utilizava quando queria conseguir algo devido a sua classe social. – Além do mais, é inconcebível que pense que a deixaria viajar sozinha.

- Tenho vinte e sete anos. Sou uma solteirona. E feia, para mais informações. Não necessito de uma acompanhante. Nem dois. – Agora se referia a Jonathan.

- É uma inconsciente se acredita que essas tolices são válidas. Sua reputação...

- Não tenho reputação!

Todos os presentes, incluída ela mesma, se surpreenderam com sua grosseria. Leonor era capaz de permanecer impassível nas mais adversas circunstâncias. Ou isso acreditavam. Entretanto, decidiram não o levar em conta dada a difícil situação pela qual passava.

- É claro que tem. – Jonathan não pensava ceder. – Que finja ser uma simples dama de companhia não diz que não o seja. Além do mais, pertença à classe social que pertença, uma mulher só sempre é um alvo atraente para qualquer explorador e galanteador.

- Jonathan está certo, Leonor. Parece-me terrível que peça para que fiquemos sentados com toda tranquilidade jogando bridge enquanto você viaja sozinha através do mar, atrás de quem sabe que perigos.

Estava exagerando e os três o sabiam, mas Jonathan não iria desmenti-la

quando seu único objetivo nesse momento era acompanhar Leonor, querendo ela ou não.

- Bem, entendo e aceito – declarou a contragosto – que queira me acompanhar. Não tentarei fazê-la desistir de seu desejo.

- E agradeço-lhe por isto. – Não havia nem traço de zombaria em suas palavras.

- Mas não vejo porque o senhor Wells deve vir. – Leonor voltou sua atenção novamente para ele. – Deve ter muitos compromissos impossíveis de postergar.

“Como Isobel”, ressaltou sua traiçoeira consciência.

- Isso não é correto! – Protestou o mencionado. Aborrecia-o que Leonor não o quisesse perto. Não o consolava que momentos antes tivesse feito o mesmo com a avó de Jeremy. – Estou aqui, o que indica com toda clareza que nada me retém em nenhuma parte. Sou livre como um pássaro!

Leonor franziu a testa ante sua absurda exclamação, e Jonathan se manteve firme nesse duelo de vontades.

- Não pode abandonar suas responsabilidades – insistiu ela.

- Não são tantas como a senhorita pensa – refutou com tranquilidade.

- Há gente que depende do senhor.

- São muito capazes de fazer seu trabalho sem mim revoando a seu redor; como sempre costumam fazer, de fato.

- Não é uma viagem por prazer.

- Sou muito consciente disso.

Jonathan queria que dissesse em voz alta sua principal desculpa, a razão de tanta negativa. Ele o sabia, ela também. Inclusive suspeitava que a duquesa era capaz de acertar plenamente. Quanto antes Leonor aceitasse, mais rápido ele poderia corrigir isso.

Afinal, ela o gratificou.

- Isobel não gostará.

Jonathan se permitiu um sorriso secreto.

- Nisso estamos completamente de acordo.

Houve um tenso e expectante silêncio.

- Não, não virá.

2

O transatlântico da companhia White Star Line, o SS Britannic, atracou no Central Wharf, um dos maiores cais de Boston, dez dias depois de zarpar de Liverpool. Antes havia feito escala em New York.

Leonor havia sido testemunha de toda a manobra de aproximação à terra da cobertura de primeira classe, enquanto contemplava a linha da costa coberta por numerosos cais. Dezenas de edifícios de tijolos avermelhados e de uma altura de quatro andares que serviam de armazenamento para os carregamentos, davam as boas-vindas a um agitado centro de comércio, pois o porto de Boston era famoso pelo fluído intercâmbio de mercadorias – tabaco, chá, café e especiarias – que chegavam do Caribe e Oriente por produtos tão valorizados como o rum, o melão e o açúcar. Sua família havia se beneficiado disso, pois, antes do nascimento de Leonor, seu pai havia construído uma refinaria de açúcar que cresceu até se firmar entre as maiores do país.

Uma fina mecha de seu cabelo louro ondeou ao vento. Suas roupas discretas e sua expressão neutra a faziam parecer tão correta como sempre, tratando de não chamar a atenção. Em seus olhos não se podia apreciar o brilho que havia captado a atenção de Jonathan durante esses meses que passou na mansão.

Era como se tivesse se extinguido por completo.

A agitação a envolvia e seus sentimentos estavam tocados pela nostalgia e pela preocupação. Era estranho regressar depois de sete anos à cidade que havia considerado seu lar por grande parte da sua vida. Ademais, não conseguia se desfazer de uma inquietante sensação que não pressagiava nada de bom.

Se não chegasse a se despedir de sua mãe, nunca se perdoaria.

Por um instante desejou com todas as suas forças que os acontecimentos do passado tivessem ocorrido de outro modo, embora não soubesse dizer como. Talvez, se Helen Price houvesse sido mais compreensiva e tivesse conseguido respeitar seus desejos em vez de pensar nas aparências ou no poder, a relação mãe e filha não seria inexistente, como era atualmente. Embora, pensando bem, Leonor estava orgulhosa de como havia se desenvolvido nesses sete anos em que havia permanecido afastada da família. Havia percorrido um caminho com seus próprios pés e havia conhecido pessoas magníficas.

Só havia um porém em tudo aquilo e era Jonathan Wells.

No meio da voragem que envolveu sua precipitada saída da Inglaterra, Leonor

não conseguiu convencê-lo de que sua presença não era necessária. Ele nem sequer se dava conta de que estar a seu lado a atormentava. Fazia-a desejar coisas impossíveis. No entanto, e se era sincera consigo mesma, admitiria que sua companhia havia sido um alívio na longa travessia. Era reconfortante poder contar com um homem que estava preocupado com seus sentimentos, que procurava distraí-la de seus pensamentos pessimistas e que conseguia lhe arrancar um ou outro sorriso quando menos esperava. Embora não fosse tão tola para não saber que aquela viagem não seria eterna e que no final terminaria regressando aos braços de Isobel.

Eram cerca de cinco da tarde quando desembarcaram. Compreendendo o sombrio estado de ânimo em que Leonor se encontrava, Jonathan se encarregou de tudo. Contratou um par de carregadores para transportar os baús que descarregaram do barco e alugou um par de carruagens. Em uma iria a duquesa viúva, Leonor, Georgette e ele mesmo. Na outra, o senhor Pickens, uma donzela, a bagagem e um objeto que havia precisado de um cuidado especial durante o transporte: a jaula da arara.

Apesar de estar todo animado, antes de partir houve um pequeno enfrentamento entre Leonor e Jonathan. Ele sugeriu que deviam ir primeiro ao hotel, assear-se e descansar antes de enfrentar ao que os esperava e ela se opôs de forma taxativa. Como poderia sequer cochilar quando sua mãe estava morrendo a somente algumas ruas de distância?

Depois de uma tensa troca de argumentos, Leonor terminou se impondo. A segunda carruagem, com o senhor Pickens na frente, partiria para Parker House Hotel, onde o secretário seria o encarregado de reservar as habitações e instalar os pertences de todos. Margaret, Jonathan e Leonor iriam diretamente saber do estado de saúde de Helen Price.

Atravessaram Atlantic Avenue e entraram na State Street sem nenhum contratempo. Todos estavam mais silenciosos que o habitual e Jonathan havia deixado de lado seu tom frívolo e maroto para se transformar em um cavalheiro em quem todos se apoiavam. Mesmo Georgette parecia compreender a gravidade da situação e o fato de estarem em um país completamente novo. Para seu assombro, a arara demonstrou um comportamento mais tranquilo e mal havia aberto o bico desde que deixaram o barco.

Enquanto se deslocavam pelo coração da cidade, Jonathan não pode deixar de observar dissimuladamente a jovem. Mostrava uma face serena, mas sabia que no fundo estava sofrendo. Nem sequer as discussões e os sete anos de separação de sua mãe podiam abrandar o medo de perdê-la para sempre. E muito menos quando ambas estavam distanciadas. Mas não gostava de vê-la desse modo. Ademais, sua angústia o havia contagiado.

- Leonor – chamou Jonathan com suavidade. Ela levantou a vista de seu colo e o fitou. De imediato, uma sombra de tristeza cruzou por seu rosto. – Tudo vai sair bem.

Não sabia se na realidade seria assim, uma vez que as notícias indicavam o contrário, mas não pôde deixar de animá-la. Acontecesse o que acontecesse, ele estaria a seu lado. E Leonor tinha que sabê-lo.

Ela agradeceu sua tentativa em animá-la com um assentimento mudo. Sempre havia sido capaz de dominar suas emoções, ainda que sentisse que naquele momento qualquer palavra que saísse de sua boca conseguiria desestabilizá-la.

- Estou de acordo – reafirmou Margaret, duquesa viúva de Dunham. – Sua mãe é uma mulher jovem e saíra desta – argumentou. – Tenho um bom pressentimento.

- E eu confio nos pressentimentos da duquesa – intercedeu Jonathan. A anciã possuía mais inteligência em seu dedo mindinho que uma centena de homens e ultimamente havia descoberto que suas intuições eram mais certas que uma flecha no alvo. – Ambos a conhecemos muito bem para duvidar disso.

Leonor voltou a assentir e deixou seu olhar vagar pela janela da carruagem. Deu-se conta de que algumas ruas e edifícios haviam mudado com o passar dos anos. A cidade estava em constante evolução, mas ainda podia orientar-se com relativa facilidade. Sabia que a distância que deviam percorrer era bem mais curta, menos de três quilômetros, por isso não demorariam a chegar.

Quando se detiveram em Beacon Street, uma rua de terra com as calçadas bem pavimentadas, seu coração batia descontrolado sob seu peito. Não era só a angústia pelo estado de saúde de sua mãe; as recordações de sua infância feliz se amontoavam em sua mente e se deu conta de que havia sentido saudades de tudo.

Jonathan a ajudou a descer e por alguns instantes se deteve observando a seu redor: os cheiros, as cores, o som dos transeuntes que iam ou regressavam do parque... E a casa, sua casa, continuava erguendo-se igualmente majestosa com seus mil e duzentos metros quadrados e sua fachada de pedra esculpida com numerosos detalhes.

Eram algumas sensações muito intensas para deixar passar e se deu conta de que, por mais distância que tivesse posto no meio, continuava levando Boston em seu coração.

Mas era algo triste de dar-se conta em momentos como aquele.

Foi então que percebeu que a duquesa viúva, segura pelo braço de Jonathan, parecia cansada e frágil. E se fosse pouco, se movia mais devagar que de costume.

Como lhe havia permitido acompanhá-la naquela viagem? Acaso não havia levado sua idade em conta? Talvez gozasse de boa saúde e mantivesse o juízo intacto, mas cruzar o atlântico continuava sendo esgotante. Fazia anos que havia

deixado de viajar longas distâncias. Ela residia em Surrey a maior parte do tempo. O máximo que se deslocava era para Norfolk para visitar sua filha, sua neta ou sua bisneta e para Londres de vez em quando. Para ela, ir a Boston devia parecer com ter dado a volta ao mundo.

Aproximou-se da anciã.

- Margaret, deveríamos tê-la deixado no Hotel. Seria bom para você descansar um pouco.

O afeto que professava à duquesa viúva transparecia através de suas palavras.

- É uma grande mulher, Leonor. Só você poderia deixar de lado suas próprias preocupações para se interessar por mim. Embora não seja necessário.

- Continuo pensando que...

- Bobagem – respondeu ela, menosprezando suas palavras com um gesto. – Insisto em estar a seu lado em momentos como este. Não teria feito o mesmo por mim? – Perguntou-lhe enquanto endireitava o broche com moldura em ouro.

- É claro, mas eu sou sua dama de companhia.

- Não. Em momentos como este é minha amiga – expôs a anciã sem nenhum tipo de hesitação. – E uma muito querida, devo acrescentar. Assim então, o que esperamos? Vai me deixar esperando na rua até que fique de cabelo branco? Ou até que as penas de Georgette fiquem grisalhas?

- Guarks! Guarks! – Grunhiu a dita cuja, como se soubesse que estavam falando dela. Sua vistosa plumagem se destacava sob o sol pálido da tarde. Em troca, o cabelo da duquesa fazia décadas que havia perdido sua cor.

Jonathan esboçou um sorriso. Margaret era uma figura.

- Está bem – aceitou a jovem de forma resignada.

Na aparência, deixou-se convencer, mas que seguia decidida a mandá-la ao hotel na menor oportunidade que se apresentasse.

- Senhorita Price, – disse Jonathan naquele instante – a senhorita deverá nos guiar.

Viu-a alisar a gola simples do decote de seu vestido para se fazer apresentável e fez um gesto com a cabeça em direção à mansão de cor acinzentada, maior do que teria imaginado. Uma coisa era descobrir que Leonor vinha de uma rica família e a outra era ser consciente disso. Aquela casa possuía uma magnificência invejável.

Tiveram que esperar alguns minutos diante da porta, de ferro forjado e vidro, antes que uma criada lhes abrisse a porta. Leonor ficou tensa imediatamente. Não a reconhecia e isso complicava as explicações.

- Desejamos ver Helen Price – murmurou, fazendo um esforço para controlar o tremor da voz. Alguns passos a separavam de sua mãe e o nervosismo começou a se espalhar em cada parte do seu corpo.

O que lhe diria? E o que diria ela? Como agiria? Acaso havia alguma possibilidade de que a rechaçasse ou em momentos como esse a amargura ficaria para trás?

A criada, que vestia um uniforme de algodão negro com um avental branco, observou os presentes, mas imediatamente seu olhar pousou no colorido animal que descansava sobre o ombro de Jonathan. Apesar de ter sido instruída para se mostrar imperturbável não pôde evitar lançar um ofego de surpresa e, de certa forma, de medo. Se Georgette se tivesse posto a falar como costumava, a mulher teria reagido gritando.

Nem todo mundo sabia apreciar a arara.

Uma vez superado o sobressalto, voltou a concentrar sua atenção em Leonor, a única que havia falado até então.

- Lamento, esta tarde a senhora não recebe visitas.

- Sou sua filha, Leonor Price.

Aquelas cinco palavras foram suficientes para que a deixasse passar. Os conduziu por um primeiro lance de escadas e se deteve um segundo no ostentoso vestíbulo interior, diante de uma ampla escadaria de mármore coroada por dois querubins dispostos sobre as colunas da varanda.

- O doutor está com ela neste momento – anunciou-lhes enquanto subia o segundo lance. – Será melhor que esperem na sala.

Leonor teve um momento de dúvida. Em seu interior lutava entre o desejo de vê-la e a prudência.

- Foi dado algum diagnóstico? Morria por saber se estava tão grave como lhe haviam contado, mas para seu alívio, pelo menos continuava com vida.

- É muito cedo para se saber. Pelo menos até que o doutor desça. Deseja que lhe informe quando termine a visita?

- É claro. – Afirmou sem demora. Queria saber se aquele médico era confiável, pois, ao que parecia, ainda não se sabia a causa do que afetava a sua mãe. Como poderiam, então, lhe dar um tratamento adequado? – Não há ninguém a acompanhando?

Detestava a ideia de que passar por isso sozinha.

- Sim, senhorita. Suas irmãs: Amélia e Roberta.

O salão em que os acomodaram fez Jonathan soltar um “oh!” de admiração. As paredes estavam revestidas de madeira e artesanato de uma cor de mogno mais claro, com um friso esculpido. Os vitrais coloridos, os lustres do candelabro que se pendurava do teto e o piano negro com gravações conferiam ao salão um ar régio e formal. Ele sempre havia gostado de se rodear de objetos formosos e seus gostos costumavam ser igualmente caros e carregados como os daquela decoração.

- Magnífico – murmurou baixo, perambulando e contemplando cada detalhe.
– Magnífico.

Leonor se sentou junto à duquesa viúva em um dos sofás. Por um momento respirou tranquila. Aliviava-a saber que havia chegado a tempo de vê-la novamente.

- Margaret, como pode comprovar, cheguei sã e salva até Boston – Leonor começou dizendo-lhe. – Só tenho que esperar um pouco mais e poderei me reunir com minha mãe. Agradeço-lhe de todo o coração pelo esforço que fez para me acompanhar. Ao senhor também, senhor Wells. – Sua voz soou mais formal de propósito para se referir a Jonathan e ele se deu conta. Reagiu com uma elevação de sobrancelhas, mas a deixou continuar. – A viagem foi longa. Não minta dizendo que não está cansada.

- Não o farei, menina – confessou a anciã. – Mas está me mandando embora...

Leonor a segurou pelas mãos com afeto.

- Não faça com que me preocupe também com a senhora. Por favor, peço-lhe: vá descansar. Eu lhe avisarei quando saiba com certeza o que acontece com minha mãe.

A duquesa viúva olhou para Jonathan com indecisão. Sua querida dama de companhia tinha razão, desejava deitar-se e fechar os olhos durante um momentinho.

- Não pode ficar sozinha. Não em um momento como este.

- E não o fará. Asseguro-lhe – prometeu ele. – Vou fazer um trato com a senhorita. O mais justo, eu diria. Estou seguro de que ambas estarão de acordo em que a solução mais lógica, dadas as circunstâncias e que...

- Não comece a devanear, Jonathan – se impacientou a anciã. – Vá direto ao ponto.

Ele lhe lançou um sorriso divertido. Ninguém sabia o que esperar do gênio daquela mulher.

- Leonor tem razão, como quase sempre – apontou. – Eu mesmo a acompanharei até o hotel e deixarei Georgette em sua jaula. Não quero que a senhora Price vá para a tumba pelos gritos desse pássaro.

- Guaks! – Queixou-se o animal alado. – INGRATO!

E em seguida voou até o ombro de Leonor.

- Agora não, Georgette. – Jonathan elevou o dedo, ameaçadoramente. – Não vou tolerar nenhum de seus caprichos – a repreendeu. – Como dizia... Georgette, é pelo seu bem. E pelo dos demais - murmurou a última parte em voz baixa. – Pense nas comodidades de sua gaiola. Amanhã me agradecerá – disse-lhe como se estivesse falando com uma pessoa. – Depois regressarei a esta casa e

esperarei por Leonor.

- Não é necessário – protestou ela.

- É claro que é. Necessita de alguém de confiança a seu lado.

Ela abriu os olhos desmesuradamente.

- Mas estarei com minha família.

- Uma família da qual se afastou por vontade própria – recordou-lhe. – Quem sabe como podem receber sua volta.

Sua mãe havia tratado de casá-la a todo custo apesar de suas negativas. Além do mais, não sabia como eram os demais membros daquela família e se na realidade se alegrariam com o regresso de Leonor. Não confiava em deixá-la com eles.

A duquesa viúva pareceu feliz com a resolução de Jonathan e Leonor ficou em minoria.

Mais de meia hora depois, após tomar um delicioso chá e comer alguns sanduíches que aplacaram momentaneamente sua frustração devido à espera, Leonor se disse que não aguentava por mais tempo e que ia subir ao quarto de sua mãe. Não necessitava que ninguém a acompanhasse, pois conhecia cada palmo daquela casa.

Em outras circunstâncias, algumas mais felizes, teria descido à cozinha para saudar os velhos empregados, aos que continuava sentindo carinho. Adoraria saber quem seguia trabalhando com sua mãe ou como estavam suas vidas, mas não se sentia com ânimo suficiente para fazê-lo. Afinal de contas, a razão principal – a única, melhor dizendo – pela qual havia cruzado um oceano era para tratar de fazer as pazes nas últimas horas de Helen Price.

Perguntou-se se durante todos esses anos ela teria pensado em sua filha, se haveria se arrependido em algum momento de seu comportamento e de lhe fazer ameaças, se teria procurado localizá-la. Ou se, pelo contrário, teria procurado apagá-la de sua memória, tal como havia prometido fazer. Na realidade, não a preocupava que a deserdasse e que todo o patrimônio de sua mãe passasse para as mãos de Kenneth. Seu primo havia-se convertido gradualmente em sua mão direita, pois já desde muito menino tratou de orientá-la sobre o modo de administrar a refinaria e os investimentos. Em troca, ele obedecia cada uma de suas ordens como se tratasse de um soldado e cumpria suas expectativas de um modo irretocável. O dinheiro não preocupava Leonor. O que sim, a preocupava, era que a esquecesse como filha.

Isso era muito duro de aceitar.

Quando escutou algumas vozes que se aproximavam, Leonor se levantou de um salto, com a esperança de que se tratasse do médico que atendia a sua mãe, mas bem antes de se abrir a porta reconheceu de quem se tratava: Jonathan, que

já havia regressado.

A mesma criada que a havia estado atendendo o acompanhava. Informou-lhes que o médico não havia terminado e que por isso não havia conseguido comunicar sua chegada. Em seguida os deixou sozinhos.

- Como está? – Perguntou ele, aproximando-se e fitando-a diretamente nos olhos.

Jonathan se deu conta de que fazia tempo que não compartilhavam um momento de intimidade, pois nas últimas semanas ela havia se assegurado de que ao menos tivesse uma terceira pessoa presente quando se viam. Ele queria lhe falar de seus sentimentos, do que lhe ocorria quando estavam juntos; mas parecia uma tarefa impossível. E agora que conseguia tê-la toda para si, não era o momento adequado.

- Não muito bem. E estou começando a me impacientar. Tanto, que estava a ponto de subir sozinha.

- Acredita que seja boa ideia?

- E o que mais posso fazer? Já repassei mentalmente dezenas de doenças de que minha mãe poderia padecer. É muito angustiante.

Talvez invadir o quarto de uma moribunda quando ainda não haviam feito as pazes não fosse o melhor modo de se apresentar diante dela. Embora entendesse a necessidade de Leonor de fazê-lo. Afinal de contas era sua mãe.

Jonathan a segurou pelo cotovelo com delicadeza, procurando ser tão compreensivo como Leonor necessitava. Se faltasse a ela um ombro amigo em que chorar, ali estaria ele; se procurasse algumas palavras de conforto, as encontraria; se necessitasse sufocar seus medos, ele seria o primeiro a correr para ela. Simplesmente assim.

Havia descoberto que gostava de estar ali para apoiar Leonor e lhe satisfazia poder ser de ajuda. Ela o merecia, por seu espírito belo e suave, suas conversas maravilhosamente estimulantes e um talento digno de admiração. Tudo em Leonor era virtude e todo o conjunto a fazia mais desejável. Assim mesmo, parecia que Georgette era da mesma opinião. E isso porque a mimada arara era difícil de agradar.

Ainda que originada em um evento negativo, aquela viagem havia sido uma bênção, porque lhe dava a oportunidade de voltar a aproximar-se dela.

Para sua própria surpresa, ela não se afastou da tentativa de aproximação. Ficou imóvel durante alguns segundos, contendo o fôlego. Foi então que seu doce aroma se filtrou através de suas fossas nasais e uma levecoceira começou a emergir com impaciência. Se tivesse feito caso ao seu diabinho inconsciente, Jonathan teria virado o rosto e aproximado seus lábios dos de Leonor. Entretanto, se conteve. Não queria recordar seu primeiro beijo e pensar que ela

não havia se entregado do mesmo modo que havia feito ele, pois tinha posto sua atenção no assunto muito mais importante.

No momento adequado, se disse. Então seriam um para o outro.

Jonathan pigarreou antes de falar.

- Vamos subir para ver sua mãe. – Para que adiá-lo mais? Leonor estava em Boston para enfrentar a realidade dos fatos, não? Mais do que tudo, para saber. Por mais doloroso que parecesse.

- Vamos. – Repetiu ela.

- Necessita-me a seu lado – assinalou ele. – Mas serei sensato e a esperarei no corredor. Assim estarei suficientemente próximo se me necessitar.

Leonor o fitou perplexa. Jonathan havia sido muito amável e generoso, deixando de lado todos os seus assuntos pessoais para acompanhá-la em momentos como aquele.

- Obrigada – balbuciou. Mas expulsou de imediato de sua mente aquele gesto. Não quis pensar nele; não podia se permitir. Devia resguardar seu coração a todo custo.

Jonathan manteve todo o tempo o contato com Leonor enquanto a escoltava pela casa em direção ao quarto da senhora Price. Melhor seria dizer que era ela quem o guiava.

Soltou-a tão de repente que parou de andar.

Leonor deu um par de batidas na porta e a abriu inclusive antes de ser convidada a entrar. Com a maçaneta na mão, virou-a e o fitou, revelando o brilho de vacilação que havia em seus olhos.

- Entre – sussurrou ele.

Para dizer a verdade, Leonor esperava encontrar no quarto um ambiente mortuário: na penumbra, com as cortinas fechadas, sua tia Roberta chorando, pois era a mais emocional das três irmãs e sua mãe encostada murmurando incoerências. Helen Price seria uma mulher de personalidade até em suas últimas horas.

E sim, definitivamente, estava murmurando, mas tudo mais foi fruto de sua imaginação.

A primeira coisa que viu foi a mãe, tombada em sua luxuosa cama, completamente vestida e com a barra da saia um tanto levantada. O doutor Yakes estava inclinado sobre ela e parecia estar examinando seu pé. Sua maleta de couro estava aberta sobre a colcha e enquanto isso sua mãe fazia trejeitos com os braços e amaldiçoava todos os presentes.

- Maldição! – Gritou deixando de lado os modos de uma dama. – Estou bem. Não foi nada mais do que uma simples torção e não necessito que me receitem descanso. Tenho milhares de coisas para fazer.

- Santo Céu, Helen, deixe que o doutor termine de uma vez – lhe deu um sermão sua irmã mais velha, que estava há pelo menos quarenta minutos procurando convencê-la de que era preciso ser examinada.

Suas reticências começavam a aborrecê-la.

- Trazê-lo foi ideia sua, certo?

- Pois sim – afirmou. – A queda foi estrondosa. Era o mínimo que se podia fazer.

- O melhor – opinou Roberta, mas com um tom mais baixo. Leonor se parecia bastante com ela e não só no aspecto físico. Era calma, dedicada aos demais e de certa forma, dócil. Além do mais, continuava tão solteira como ela.

- Mãe, deveria ouvir as tias.

Ao reconhecer a voz, os presentes viraram o rosto para Leonor, deixando o cômodo em um estupefato silêncio durante alguns segundos. Apesar de sentir todos os olhares nela, a jovem não perdeu nem um pinga de sua compostura, embora no fundo estivesse aterrorizada por como iria ser recebida.

- Leonor! – Exclamou Roberta, indo a seu encontro.

Sentir seu abraço foi sublime. Passou sete anos afastada de sua família e, embora tivesse se repetido mil e uma vezes que ela sozinha se bastava, a realidade se impunha: havia sentido terrivelmente sua falta. E ainda mais da sua querida tia, a única que havia advogado por ela.

Correspondeu-lhe com um sincero abraço.

Depois a seguiu Amélia, embora fosse menos efusiva. Tal como sua mãe, se aferrava muito às convenções. E ter renunciado a um noivado estabelecido dentro de seu mesmo círculo social era fora do convencional. Era escandaloso.

- Não se alegra de me ver, mãe? – Conseguiu perguntar enquanto secava os olhos avermelhados com um lenço de linho.

Ficou olhando-a com o coração apreensivo. Na realidade, não parecia doente. Sua pele tinha boa cor, seu penteado estava impecável e parecia que os anos não tinham passado por ela. Nenhum sinal destacável de envelhecimento. Além do mais, havia comprovado que seguia com o mesmo vigor de outrora.

- O que faz aqui, Leonor?

Para a jovem seu tom era de reprovação.

- Quer que eu saia?

- Eu não disse isso – respondeu sua mãe, endireitando-se. Observou-a de cima abaixo, avaliando o seu aspecto. Leonor sabia o que encontraria: um rosto sem um traço de beleza e um vestido azul dos mais discretos que não podia se comparar com os que havia usado no passado. É claro, não era o que se esperava da filha de Helen Price. – Só é que me surpreende sua visita.

- Soube de... - titubeou, sob seu escrutínio. – Soube de seus problemas de

saúde.

- Por Deus, que bobagem! Problema de saúde? Quem lhe contou essa fofoca? E tão rápido... - surpreendeu-se. – Mas não é nada. Só uma leve torção que se curará com um pouco de descanso e procurando não apoiar o pé. Vê? – Disse a suas irmãs. – Não necessito que o doutor Yakes me diga isso.

O citado fechou a maleta e se dispôs a sair.

- Será melhor que me retire e as deixe sozinhas. Senhorita Price, alegro-me em voltar a vê-la – disse com uma inclinação de cabeça.

- O mesmo digo, doutor.

- Mas se ainda não há... - protestou Amélia.

- Sua irmã está certa. O tornozelo está um pouco inchado e qualquer criada conhece dezenas de remédios para este problema. Regressarei em alguns dias, senhora Price.

- Acompanho-o.

O doutor levantou a palma da mão.

- Não é necessário. Conheço o caminho e as senhoras estão em família. Boa tarde.

Roberta aproximou uma poltrona com certa dificuldade até a cama de sua irmã e insistiu para que sua sobrinha se sentasse.

- Leonor, conte-nos como soube que sua mãe havia caído. Não foi um incidente público.

- Eu não me referia a isso, tia. Disseram que estava doente. Gravemente doente.

As três mulheres a fitaram como se tivesse falado uma grande estupidez. Estava começando a pensar que assim era.

- Por isso regressou a Boston? Queria se assegurar do tempo que me restava e ver quanto ia deixar para você?

Leonor ficou gelada, Roberta lançou uma exclamação e Amélia a censurou com o olhar.

Dizer que se aborreceu pela injustiça de sua acusação era dizer pouco. Ao que parece, sua mãe continuava ressentida por ter se empenhado em romper o noivado com Adam Henderson.

- Não vou dançar sobre seu túmulo, se é o que teme – declarou de forma cáustica.

- Filha, não seja vulgar.

- Pois não me faça ser – respondeu. – O dinheiro sempre me importou pouco. E o sabe. Pelo menos conceda-me isso.

Helen Price assentiu, devagar. Não eram as boas-vindas que Leonor esperava

receber, mas olhando de outro ângulo, poderia ser pior: não a havia mandado sair.

- Pode ver que estou perfeitamente, salvo esse pequeno incômodo que suas tias fizeram parecer pior do que é. Veio para ficar ou só temporariamente? – Provocou sem compaixão. – Pedirei às criadas que preparem seu quarto e cozinhem algum desses pratos que tanto gosta.

Leonor não soube o que pensar. Sua mãe parecia querer lhe estender uma mão, mas seguia soando brusca e autoritária.

Havia muitas pontas que acertar e chegando a esse ponto, talvez já não fosse viável.

- Mãe, tenho um quarto reservado no Parker House Hotel. – Não era que não quisesse ficar na casa, mas sim que lhe preocupava que não fosse boa ideia.

Helen franziu os lábios com desgosto. Para ela não havia pior ideia.

- Em um hotel? Veja só! Esta é sua casa – afirmou com contundência. Depois, agarrou a jarra de cristal que havia na mesinha junto à cama e serviu um pouco de água em um copo para bebê-la de um gole. – Que pensarão os nossos conhecidos? Pensou nisso? Porque os falatórios não demorarão em se propagar.

A Leonor pouco importava o que pudessem dizer sobre ela, mas ficou calada. Melhor não a contradizer.

- Toda minha bagagem está no hotel. Além do mais, não vim sozinha. – A imagem de Jonathan, que esperava no corredor, lhe veio à cabeça. Havia sido muito generoso por dedicar seu tempo completamente para acompanhá-la, se bem que não estava preparada para dar aquelas explicações a sua família.

De repente, Amélia pareceu interessada.

- Com quem?

- Ela é uma amiga – respondeu, pensando na duquesa viúva. – Melhor dizendo, minha patroa – se corrigiu.

- Patroa? – Perguntou sua mãe com voz estrangulada, enquanto cobria as bochechas com as mãos.

- Sim. Sou sua dama de companhia.

Aquela simples informação desatou a fúria de sua mãe. Achava indigno que tivesse caído tão baixo. Leonor Price provinha de uma das melhores e mais antigas famílias de Boston. Eles eram íntimos da elite da cidade, estudavam nos melhores colégios, apoiavam as artes, e inclusive impulsionavam organizações benéficas. Suas vidas sempre estavam na boca de todos.

Sua reação não se fez esperar.

- Insensata! Esta não é a educação que lhe proporcionei. Rechaçou a Adam para ser uma simples criada? Definitivamente, deve ter ficado louca.

Leonor se sentiu mal porque a ofendeu desse modo. Ela estava muito

orgulhosa de suas conquistas. Com apenas alguns dólares e nenhuma recomendação havia sido capaz de conseguir uma posição cômoda junto a Margaret. E bem remunerada, além do mais.

- Prefiro ser uma respeitável dama de companhia a ser esposa de alguém tão ruim como Adam Henderson.

Sua mãe não estava nada de acordo.

- E o que conseguiu em troca? Diga-me. Por Deus, Leonor, olhe-se no espelho. Ficou mais velha e deu as costas a sua família por um triste emprego. Que homem vai querer você agora?

- Perdão, mas creio que é o momento adequado para interromper.

As quatro mulheres ficaram estupefatas. As irmãs, pela presença no quarto de um charmoso e elegante desconhecido e Leonor, porque o conhecia bem: tratava-se de Jonathan.

Era difícil não o admirar, disse-lhe uma vizinha interior. Mesmo naquelas circunstâncias continuava sendo muito atraente, como se a viagem não o tivesse afetado. Exalava segurança em si mesmo, distinção e uma pitada de malícia. Pelo seu modo de vestir e de se comportar era óbvio que provinha de uma família com fortuna.

Ela se levantou da poltrona o mais rápido que pôde e avançou alguns passos em direção a ele. Não podia acreditar que tivesse se atrevido a entrar. Sua mãe não o veria com bons olhos.

- Jonathan... - começou a dizer antes de ser interrompida.

- Quem diabos é o senhor? – Quis saber a senhora Price, movida mais pela curiosidade que pela reprovação.

Não lhe haviam passado por alto as qualidades daquele sujeito.

Jonathan, consciente do impacto que causava sua presença, tratou de tirar vantagem. Sempre havia sabido desenrolar-se bem e sabia como deslumbrar a uma audiência, e melhor ainda quando se tratava de uma feminina. Assim então esboçou um radiante sorriso que poderia derreter o gelo e fez uma pequena e elegante reverência.

- Senhora Price, é um prazer conhecê-la. Sou Jonathan Wells, o noivo de sua filha.

- Noivo! – Escutou-se dizer.

Não soube quem das quatro mulheres se surpreendeu mais, porém podia apostar que foi Leonor, que o olhava atordoada. Abriu a boca e voltou a fechá-la sem poder articular palavra. Com habilidade, aproveitou seu atordoamento e se deslocou até o seu lado, para depois segurar sua mão e beijá-la no dorso.

O contato, suave como um murmúrio, deixou uma impressão em Leonor. Ficou sem ar, suas pupilas se dilataram e um repentino calafrio lhe percorreu as

costas. Jamais teria acreditado possível que tais emoções chegassem a constrangê-la desse modo, e muito menos depois de descobrir os sentimentos dele por Isobel. No entanto, estava caindo a seus pés com uma debilidade inusitada.

- Isso não é...

Pela segunda vez foi interrompida, embora desta vez por Jonathan.

- Não procure negá-lo... amor. Dissemos que esperaríamos que a saúde de sua mãe melhorasse, mas devo reconhecer que eu a encontro passando bem. Magnífica, diria eu.

- É claro que estou – comentou Helen, lançando um suspiro tão prolongado como resignado e contemplando o casal com os olhos entreabertos. – Não sei de onde saiu essa ridícula ideia de minha filha.

“De Kenneth”, quis gritar ela, se bem que não o conseguiu. Era como se sua mandíbula ficasse petrificada e fosse incapaz de negar aquela farsa.

Jonathan deu de ombros com despreocupação. Parecia muito cômodo com tudo aquilo.

- Suponho que deve se tratar de um desafortunado erro, mas não há mal que não venha para o bem. Não acredita?

- É claro – confirmou Helen Price que, estando sentada sobre a cama, havia mudado sua posição corporal. Naquele momento, sua postura era régia e autoritária. Estava acostumada a que as coisas se fizessem como ela ordenava e as surpresas não costumavam ser do seu gosto. – Por Deus, aproxime-se mais para que possa vê-lo melhor. – Não ocorria à mãe de Leonor nenhum problema de visão, só queria saber se sua primeira impressão era correta. – Qual é seu nome, cavalheiro?

Como se não tivesse prestado atenção.

- Jonathan Wells a seu serviço, senhora. E ao das senhoras – acrescentou dirigindo-se desta vez a Roberta e Amélia. – Devem ser as tias de minha querida Leonor – disse com voz melosa.

- Leonor não nos havia dito nada – queixou-se Amélia. – Não sei por quê o tinha escondido.

Jonathan juntou os lábios, formando uma linha reta com eles. A tia de Leonor insinuava que ele não era o candidato perfeito e que com segurança ocultava algum segredo de que se envergonhava.

Mas que equivocada estava. Aquela família o adoraria em um abrir e fechar de olhos. Prometia-se.

- Melhor diria que é bem discreta – explicou, dedicando um amplo sorriso a cada uma. – Estou seguro de que sabem o modelo de virtudes que é, assim como a discrição é uma qualidade que a caracteriza. Não é adorável?

- Sabe que trabalha como dama de companhia – disse sua mãe com um toque

de censura. Jonathan assentiu com a cabeça. – E o aprova?

Jonathan aproximou Leonor até a poltrona que havia estado ocupando e a fez sentar com delicadeza. Ele se situou a suas costas, apoiando as mãos no encosto, roçando seus ombros.

- Prefiro-o mil vezes a vê-la mendigar pela rua. Ou que a obriguem a casar-se com outro – apontou, para que ficasse claro que condenava suas ações do passado. – A duquesa viúva tem um grande afeto a Leonor e são mais amigas que empregada e patroa. Mas quando nos casemos ela terá tudo quanto deseje sem ter que mover um só dedo.

Helen pestanejou repetidamente. Uma palavra em especial havia captado sua atenção.

- Desculpe, disse duquesa?

- Isso foi o que me pareceu escutar – intercedeu Amélia.

Jonathan riu internamente. Haviam engolido o anzol. Quem ia poder resistir a um elevado membro da aristocracia inglesa, mesmo nos longínquos Estados Unidos? Era apetitoso demais.

- Amor, acaso não lhes contou que Margaret, duquesa viúva de Dunham, viajou até Boston conosco como prova de sua amizade? Seu neto, o atual duque, é meu melhor amigo e sua esposa, a duquesa, adora Leonor.

Outra mulher em sua situação teria se enfurecido. Outra mulher em sua situação solitaria fogo pelos olhos enquanto internamente amaldiçoava Jonathan cem vezes por ter inventado aquela mentira que a aprisionava mais contra a parede.

Ela não. Leonor manteve a compostura todo o tempo e negou com a cabeça.

Estava certa de que Jonathan o havia feito de boa-fé, para ajudá-la a se sair bem das reprovações de sua mãe, mas se a tivesse conhecido mais, saberia que ela preferia encarar a verdade a se esconder atrás de uma farsa.

Era inegável que sua mãe havia passado de uma terrível decepção a uma gloriosa esperança. Ela se dava conta, Jonathan também... Enfim, todos o faziam. Sua filha, uma causa que já parecia perdida, fonte inesgotável de seus pesares, havia encontrado alguém disposto a se casar com ela. E o que era melhor, parecia um homem rico, cavalheiresco, bem posicionado socialmente e sem ninguém que o coagisse para aceitar unir sua vida à dela.

Ao contrário de sua mãe, a Leonor aquele compromisso não cheirava bem. A flagrante mentira a colocava, novamente, em uma posição delicada.

Cheia de confusão, fez o único que podia fazer naquele momento: tratou de relaxar sua expressão e passou a relatar sua vida como dama de companhia junto à duquesa viúva. Uma vida que afinal resultou ser do agrado de sua mãe.

Santo Céu, bendito fosse o poder da nobreza!

E assim, pensou, que entre tantas narrativas sobre bailes, lanches campestres, visitas ilustres e pomposas bodas ducais, poderia conseguir que Helen Price se esquecesse do suposto noivado.

Vã esperança.

- É indesculpável o que fez, senhor Wells – expôs Leonor, saindo da casa com passo decidido. Seu tom continuava sendo tão calmo e melodioso como sempre, mas seu interior fervia de indignação. – Quem lhe pediu que interviesse em meus assuntos?

Jonathan começou a andar, colado às suas costas. Ele não acreditava que todo o assunto fosse tão reprovável.

- Deveríamos pegar uma carruagem – protestou, ao vê-la tão decidida a ir até o hotel a pé.

- Pegue o senhor – respondeu sem mostrar o mínimo azedume. – Creio que necessito de um passeio.

- Não sei por que está tão aborrecida comigo, Leonor.

- Porque não pensou nas consequências de seus atos.

Naquele ponto ela tinha razão.

- Não muito, é verdade. – Porém, ainda assim, ele sabia tirar o máximo proveito daquela situação. – Não deseja fazer as pazes com sua mãe? Porque agora tem a oportunidade de fazê-lo.

Leonor refutou imediatamente sua consideração.

- Inventando um conto, fruto de sua imaginação, senhor Wells? Obrigada, mas não. Sabe o que ocorrerá quando saiba de tudo?

Nem sequer queria imaginar.

- Não tem porque fazê-lo. Podemos dissolver o noivado quando ache oportuno.

Leonor se deteve subitamente e voltou-se para encará-lo. Realmente, era muito ingênuo.

- Outro? – Um já nas minhas costas não é o suficiente? – Sete anos de separação com sua mãe era o que havia conseguido por se opor ao casamento com Adam Henderson. Saber que na realidade nem Jonathan nem Leonor estavam pensando em se casar seria como uma brincadeira de mau gosto para ela. Ou pior, como uma afronta pessoal que faria impossível a reconciliação entre ambas.

Vá-se saber no que diabos estava pensando Jonathan.

Por um momento teve uma suspeita inquietante. Nos últimos meses havia participado de uma farsa que terminou na paixão de seu melhor amigo com Edith Bell, com uma atuação mais que destacável. Para Jonathan foi muito

gratificante e divertido participar disso, como se conspirar com a duquesa viúva pudesse tirá-lo do tédio com que havia chegado a Commor Manor.

Estaria fazendo o mesmo com ela? Perguntou-se. Talvez tivesse brigado com Isobel e aquela viagem servisse como desculpa para colocar alguma distância entre eles.

- Acaso acha isso divertido? Estou sendo um divertimento para o senhor?

Jonathan a fitou com o cenho franzido.

- Por Deus, não! – Exclamou ofendido ante semelhante pergunta. – Levo-a muito a sério, Leonor.

Ela não se deixou enganar pelo galanteio.

- Afirmou diante de três testemunhas que pensa contrair casamento comigo. Sabe, se fosse uma mulher mesquinha poderia lhe exigir que cumprisse sua palavra até o final.

O comentário lhe pareceu engraçado. Ele não esperava que Leonor dissesse aquilo.

Presenteou-a com um sorriso que conseguiu contrariá-la.

- Vai fazê-lo? Obrigá-me, quero dizer.

Seu tom era desafiador e até certo ponto arteiro. Teve a terrível sensação de que estava brincando com ela.

- É claro que não – negou taxativamente. – Sabe o quê? Prefiro mil vezes a companhia de Georgette!

Leonor prosseguiu seu caminho sem se dignar a lhe dirigir o olhar enquanto a gargalhada de Jonathan permanecia flutuando no ar.

3

A mesa do café da manhã estava situada discretamente num canto, junto a uma janela abobadada, e ladeada por um par de palmeiras que ultrapassavam a altura de Leonor. Com o sol filtrando-se agradavelmente através dos vidros e das finas cortinas, a jovem se concentrou na xícara de porcelana que sustentava nas mãos. Ao fundo escutava a conversa da duquesa viúva e as lacônicas respostas de Jonathan.

Na noite anterior, Margaret havia sido colocada a par da nova situação. Dizer que havia-se surpreendido era pouco. No entanto, foi bastante econômica nas palavras. Não deu conselhos nem advertências; só prometeu que os ajudaria em tudo o que pudesse. Quis agradecer sua boa predisposição, mas Leonor não estava certa de poder sustentar aquela mentira. Ou de querer, embora ainda não tivesse decidido nada. Por isso, nesse dia se mudaria para seu antigo lar junto a uma convidada especial: a duquesa viúva, que havia aceitado encantada hospedar-se com os Price. Jonathan, em troca, permaneceria no hotel. Sua mãe considerava que deviam manter os bons modos e manter os noivos sob o mesmo teto poderia suscitar comentários mal-intencionados.

Apesar de seu pé inchado e da dor que começou a sentir nele, Helen Price começou a organizar um elegante jantar familiar sem o consentimento de ninguém. Estava encantada ante a perspectiva de um bom casamento. Leonor contava já com vinte e sete anos e seria impossível, sob seu ponto de vista, achar um partido decente. Isso sem ter em conta a obstinada reticência da jovem. No entanto, não estava disposta a entregá-la a qualquer idiota interesseiro. Embora as primeiras impressões fossem favoráveis, ainda estava por decidir se o senhor Wells era apto para o posto e podia lhe dar o consentimento, ou se se tratava de um patife que havia engabelado a sua filha.

Submetê-lo a uma intensa inspeção lhe daria a oportunidade de averiguá-lo.

Um jantar com toda sua família e com Jonathan como noivo era a última coisa que Leonor queria. Porque era uma farsa, é claro. Ela era a rainha do sossego e da tranquilidade, mas só em pensar nisso sentia-se desassossegada. Não desejava ser julgada pelos sete anos de sua ausência e pelo que havia decidido fazer durante esse tempo. E o pior de tudo? Que deveria suportar Adam Henderson, seu antigo noivo. Sua mãe havia demorado um pouco em colocá-la em dia sobre o que havia perdido: sua prima Beatrice e ele acabaram casando-se.

Saber disso a indignou. Não porque tivesse o mínimo sentimento por Adam, - a não ser o desprezo - mas porque a haviam tratado como se fosse uma idiota. Ambos haviam sido amantes durante seu longo noivado e se ela o soube foi por pura casualidade. Sentia-o como uma zombaria e, para o cúmulo dos males, agora devia suportá-los.

Por culpa deles havia rompido a relação com sua mãe e havia ficado afastada de casa durante sete anos!

Se tanto desejavam estar juntos, por que não lutaram por isso?

Suspirou em silêncio, deixou a xícara sobre a mesa e pegou um pedacinho de maçã cortado para dar a Georgette, que aguardava sobre o encosto de uma cadeira vazia.

Notou como o olhar de Jonathan pousava sobre ela e fingiu que não percebia.

Era perigoso o rumo que os acontecimentos haviam tomado. Estar noiva, embora fosse uma farsa, não estava em seus planos e muito menos com o homem que invadia sua pacífica vida sem nem fazer barulho. Leonor se preocupava que seus sentimentos fossem se intensificando. Seu humor, às vezes irreverente; sua perspicaz inteligência e o modo com que ele levava a vida já a haviam conquistado meses atrás. Mas havia sofrido uma terrível decepção em Commor Manor quando compreendeu que sua relação era amistosa e nada mais; que amava outra.

Não desejava cair novamente na decepção.

Portanto, seria um alívio mudar-se para a mansão e não ter que vê-lo toda hora. Embora tampouco pudesse escapular. A forma como Jonathan havia-se intrometido em sua vida a obrigaria a passar tempo a seu lado, a fingir diante de toda a sua família.

A pergunta era: teria forças suficientes para resistir?

- Arara afortunada - ouviu falar além de seus pensamentos. Jonathan a observava com intensidade, enquanto a duquesa viúva escondia seu sorriso atrás de sua xícara de porcelana. - Vai estragá-la.

Era bem sabido por todos que Jonathan a mimava em excesso com a comida. E isso só era a parte mais insignificante. Tratava Georgette como se fosse uma amiga ou uma companheira de incansáveis lutas, tolerava suas irreverências e até as divulgava. Além do mais, a levava consigo a todas as partes, sem se importar o mínimo com o receio que despertava nos demais.

Não fazia nem um dia que se hospedavam no hotel e o animal havia despertado tanta curiosidade como animosidade.

- Mais do que o senhor? - Leonor o contradisse. Fazia tempo que Jonathan havia deixado de lado a formalidade e a tratava por você. Ela, em troca, continuava apegada àquele convencionalismo social. Pelo menos enquanto sua

família não estivesse presente. – Georgette, quer mais maçã?

- COMIDA!

Leonor não a fez esperar e voltou a lhe dar um pedaço de fruta.

- Se alguém a conhece bem, é impossível não cair rendida a seus encantos.

A gargalhada de Jonathan surgiu de improviso, atraindo uma ou outra olhada de reprovação das mesas vizinhas, que já aguentavam bastante com a ocasional gritaria do pássaro azul e amarelo. Entretanto, para Leonor, vê-lo sorrir fez com que seu coração se acelerasse de um modo alarmante.

- Estamos falando da arara? – Perguntou Jonathan, com expressão divertida e se encostando no encosto de sua cadeira. Leonor pensou que essa manhã havia amanhecido mais atraente do que o habitual. – Georgette não é santa de devoção de ninguém que conheça. Quando muito, a toleram.

Como primeira impressão, a arara costumava causar entusiasmo. Sua plumagem colorida e seu comportamento majestoso eram vistos, tanto pelas classes aristocráticas como pelos plebeus, como um produto exótico a admirar. Depois... bom, certo era que as opiniões variavam.

- Só alguns poucos podem apreciar sua essência – murmurou Leonor, esboçando um sorriso momentâneo. Quem iria dizer a ela que durante um mês se converteria em babá de semelhante pássaro? E tudo pelo capricho do mesmo animal. – É escandalosa, intrometida, inoportuna e extravagante, então só alguns poucos eleitos podem apreciar sua essência – repetiu.

- Com fraqueza por certas damas, acrescento eu.

- Todos esses adjetivos me são familiares – interveio a duquesa viúva, repentinamente de tão bom humor como os presentes. – Atrevo-me a dizer que animal e dono se parecem mais do que havia pensado... ou que ambos têm os mesmos gostos.

- Quanto à comida ou às mulheres?

- Deixarei que vocês decidam – disse enquanto procurava se levantar. Leonor acudiu de imediato a ajudá-la. – Não é necessário, menina. Só vou pegar o meu xale. O deixei esquecido em meu quarto.

- Eu irei – ofereceu-se Leonor com a amabilidade que a caracterizava e Margaret voltou a se sentar. Estava tão acostumada a satisfazer as necessidades da duquesa viúva que não lhe parecia nenhum esforço.

- Não tem por quê fazê-lo. Não é sua obrigação – procurou fazer com que ela compreendesse. – Pelo menos não nesta viagem.

De seu lugar, Georgette movia a cabeça para olhar alternadamente para Jonathan e Leonor. Ela estava a ponto de sair e o animal parecia estar se decidindo com quem queria ficar. Finalmente, voou até pousar sobre o ombro da jovem.

Os lábios de Jonathan desenharam uma careta marota.

- Ingrata.

Leonor inclinou de lado o rosto e ficou olhando a mesa do desjejum, onde Jonathan e Margaret permaneciam sentados.

- Só tem bom gosto – declarou, enquanto dava a volta e saía da sala de refeições.

Enquanto se afastava, Jonathan não tirou os olhos de sua figura. Era uma mulher que sabia ganhar o carinho dos demais com a suavidade de seu jeito, com um alto sentido da lealdade e da dignidade que a caracterizavam. Além do mais, havia deslumbrado a Georgette e aquilo já era uma prova de seu modo de ser e de seus honestos sentimentos. Talvez carecesse de beleza, mas seu encanto a compensava com sobras.

Isobel, em troca, era tão formosa que doía. E lhe havia feito perder a cabeça durante anos. Mas esse sentimento implicava culpa, uma culpa sobressaltada que não o havia deixado seguir adiante com total liberdade. Havia sido impossível aceitar que a mulher que desejava e amava havia beijado seu pai, dormido com ele. Isso e que ela não parecesse interessada nele como homem, o haviam mantido sempre a uma distância prudente.

Conjecturou que, a estas alturas da vida, preferia a simplicidade à sofisticação, se fosse obrigado a escolher.

Era estranho que tivesse demorado tanto tempo em compreendê-lo.

A duquesa viúva disse algumas palavras nas quais ele não reparou e ela teve que tirá-lo de seu estado meditativo com um suave aperto no braço.

- Jonathan, querido. Agora que estamos a sós, gostaria que respondesse a algumas perguntas.

Ele focou sua atenção na anciã.

- Prossiga.

- O que é que pretende? Por que fez isso?

Apesar de não ser muito precisa, Jonathan sabia do que estava falando.

Fez-se silêncio. Ele também se havia feito a mesma pergunta repetidamente; ainda assegurando à própria implicada que havia sido por ela.

Deu de ombros.

- Agi por instinto. Veja, eu estava esperando no corredor. Leonor havia deixado a porta entreaberta e de onde estava podia escutar perfeitamente a conversa do interior. Leonor decidiu ser honesta com sua mãe e lhe contou o que havia estado fazendo. Refiro-me a que trabalha como dama de companhia. Como é de imaginar, as reprovações da senhora Price não se fizeram esperar. – A duquesa viúva assentiu com a cabeça. – Não podia ficar de braços cruzados e permitir que a humilhasse desse modo.

- Então decidiu salvá-la e se levantou como um cavalheiro de brilhante armadura – concluiu ela com satisfação.

Embora não o tivesse manifestado em voz alta, a duquesa viúva estava encantada com aquele plano que havia saído do nada. Era muito oportuno. Leonor era uma pessoa muito querida e desejava para ela total felicidade. E era óbvio que aquele par tinha sentimentos entre eles. Também compreendia as dúvidas de Leonor a respeito da outra mulher, mas as ações de Jonathan indicavam que sua proximidade não se devia só a sua recente amizade. Então aquele noivado bem podia ser a catapulta de que necessitavam para ser sinceros um com o outro.

Seria tão bom se...

- Mais ou menos. – Não foi premeditado, melhor diria um impulso.

- E isso é tudo? Não há nenhum motivo oculto?

Ele deu uma piscada a Margaret, pois era uma mulher astuta como também intrometida.

- Não creio que seja justo julgá-la porque continua solteira. Talvez seja porque não encontrou o homem adequado.

Em seu interior a anciã mostrou regozijo por essas palavras. Tomou como uma declaração de intenções. No entanto, isso não significava que tudo estivesse feito.

- E esse seria você? – Não pôde evitar perguntar.

Jonathan esperou alguns segundos antes de responder. Não havia falado disso com ninguém, nem nunca o havia colocado em palavras. O aparecimento de Isobel em Commor Manor havia rompido seu doce interlúdio com Leonor e a possibilidade de se entregar a ela por completo. E isso o aborreceu muito.

Jonathan não estava seguro de ter superado sua paixão anterior. Pelo menos não de todo. Nas últimas semanas Isobel lhe havia aborrecido mais do que agradado e em parte aquela viagem a Boston havia sido para fugir dela. Mas, seria um sinal claro de que seus sentimentos por ela haviam desaparecido?

Por outro lado, a jovem dama de companhia às vezes o enlouquecia e ansiava por ultrapassar essa linha invisível que ela havia desenhado. Odiava que a magoassem ou menosprezassem e estar a seu lado era um prazer. Queria ajudá-la em tudo que fosse possível, mas era muito arriscado afirmar que ambos eram feitos um para o outro.

- Não sei. Quem conhece os segredos do coração? Gosto de Leonor e a admiro pelo que é. Sinto-me bem a seu lado e desejo conhecê-la mais profundamente. Se ela me deixasse...

Havia algumas vezes em que a jovem parecia sentir-se à vontade em sua companhia e ambos compartilhavam um sentimento de afinidade sem a

necessidade de pôr as cartas sobre a mesa. Noutras se mostrava muito esquiva e silenciosa.

Um pensamento cruzou a mente de Jonathan.

- Ela fala com a senhora sobre isso?

As duas mulheres compartilhavam muitas horas juntas e, embora Leonor nunca houvesse falado de seu passado, tampouco era um disparate pensar que a jovem tivesse se confessado com sua patroa.

Um raio de esperança nasceu dentro dele. Jonathan se disse que, não fazia muito, a duquesa viúva e ele haviam sido cúmplices numa trama que terminou em casamento. Bem podiam voltar a ser.

Margaret elevou os cílios e o fitou com atenção. Seus olhos brilhavam de um modo especial.

- Não posso trair sua confiança.

Ela não se mostrou tão colaborativa como tinha esperado, mas o tom com que o disse, sutil e carregado de advertências, lhe fez ver que devia olhar mais além das palavras.

- Então, isso é um sim – insistiu ele.

- Ou um não – intercedeu ela. – Só vou dizer que dê tempo a Leonor. Este noivado que você inventou servirá não só para explorar seus novos sentimentos, como também os dela.

Era justo, compreendeu Jonathan.

- Está bem – aceitou. – Mas diga-me: conto com sua ajuda?

Um sorriso escandalosamente familiar se desenhou em seus lábios.

- Incondicionalmente!

Depois do desjejum e antes de organizar seu traslado, Leonor decidiu sair em busca de seu primo para solucionar de uma vez por todas o mal-entendido quanto à doença de sua mãe. Necessitava assegurar-se de que era uma invenção e afastar qualquer resquício de dúvida que lhe restasse. Não podia ser que Helen Price lhes ocultasse algo tão importante.

Quanto a Jonathan, vá-se saber por que havia insistido em acompanhá-la. Em troca, Margaret preferiu ficar para dar um passeio com sua criada pessoal nos arredores do hotel e assim conhecer um pouco da cidade.

Leonor pensou nisso novamente enquanto a carruagem se deslocava através das ruas e caminhos empoeirados que conduziam até a refinaria pela qual Kenneth era responsável. Só o tornozelo de sua mãe parecia suscitar preocupações nos demais, havia comprovado isso com as palavras de suas tias e do doutor. Se alguém não levasse em conta a recente lesão, ela parecia completamente sã. Então, suspeitava que, na realidade, era uma artimanha de

Kenneth para trazê-la de volta a Boston.

Mas desconhecia seu propósito.

Jonathan tinha sua própria teoria. Retorcida, é verdade.

- Kenneth deseja afastá-la da herança de sua mãe de uma vez por todas para ficar ele como único beneficiário em seu testamento – opinou.

- TESTAMENTO! – Exclamou a arara. – TESTAMENTO!

- Georgette está de acordo – assentiu com satisfação, como se o animal fosse suficientemente inteligente para entender de conspirações. – Seu primo deve estar convencido de que, ao continuar solteira e ter sido obrigada a trabalhar para ganhar seu sustento, e uma vez que sua mãe o descobrisse, terminaria por se desiludir de você.

Leonor o desestimulou imediatamente.

- Bonita teoria, - debochou ela – mas em minha família não somos tão maquiavélicos.

Ele elevou uma sobrancelha com ceticismo.

- Perdoe se não estou de acordo. É minha imaginação ou na realidade o senhor Henderson, que foi seu noivo anteriormente, é o esposo de sua prima? Nem sequer esperou que esfriasse seu túmulo. Alguns poucos meses foram suficientes para contraírem casamento.

Leonor esteve a ponto de sorrir pelo uso das palavras.

- Mas eu não estava morta. E além do mais, fui eu quem o deixou.

- Pode ser, embora isso não os desculpe. Não se esqueça de que mantinham uma relação licenciosa nas suas costas.

- Adam e Beatrice não tem nada que ver com Kenneth. São de outro ramo da família. E meu primo é totalmente diferente. Não se deixa deslumbrar pelo brilho do ouro.

- Talvez esteja descrevendo o homem que conhecia há passados sete anos, Leonor – recordou-lhe.

Ela teve um momento de dúvida.

- Minha mãe me deserdou tão logo pus um pé na rua – argumentou a jovem. Talvez Kenneth já não seja como antes, mas não tinha nenhum motivo para odiá-la.

Jonathan inclinou o rosto para o lado e cravou seu olhar nela.

- Está certa disso? Que a ameaçasse de fazê-lo não significa que o fizesse. Quem sabe, manteve a esperança de que um dia você regressaria. Por isso seu primo tramou todo este plano.

- Por isso insistiu em acompanhar-me? Suspeita que pode atentar contra mim? Parecia-lhe um pouco exagerado, para não dizer muito.

- Não quero que a magoem, Leonor.

A sinceridade de Jonathan conseguiu que a jovem deixasse de lado suas reticências. Levantou o olhar e topou com os olhos verdes que brilhavam com intensidade.

Teve a desconcertante sensação de que podiam atravessar sua alma.

Seria fácil amá-lo, sussurrou sua voz interior. Estava segura disso. Apesar de certos aspectos um tanto extravagantes, Jonathan era caloroso, afável, leal e carente de maldade. Era como uma brisa fresca em sua alma, tão esperado como um ensolarado verão, tão protetor como um ansioso abraço. E suspeitava que muito apaixonado.

Só de pensar nisso lhe veio um tremor, que conseguiu dissimular fazendo parecer que se acomodava bem no assento da carruagem.

Era praticamente impossível não reparar nele todo, embora fosse melhor pensar que não podia se permitir isso.

Procurou aliviar o clima do ambiente, que, de repente, parecia pesado.

- Se o que o senhor diz sobre Kenneth for certo, ele terá uma terrível desilusão ao saber que minha mãe me convidou para ficar – comentou com voz tranquila. Não é que temesse seu primo, mas tampouco queria pecar por confiar demais.

Talvez no fundo Jonathan tivesse uma pitada de razão.

- Certamente – concordou ele. – Só em observar sua reação serei capaz de discernir suas intenções. – Ela franziu os lábios num gesto quase imperceptível. Apesar disso, Jonathan mantinha os olhos cravados nela e em seus movimentos, por isso acabou se dando conta. – Não está de acordo?

- De seus dotes de percepção? Não sabia que meu noivo possuía tais qualidades.

Leonor comentou de forma relaxada. Ele parecia tão seguro de si mesmo e de suas suposições que a menção ao noivado não tinha como deixar de soar irônica. E o que parecia uma alfinetada sem importância se converteu em um momento embaraçoso, porque imediatamente ela se deu conta de que havia extrapolado. Acabava de falar como se na realidade ambos estivesse noivos e não conforme a farsa que na realidade era.

Fez um esforço para não ruborizar.

Por sorte, ele a tirou do apuro.

- Se Kenneth lhe der afetuosas boas-vindas e parecer verdadeiramente contente por seu regresso, como se esperaria de dois primos que não se veem há anos, terá que escutar suas explicações, se não... - Jonathan calou durante alguns segundos. – Uma contração em seu rosto será suficiente para delatá-lo.

- Bem, não demoraremos muito em averiguar suas intenções.

Leonor continuou conversando, embora desta vez falasse sobre a refinaria de

açúcar da qual sua mãe era a proprietária. Ainda que não se tratasse da única fonte de recursos da família, esta era grande parte da fortuna que seu falecido pai construiu.

Contou-lhe a história desde o princípio.

Antes de seu nascimento, Brandon Price viajou até a Inglaterra para comprar os projetos e compreender o processo de produção. Depois fez construir um edifício de sete andares, de mais de vinte metros quadrados, comprou a maquinaria necessária e contratou noventa empregados.

No começo conseguiu refinar três toneladas de açúcar anuais, mas em poucos anos alcançou uma cifra que superava a quinze toneladas, conseguindo ampliar a refinaria e o número de empregados até duzentos.

Jonathan assobiou baixo.

- Então se trata de um negócio lucrativo. Quem teria acreditado que o açúcar dava tanto?

Antes e durante a viagem aos Estados Unidos, Leonor havia feito menção a quão próspera era sua família e as boas relações que tinham, tanto na cidade como no Estado de Massachusetts. Mas relatá-lo não era o mesmo que demonstrá-lo. E a magnífica mansão que servia de lar aos Price era prova disso, pois não destoaria em nada entre os bairros aristocráticos de Londres.

Com tudo isso e ignorando o quanto se pagava pelo quilo do açúcar, calculou bem por cima que os negócios que o próprio Jonathan havia herdado de seu pai e que administrava na atualidade geravam rendimentos muito superiores. Sua fortuna se diversificava na exploração de minas distribuídas por todo o mundo, investimentos diversos na Inglaterra e no Caribe e até se atrevia no comércio em grande escala em terras tão distantes como o Oriente. Acontece que se sentia um tanto entediado.

Fazia tempo que se dizia que precisava mudar.

A carruagem virou à direita e pegou um caminho que corria paralelo ao muro de pedra que rodeava a propriedade.

- Estamos chegando – advertiu Leonor.

Naquele ponto o mar estava próximo. O cheiro de maresia era intenso e o som das gaivotas inconfundível. Jonathan supunha que haveria algum porto próximo que facilitaria o transporte de cargas.

Mal passaram alguns segundos antes que a carruagem se detivesse diante de uma porta engradada onde um guarda se ocupava da vigilância. Quando retomaram a marcha, Jonathan inspecionou os arredores através do vidro em solene silêncio. Pouco a pouco foi vendo um numeroso grupo de construções baixas, em que sobressaía um edifício de tijolos vermelhos que tinha uma enorme chaminé soltando fumaça negra.

Quando chegaram a seu destino, Jonathan desceu primeiro e ajudou Leonor a fazê-lo. Depois deu uma olhada a seu redor, pagou ao cocheiro e lhe ofereceu uma generosa quantia para que os esperasse. Em outras circunstâncias, teria decidido fazer uma visita guiada pela refinaria para compreender o modo como funcionava. Contudo, tanto Leonor como Margaret deviam deixar o hotel e mais tarde faria um lanche com sua sogra, uma mulher a quem desejava agradar.

Pensou em enviar o senhor Pickens, que desde sua chegada tinha pouco ou nada que fazer, e lhe pediria que averiguasse se se tratava de um negócio lucrativo como parecia. Nunca se sabe...

Após isso, só foi questão de minutos para que um tal senhor Miller, o secretário, os conduzisse até o escritório ocupado por Kenneth Saunders, o primo de Leonor por parte de mãe.

Kenneth se levantou de sua cadeira e se aproximou dela com um sorriso pintado no rosto. Em seus trinta e três anos, havia perdido seu encanto juvenil, substituindo—o por um aspecto mais maduro e ganhando também um pouco de peso que não lhe assentava bem.

Antes de abraçá-la exclamou: - Prima!

Leonor pareceu detectar uma pitada de alívio em sua voz, entremeada com a surpresa e a alegria. Não havia rastro de rancor ou de perversas maquinações.

Esteve tentada a olhar para Jonathan e lhe dizer: “Vê? Seu instinto falhou”, mas não desejava se vangloriar. Além do mais, Kenneth a manteve bem apertada num abraço.

- Pelo amor de Deus! Quando chegou? Como não me avisou?

- Acabo de fazê-lo – respondeu ela com calma. – Quando fui ver minha mãe e comprovei como estava saudável, pensei em você imediatamente.

Viu-o engolir em seco e se retrair imediatamente. Em seguida, desviou o olhar para seu acompanhante.

- E o cavalheiro é...

Este estendeu a mão.

- Jonathan Wells, o noivo de Leonor.

Kenneth abriu desmesuradamente os olhos, enquanto Jonathan o contemplava com receio. Suas suspeitas pareciam ter certo fundamento.

- Surpreso?

- Bom, sim. Mas não é que não me alegre por você, prima – se apressou a explicar. – Quando mandei averiguar onde havia se metido e como era sua vida nunca me informaram de que estava noiva. Dou-lhes os parabéns.

- Você, senhor Saunders, acaba de ir direto ao ponto. Leonor e eu ficaríamos encantados em conhecer os motivos pelos quais se pôs em contato com ela, pois não parece que se trate da saúde de sua querida tia. Isso ou teve uma recuperação

milagrosa – comentou, mordaz.

Kenneth agitou as mãos, nervoso. Finalmente, suspirou sonoramente.

- Tudo tem uma explicação de peso – disse olhando de um a outro. – Devia buscar um bom motivo pelo qual quisesse regressar.

- Então confessa que me enganou.

Ele assentiu, devagar.

- Sim, o fiz.

- Mas, por quê? – Ela quis compreender.

- Sentem-se, por favor – pediu-lhes. – Creio que ambos entenderão quando explicar. – Kenneth fez uma pausa enquanto o casal se sentava em um cómodo sofá do escritório. Ele pegou uma cadeira e a situou diante deles. Entrelaçou os dedos de suas mãos sobre o colo e deixou o olhar vagar. – Ao longo dos anos, – começou dizendo – sua mãe realizou diversas doações à Boston Society of Natural History. Trata-se de uma generosa benfeitora. Isso me permitiu entabular, com o tempo, uma amizade com vários de seus membros. Há doutores, cientistas, engenheiros, entomólogos e até paleontólogos. – Leonor se perguntou o que teria aquilo a ver com seu regresso, mas decidiu ser paciente. – Faz pelo menos três anos que se fala em organizar uma expedição ao continente africano, um lugar onde os exploradores mal pisaram. Podem imaginar!? – Exclamou com tal paixão que pegou a jovem desprevenida.

Ela e Jonathan trocaram um olhar.

- RAIOS! – Opinou Georgette, que de repente passou a atrair toda a atenção.

Seu primo ficou estupefato. Havia reparado na arara quando Jonathan entrou no escritório. Suas plumas amarelas e azuis eram dignas de contemplar, mas seu reencontro com Leonor e as posteriores explicações haviam feito com que a esquecesse por alguns instantes.

Agora tudo isso mudou.

- Não tenha em conta seus arroubos – aconselhou—o Jonathan.

- Fala! – Ser testemunha da clareza com que aquela criatura se expressava era um privilégio. Seus amigos da sociedade o invejariam por terem perdido isso.

- É claro que fala. Melhor dizer que a maior parte do tempo só diz tolices.

Leonor dissimulou um sorriso, mas Georgette não parecia estar de acordo com seu dono.

- MALDITO PATIFE!

Kenneth não podia afastar os olhos de Georgette.

- É assim o tempo todo?

Jonathan revirou os olhos.

- Mais do que desejaria. Adora dar um espetáculo. É tão dramática como uma boa ópera.

- Pensou em vendê-la? Conheço algumas pessoas que...

A arara não gostou nada daquela ideia. Começou a lançar uma série de gritos enquanto batia as asas, para logo começar a voar pelo cômodo.

- Gosta muito dele – explicou Leonor a seu primo em voz baixa. – Será melhor que não volte a tocar nesse assunto.

Kenneth assentiu com a cabeça, impressionado.

Jonathan demorou um par de minutos para acalmar o animal. As ameaças não serviam muito com ela, então moderou seu tom até soar tranquilizador.

- Ninguém a venderá – disse-lhe finalmente.

Tão logo o animal se sentiu convencido, regressou a seu ombro.

Depois de recuperar a calma, seu primo se desculpou. Não havia sido sua intenção ofender ninguém. Só então pôde regressar a suas explicações.

Pigarreou.

- Como dizia, depois de muitos debates no seio da sociedade, decidiu-se preparar a tão ansiada expedição, arrecadando fundos, conseguindo as permissões, traçando metas... Após meditar com profundidade, eu decidi me unir a eles. Não há nada que goste e me emocione tanto.

Leonor abriu a boca. A teoria de Jonathan acabava de vir abaixo.

A surpresa deu passagem ao receio.

- Espere um segundo. Irá para um lugar de que ninguém escutou falar?

- Precisamente por isso.

- Mas é perigoso – protestou. Seu primo era um homem de escritórios. Não era feito para ter aventuras.

- Acredita que não sou consciente disso? Todos nós somos, mas estou disposto a me arriscar. Leonor, Lobengula, rei dos Ndebele, nos concedeu permissão para explorar o território que fica entre o norte do Transvaal e o sul da bacia do rio Congo. Um par de colaboradores, que partiu faz seis meses, nos espera em uma região chamada Matabeleland. O resto da expedição partirá de Boston em menos de um mês.

- Um mês! Quem da família sabe disso? – Sua mãe é claro que não sabia. De outra forma teria protestado para todos ouvirem.

Kenneth baixou o rosto, antes de responder.

- Agora você e seu noivo.

- Ninguém mais? Por Deus, quando iria contar?

- Estava esperando que você voltasse, mas não podia demorar muito mais. Por isso inventei sobre a doença de tia Helen. Reconciliando-se com ela será mais fácil para que eu renuncie à refinaria e a todas as suas finanças, porque você é sua herdeira e cabe a você manejar seu patrimônio. E ainda mais agora que tem seu noivo. Ele pode assumir tudo.

Leonor pensou que era improvável, mas não o disse. Tinham coisas suficientes nas mãos com um fictício noivado e um primo que ameaçava fugir. Sua mãe explodiria de raiva quando ficasse sabendo de tudo.

Por um momento, pensou que permanecer em Commor Manor teria sido mais seguro que embarcar para casa.

- Esse era seu plano desde o início.

- Sim – reconheceu. – Por favor, Leonor - rogou-lhe. – Me ajudará?

- Ora – murmurou Jonathan num sussurro. – Nisto sim nunca pensei.

4

O jantar organizado por Helen para celebrar o regresso de Leonor era um evento familiar que alguns dos convidados viram com muita seriedade. A curiosidade estimulava alguns e a malícia outros, mas devia-se dizer em honra a eles que pareciam ter-se esforçado em dar o melhor de si, “ao menos na aparência”.

Leonor sabia que sua mãe não havia demorado em lhes comunicar que havia voltado para casa com um noivo e na companhia de uma duquesa. Eram detalhes que uma mulher como ela não podia deixar de fazer notar e que sabia que levantaria todo tipo de comentários.

Ao jantar havia comparecido sua tia Roberta, que por viver ali só havia tido que abandonar seus cômodos e descer as escadas; sua tia Amélia, acompanhada de seus três filhos, um dos quais era Kenneth, que se limitou a lhe piscar um olho e a fingir que sua visita à fábrica não havia acontecido e, na falta da irmã de seu pai e seu segundo marido, já falecidos, sua mãe convidou a filha desta, Priscilla e a Beatrice, a enteada. Esta última casada em segundas núpcias com Adam, seu antigo noivo.

No total seriam umas dez pessoas aparentadas mais ou menos diretamente e os dois acompanhantes de Leonor.

Como era de supor, as demonstrações de alegria de quase todos os seus primos eram genuínas. Sete anos atrás, alguns eram apenas meninos, mas todos lembravam de Leonor com afeto e se apressaram em abraçá-la. Frases como “quanto cresceu” e “que bonito está” eram as que saíam da boca de Leonor ao ver suas evidentes mudanças.

Priscilla foi quem a abraçou com mais ímpeto que os demais. Ambas eram separadas só por dois anos de diferença e haviam mantido uma boa relação.

- Lamento que tenha perdido meu casamento – apontou com certa reprovação. – E sinto também que meu marido esteja justamente agora do outro lado do país dando uma palestra. Teria gostado que o conhecesse.

- E eu de conhecê-lo – declarou Leonor com um tom de culpa. – Tentarei corrigir esse erro.

Todos que iam chegando ficavam cativados por Jonathan e Georgette. Para justificar sua presença, este havia argumentado que de uma forma ou de outra, a arara daria brilhantismo à noite. Ninguém, nem sequer a estupefata Helen, havia-

se atrevido a contradizê-lo.

É claro, a duquesa viúva também captou boa parte da atenção. Embora em certo sentido os americanos desprezassem a nobreza do outro lado do Atlântico, inevitavelmente sentiam-se fascinados por ela.

A primeira coisa que haviam perguntado a Leonor era como se dirigir corretamente a ela.

- Duquesa viúva ou Sua Graça é o suficiente – explicou-lhes. Também os advertiu de que uma simples reverência ao ser apresentada às mulheres e uma inclinação por parte dos homens seria suficiente.

Os últimos a chegar, como se fossem os convidados especiais dessa reunião, foram Beatrice e Adam.

Pararam na porta esperando ser notados, tão erguidos quanto suas colunas eram capazes de aguentar.

No final, o mordomo não teve mais remédio do que os anunciar.

- O senhor e a senhora Henderson!

Leonor sentiu um leve indício de apreensão ao ouvi-lo e voltou-se devagar, com um rosto impassível que custou manter e uma expressão corporal tranquila e relaxada. Tudo falso.

O tempo os tinha tratado bem. Ambos se vestiam com elegância, tinham todos os fios de cabelo e todos os dentes pareciam estar em seu lugar. O lógico e consolador teria sido que Adam mostrasse uma aparência visivelmente envelhecida e Beatrice estivesse acabada e com rugas.

Com um sorriso deslumbrante, que Leonor percebeu ser falso, o casal avançou para o resto dos familiares abraçados e com atitude ansiosa.

- Bom. – Beatrice foi a primeira a falar. – Já estamos aqui para contemplar com nossos próprios olhos a volta de nossa filha pródiga.

Leonor se perguntou se só ela captava o leve indício de maldade, mas não pôde fazer nada para impedir que se aproximassem dela e que sua prima lhe desse um beijo na bochecha.

- Olá, Beatrice.

- Tem bom aspecto.

É claro, não podia deixar de se referir a ele. Um “alegro-me por vê-la” seria impensável.

- O mesmo de sempre, temo.

- Mas com alguns anos a mais.

- Embora mal se note, não é?

Helen Price interveio e Leonor não a abençoou por isso. Queria ser ela quem lutaria suas próprias batalhas.

Beatrice teve o bom tino de não responder. No entanto, o sorrisinho mal

perceptível indicava zombaria.

- Recorda-se de meu marido, não é?

- Como poderia esquecê-lo? – O comentário suscitou certo momento de tensão que a mesma Leonor eliminou imediatamente. – Alegro-me em vê-lo, Adam.

- O mesmo digo, prima.

Acentuou seu novo status, mas Leonor não se importou. Ao menos não agora.

- Bem, deixemos de cerimônias, que vocês já se conhecem. – Helen reteve a atenção sobre si mesma e conferiu pouca importância à conversa. – A quem devem conhecer é aos convidados que vieram com Leonor.

A duquesa viúva aproximou-se primeiro.

- Permita que os apresente a Sua Graça, a duquesa viúva de Dunham – declarou com toda pompa de que foi capaz. – Uma amiga e companheira muito especial de minha filha.

É claro, o casal não esperava isso e seus rostos mostraram surpresa por décimos de segundos. Helen Price havia sido muito astuta em não dar a conhecer esse detalhe e outros tantos. Havia pedido a suas irmãs silêncio e elas a haviam atendido. A matriarca dos Price aproveitava cada ocasião que se apresentava e essa não havia sido exceção.

Os Henderson se apressaram em responder à apresentação.

- Senhora – saudou Beatrice.

- Milady – respondeu Adam logo em seguida.

- Não, queridos – repreendeu Roberta, intervindo e simulando estar horrorizada por semelhante desatino e falta de modos. – O correto para se dirigir a uma duquesa é referindo-se a ela como duquesa viúva ou Sua Graça.

Os outros dois murmuraram uma série de desculpas e se desfizeram em reverências. Ambos estavam envergonhados, mas uma parte deles já visualizava como iriam alardear entre suas amigas o fato de conhecerem uma autêntica duquesa da Inglaterra.

Leonor, não muito alheia a seus verdadeiros pensamentos, se regozijou dissimuladamente. Sabia que não era correto fazê-lo, mas o casal tirava o pior de dentro dela.

- E, por último, mas não menos importante, – Helen deixava o que acreditava ser o melhor para o final – queria que conhecessem ao senhor Jonathan Wells.

Todos os que ali se reuniam, incluídos os mais jovens, sabiam que a anfitriã não tinha pressa em revelar toda a informação. O efeito seria mais impactante se a dosava.

Priscilla, a meia-irmã de Beatrice, não estava totalmente de acordo, embora

também acreditasse que, dado o reprovável comportamento dela e seu agora cunhado, ambos mereciam uma pequena surpresa, que suspeitava, não seria muito bem recebida.

Como era de se esperar, os dois recém-chegados dirigiram toda sua atenção a ele, examinando-o com atenção, reparando na arara pousada em seu ombro e considerando-o sem interesse, até que as palavras finais que Jonathan sabia que chegariam, lhes fariam abrir os olhos com surpresa.

Havia seguido o inquietante diálogo entre eles e Leonor, captando o leve desprezo e a superioridade que o casal sentia em relação a ela. Também que esta mantinha uma atitude de aparente falta de interesse. Dado o conhecimento que tinha de seu passado, temia que só se tratasse de uma pose fingida.

Preparou-se para os fazer sentir-se menos importantes do que eles acreditavam ser, dado que o “senhor Wells” que murmuraram não sugeria tanto interesse quanto o que demonstraram por Georgette. Não teve que esperar muito.

- Este querido rapaz, - Helen Price continuou mostrando um repentino afeto por ele – é o noivo de Leonor.

Se os Henderson mostraram surpresa pela presença de Margaret, o que expressavam agora era absoluta e perplexa surpresa.

- CASAL!

Georgette, que até esse momento não havia deixado ver seu encanto em todo seu esplendor, rompeu o silêncio e sobressaltou a todos. Ou a quase todos. Kenneth continuava sem tirar o olho de cima dela, fascinado.

As mulheres levaram as mãos ao peito e os homens fitaram o vistoso pássaro com olhos esbugalhados.

- Noivo? - Balbuciou Beatrice aos poucos.

“É claro, foi o único que sua mente foi capaz de reter”, pensou Jonathan com cinismo.

- Às suas ordens. – Mostrou seu mais deslumbrante sorriso e se inclinou sobre a mão de Beatrice com uma irrepreensível e calculada inclinação. O beijo na luva foi não menos que perfeito, com a dose justa de galanteria e uma pitada de admiração.

Só Leonor, e talvez a duquesa, captaram a zombaria implícita em seus modos ostentosos.

- Como isso é possível? – A voz de Adam rompeu o feitiço e metade das damas ficaram consternadas ante a evidente falta de educação.

Acaso sugeria que ninguém era capaz de se apaixonar por Leonor?

- Talvez o surpreenda, Adam, - entrevistou Kenneth – mas não é o único que possui o privilégio de se apaixonar. Pense que comprometer-se é a consequência

natural de amor entre duas pessoas. – Era uma alfinetada que fazia referência tanto a Jonathan e Leonor como ao que aconteceu no passado.

Advertido imediatamente de sua gafe, tentou se corrigir.

- Ao que me refiro – continuou com um sorriso tenso – é que não é possível que nossa Leonor tenha se comprometido sem o termos sabido.

Está bem, Jonathan podia aceitar que esse tal Adam tinha traquejo. Já se encarregaria de o deixar sem isso.

- Bom, – interveio Helen – o importante é que já estamos informados, assim então sugiro que, sem mais demora, passemos todos à sala de jantar.

Apesar de serem doze comensais, a mesa oferecia suficiente intimidade para que cada um pudesse ter uma conversa com o de seu lado, sem isolar-se dos outros.

A mesa era presidida pela anfitriã em uma ponta e a duquesa viúva em outra, como deferência. Jonathan havia sido sentado à direita de sua “futura-sogra” e Leonor diante dele, mas duas cadeiras mais afastadas.

Georgette havia se posicionado na parte superior do encosto da cadeira ocupada por seu dono.

Embora a conversa fluísse sem inconvenientes, era de esperar que grande parte dela girasse em torno de Leonor. Jonathan observou sem dissimular e com certo sentido de admiração como a jovem explicava detalhes de sua vida sem evasivas. Mostrava-se serena e vivaz ao mesmo tempo, tal como Jonathan a recordava de sua estadia em Commor Manor durante a farsa que organizaram para juntar seu amigo o Duque com Edith. Dava-se conta de que sentia saudades dessa forma de se comportar. Era capaz de relatar e responder a cada uma das perguntas com uma dignidade admirável. A serenidade que mostrava a fazia resplandecer, ou talvez fosse Jonathan o único que a percebia assim.

E, além do mais, estava linda, ou o tanto quanto uma mulher como ela podia estar. Seu simples e favorecedor coque deixava soltas algumas mechas douradas que pareciam dançar com cada movimento de Leonor. Seu vestido, de um luxo que nunca havia visto nela, era de seda azul com decote irregular arrematado com rendas e com bordados no seu corpete e sob a saia em seda prateada. Quando haviam estado de pé, havia percebido sem sombra de dúvidas como se adaptava bem a seu corpo e o interessante que havia lhe parecido. Fazia com que se parecesse uma mulher sofisticada e mundana, efeito que seu pescoço esbelto e desnudo, junto com umas orelhas pequenas adornadas com brincos de diamantes, intensificava.

No entanto, sua franca expressão e simples e encantador sorriso ofuscavam esses detalhes e a dotavam de uma beleza que ia além da aparência.

Jonathan se sentia cativado.

Parte de seu comportamento era fazer crer que estava apaixonado por essa mulher, mas havia momentos em que a farsa se voltava contra ele; sobretudo quando lhe lançava comentários carinhosos, ardentes olhares ou piscadas cúmplices – sempre dentro do decoro e com a insuperável distância que se supunha ter ao se encontrar rodeado por quase uma dezena de pessoas atentas a cada uma de suas palavras – e ela respondia com meios sorrisos, leves rubores e eloquentes olhares que começavam a deixá-lo nervoso. Quase pareciam um casal de noivos de verdade. Mas não o eram e Jonathan não devia esquecê-lo.

Soube que estava agindo bem quando os Henderson enrugaram mais a testa à medida que o tempo passava e sua atitude se voltava cada vez mais suspeitosamente encantadora.

O que se mostrava encantador era ele. Nisso não tinha nenhuma dificuldade, nem com Georgette a seu lado. Quando se propunha, gozava de suficiente carisma para encantar mulheres, homens, crianças e até idosos sem distinção de nenhum tipo. Sempre havia sido assim. De alguma forma, sabia que todos estavam impressionados com sua elegância, sua educação, seu traje impecável e seus inesgotáveis temas de conversa. Bom, talvez os Henderson resistissem a admitir que a “pobre e feia” Leonor havia sido capaz de encantar um bom partido como ele. Jonathan esperava já fazia um bom tempo que tentassem tomar o controle da conversa, que haviam perdido devido ao interesse de um ambiente predisposto a passar uma noite encantadora.

- Ainda não lhe ouvimos dizer em que ocupa a maior parte de seu tempo.

“Ai está a primeira mordida”. Era uma forma educada e nada dissimulada de lhe perguntar se era alguém importante ou só um aproveitador.

- Em uma coisa e outra. Jonathan não os quer aborrecer com os detalhes.

Leonor respondeu por ele, tentando talvez não obrigá-lo a dar explicações. Por desgraça, sua prima não estava tendo o trabalho de se mostrar sutil.

- Oh, mas gosto de detalhes. Não é assim, Adam, querido?

- De fato. – Ele mostrou um odioso sorriso petulante que aborreceu Jonathan. – Os detalhes são o que tempera a vida.

Semelhante estupidez não merecia resposta. Por sorte ou desgraça, Georgette não estava de acordo com ele.

- ATENÇÃO, TOLICES!!!

A família de Leonor primeiro pareceu assombrada. Depois, alguns risinhos de gozação inundaram a mesa.

- Pergunto-lhe – atacou Beatrice entredentes – porque não sei se o senhor saberá que Leonor é a herdeira da fortuna dos Price.

Leonor se assombrou. Sabia que confessar algo assim não era algo que sua prima fizesse por prazer. Apesar disso, o que mais a surpreendia era que depois

de semelhante afirmação, sua mãe não o tivesse contestado. Acaso não a havia deserdado?

- Sim, eu sei – e dito aquilo, calou-se. Jonathan se mostrava muito cômodo. A senhora Henderson ia levar uma boa bofetada em pleno rosto, embora não de forma literal, quando lhe confirmasse que não necessitava perseguir Leonor por sua fortuna.

- E então? – Incitou Adam Henderson.

- Sei que me reprova por não ter um trabalho a que vá a cada dia e em que se explore a classe trabalhadora de forma miserável. – Suas palavras falsamente compungidas queriam dizer exatamente o contrário. – E pode ser que também se refira ao fato de que sou um péssimo filantropo. É até possível que sinta que os milhões de libras que ganho sem mover um dedo, devido à boa e inteligente sorte de meu pai e como ele, seus antecessores, em todas as empresas espalhadas por meio mundo nas que sou o único e exclusivo proprietário, não tenham comparação com a herança que Leonor possa ou não possa receber. Comove-me também, devo confessar, a preocupação que sente pelo talvez instável futuro de sua prima. Por isso lhe asseguro que, embora não me implique como deveria nas complicadas e aborrecidas transações, conto com a ajuda de inestimáveis empregados que se ocupam de que nem uma só libra se perca pelo caminho. Deveria conhecer o senhor Pickens. É um gênio quanto a manter e aumentar meu patrimônio. – Fez uma pausa dramática assegurando-se, se é que haveria alguma dúvida, de contar com toda a atenção da mesa. – Leonor tem muita sorte de contar com o senhor.

“Recebeu o que merecia!”.

Adam pigarreou e Beatrice se mexeu inquieta na cadeira após perceber que esse homem encantador com ar risonho e modos impecáveis era mais do que aparentava.

Margaret, que havia estado escutando entusiasmada essa confissão com aparência banal, permitiu-se ser generosa, embora esse casal lhe inspirasse tudo menos generosidade, e mudou de assunto, relaxando assim o ambiente com uma pergunta irrelevante à anfitriã, que havia estado a ponto de se deixar levar e colocar os dois membros de sua família para fora de sua casa.

A ceia deu passagem a uma agradável conversa que se transferiu a um dos salões no térreo da mansão.

Jonathan, por sua parte, decidiu aproveitar, na qualidade de “noivo”, qualquer desculpa plausível para estar perto de Leonor.

- Que casal – murmurou baixo para Leonor em um dos momentos em que lhes foi permitido ficarem a sós em um canto à vista de todos.

- Não há nada neles que me surpreenda – respondeu. – Não deveria se

rebaixar a dar explicações.

- Voltamos com as formalidades? – Provocou-a. Para castigá-la, melhor dizendo, premiar-se pela boa atuação, segurou sua mão e beijou-lhe o dorso de uma forma muito diferente de como havia feito com sua prima. Deliciou-se por alguns segundos ao sentir a suavidade de sua pele. Um suave suspiro e uma olhada significativa era o máximo que se permitia. Se conseguisse ficar a sós de verdade, isso pareceria uma simples e insossa carícia. Se satisfizesse em comprovar, agora que estavam tão próximos, que Leonor não parecia tão serena como aparentava. Bem. – Quanto às explicações, não foi a que verdadeiramente mereciam.

Leonor ia replicar, mas o que ia dizer morreu em seus lábios quando a voz de sua tia Amélia lhes chamou a atenção.

- Melhor que esses dois pombinhos se aproximem de nós e abandonem a solidão. Não queremos que se queimem.

- Pois seria uma chama que aceitaria com prazer – respondeu Jonathan, que se voltou com um sorriso no rosto em lugar da careta de frustração que sentia.

Leonor se afastou com pressa, gesto que não passou despercebido ao ávido olhar de sua prima.

- Eis aí as palavras de um jovem apaixonado. – A duquesa não deixou passar a oportunidade de provoca-lo.

- Isso me fez perguntar-me, - interveio Beatrice – se não incomoda a ninguém que pergunte, como foi que acabou tão apaixonado por Leonor.

- O AMOR ESTÁ NO AR! – Novamente, a arara surpreendeu à maioria.

A citada ficou petrificada, mas não pela exclamação lançada pelo animal, mas sim porque era incapaz de pensar numa explicação coerente e que não estivesse cheia de falhas. Em troca, Jonathan não parecia preocupado. De fato, mais parecia que abraçava a pergunta com ansioso entusiasmo.

- Alegro-me que me faça essa pergunta.

“Ah, sim?” Leonor se disse com certo desespero.

- Pois mais me alegro eu de tê-la feito – respondeu a ladina ao perceber a inquietação de Leonor. Era quase imperceptível, mas estava empenhada em encontrar uma falha naquele assunto. Presumia que esse homem não a amava tanto como dizia.

- Na realidade, as flechas de Cupido me atravessaram quando as maravilhosas mãos de Leonor se puseram em minha testa. – Sentou-se e instou Leonor a fazer o mesmo a seu lado.

- Deve ser um pouco mais preciso.

- Fui solicitado por meu querido e melhor amigo, o duque de Dunham, a me reunir com ele em Commor Manor. Como não havia nada que não pudesse

deixar em mãos capazes, corri rápido e veloz à sua chamada.

- Muito solícito de sua parte. – Roberta Price esboçou um sorriso aprovador.

- Obrigado. Tão logo cheguei, saí em busca de meu amigo quando um criado me informou de que estava nos jardins, mas quando já os alcançava tropecei em uma pedrinha, caindo estatelado. – Fez uma parada em seu relato. Talvez a duquesa viúva se recorde do incidente.

- Como se estivesse vendo-o neste mesmo momento, rapaz.

Só Jonathan, e certamente Leonor, se apercebeu do divertido sarcasmo que destilava seu comentário.

- Sim, foi vexatório, mas também doloroso. É curioso como um ato tão insignificante pode acarretar tanta dor. Por sorte, ali estava Leonor, que correu para me ajudar. Virou-me com delicadeza e colocou minha cabeça em seu regaço. Quando senti suas mãos frescas em minha testa e rosto, soube que era o que estava buscando. A vi tão preocupada... Nenhum homem com sangue nas veias teria conseguido evitar de se apaixonar por ela nesse momento.

- De verdade? – Perguntou Beatrice, um tanto receosa.

- Tão certo como estou aqui com a senhora relatando-o – a flagrante mentira não era importante para Jonathan tanto como fazer desaparecer esse trejeito de superioridade que a senhora Henderson mostrava. – Além do mais, sei que não estou errado quando Georgette a adora tanto como eu. De fato, é das poucas, se não a única, com quem prefere passar o tempo. Além de mim, é claro.

- É claro.

- Depois, ajudaram a confirmar esse sentimento as conversas tranquilas na companhia da duquesa viúva. Seu senso de humor, a honra, a paciência... Não poderia parar de enumerar suas virtudes. Leonor é uma dama. Minha dama – enfatizou.

Dirigiu um olhar à mencionada carregado de intenções que fez com que esta se ruborizasse.

Todos o viram e o interpretaram como o típico atordoamento romântico.

- Encantador – sussurrou Amélia.

- Ah, não parece? Jonathan voltou sua atenção ao atento público. – Se soubesse o quanto me custou lhe fazer aceitar que minhas intenções eram honestas e sinceras, não diria isso.

- Verdade? – Adam se mostrava muito interessado.

- Jonathan... - Leonor deixou escapar um protesto.

Ele se limitou a ignorá-la.

- É claro. Leonor não é dessas mulheres que se deixam conquistar e cede facilmente de primeira. Tive que me esforçar muito.

- O que teve que fazer? – Perguntou William, o irmão do meio de Kenneth.

- Oh, coisas sem importância. – Se ela não desviasse a atenção, Jonathan acabaria no inferno por causa de tantas mentiras.

- Nada carece de importância se com isso consegui seu afeto.

Agora Leonor se sentia confusa. Não sabia como entendê-lo. De algum modo, parecia que já não estavam falando desse cortejo imaginário.

- Vamos, conte-nos. Não nos deixe curiosos. – Kenneth tinha tanta curiosidade como o resto.

- Escrevi-lhe uma poesia. Verdade, Georgette?

Era uma oportunidade que a arara não deixou escapar.

- PALAVRAS! PALAVRAS!

- Bom, sim, também era isso. Não sou muito bom nisso de rimar versos, mas Leonor pareceu gostar.

- E o que dizia? – A irritante Beatrice interveio, mordaz.

Leonor a fitou sem saber muito bem o que dizer. Não era capaz de inventar algo assim nesse mesmo instante.

- Bom, eu... Não creio que seja correto recitá-la em voz alta – desculpou-se.

- Só algumas palavras e nos daremos por satisfeitos – insistiu Adam.

A jovem sentiu que não tinha escapatória e sentiu as mãos úmidas. Por um momento desejou que os Henderson desaparecessem de sua vista... E levassem Jonathan com eles.

- Talvez o mais apropriado seria que o próprio autor nos deleitasse com algumas delas. Não acha assim, querido? – Perguntou a Jonathan em vingança. Afinal de contas era ele quem havia criado essa absurda situação.

Jonathan sorriu e a fitou um pouco alheio. Por fim saía desse comedimento em que se havia envolto durante a ceia. Queria-a mais enérgica e com vitalidade, embora isso o obrigasse a inventar na bucha uma poesia que nunca havia escrito. Improvisar, sim, como se nunca o tivesse feito.

- Se você me pede, não posso me negar.

Pigarreou para se preparar enquanto toda a família de Leonor o fitava, com expectativa.

Quando começou a recitar, não afastou a vista dela. Talvez tudo fosse uma farsa, mas queria que Leonor visse que suas palavras não estavam isentas de verdade.

Oh, Leonor, sua presença me inflama.

Desde que a vi, até em sonhos me acompanha.

Temperamento gentil e maneiras suaves, chamaram minha atenção e me apaixonaram.

Belas mulheres por minha vida passaram, mas nenhuma delas em meu coração repousou.

Só você, com sua presença constante, conseguiu se aninhar neste coração solitário, que não

faz mais que lhe pedir, que lhe corresponda diariamente.

Era ruim e a rima estava errada, ninguém podia negar. No entanto, os presentes se mantiveram em silêncio. Estavam atentos à reação de ambos que pareciam alheios a tudo.

- É linda – murmurou Leonor com um sorriso terno enquanto acariciava sua mão, inconsciente. E corrigiu. – Continua sendo linda.

Jonathan sorriu de repente, exageradamente. Não havia deixado de perceber a carícia que o havia feito estremecer, mesmo com o ávido público a sua frente. Agora, contudo, tudo tinha sentido. Que ela lhe devolvesse o sorriso o fez sentir-se afortunado e seguro. Sabia, sem lugar para dúvidas, que, se fizesse um esforço, Leonor seria sua.

Sabia que tudo terminaria bem.

À ceia familiar seguiram-se três dias de intenso turbilhão. Jonathan possuía uma grande vitalidade e a arrastava com seu entusiasmo por toda Boston com a intensão de conhecer a cidade mais profundamente. Deixaram-se ver por todos os lugares da moda, assistiram a uma exposição de pintura no Boston Athenaeum, jantaram num restaurante francês, admiraram a arquitetura de edifícios tão emblemáticos como Custom House, City Hall, Faneuil Hall ou King's Chapel e Leonor divertiu-os com histórias do período colonial.

A duquesa viúva os acompanhou em algumas ocasiões. Parecia preferir ficar em casa com Helen Price, que havia estado guardando repouso pelo pé, por isso sempre contavam com a ardilosa escolta do casal formado por Adam Henderson e Beatrice.

Os rumores de seu noivado com um extravagante e elegante inglês que ostentava uma grande riqueza se propagaram como pólvora. Ao que parece, todos desejavam conhecer seu noivo e o extravagante animal que ia com ele a todas as partes. No Athenaeum haviam—se negado a deixar a arara entrar para proteger toda sua coleção de livros, mas uma generosa doação por parte de Jonathan derrubou todas as proibições. Era como se ele parecesse obstinado a mostrar sua generosidade com a intenção de demonstrar que não se tratava de um candidato medíocre e que Leonor havia escolhido a melhor opção ao escolhê-lo como seu futuro esposo.

Naquela tarde, sua mãe os instou a fazer um passeio pelo Public Garden, o parque que ficava justamente do outro lado da rua. Roberta os acompanhava, mas, desde sua saída da casa, não parecia ter muito o que dizer. Leonor, de sua parte, não estava nada entusiasmada com a saída, pois Adam e Beatrice lhe pareciam falsos e chatos.

Para dizer a verdade, teria preferido desculpar-se e se poupar. Ter que conversar com eles já lhe parecia um esforço.

Um suplício, certamente.

Leonor era fácil de lidar, com um temperamento calmo e moderado. Nos últimos sete anos, sua vida havia transcorrido sem sobressaltos e, apesar de ter uma opinião sobre as pessoas que ia encontrando pela vida, sua intenção não era julgar ninguém. Pelo menos não sem uma boa justificativa.

No caso de Adam e sua prima, não era simples fazê-lo, em parte devido ao

ocorrido no passado. Perdoar a duas pessoas que a haviam traído sob seu nariz e não pareciam sentir remorso algum era no mínimo irritante. E, não contentes com isso, se vangloriavam de seu casamento sem ter a mínima consideração.

Sua mãe havia censurado Beatrice um par de vezes, mas ela parecia ou não queria se dar por entendida.

Como se tudo isso não fosse suficiente, ainda devia suportar seus ares de grandeza, seus olhares mal-intencionados, seus mordazes comentários sobre a inexistente maternidade de Leonor e seus conselhos sobre o casamento.

- E então, senhor Wells. O que acha de Boston? – Perguntou-lhe Beatrice, sem deixar de observar a sua babá, que devia estar atenta aos meninos: Wallace Jr., de onze anos e Vincent, de cinco.

- É uma cidade barulhenta, mas elegante – comentou, sendo econômico em palavras.

Jonathan mantinha um rancor secreto pelo casal, que cada vez lhe parecia mais difícil de dissimular. Ambos lhe pareciam um castigo divino, embora no fundo devesse estar agradecido a eles. Graças a seus atos, Leonor era livre.

Ela pareceu se dar por satisfeita.

Leonor passeava apoiada ao braço de seu noivo. Apesar de não ter sido abençoada com a beleza, estava sublime com seu vestido de passeio bordado em fio de seda azul e escoltada por um bonito cavalheiro com a altura de Jonathan. Se fosse real, poderia qualificá-lo como perfeito.

- Já decidiram onde viverão após o casamento? Inglaterra ou Estados Unidos?

A jovem levantou o rosto e deu um rápido olhar a Jonathan. Nenhum dos dois havia concordado sobre o que deviam dizer se a pergunta surgisse.

- Temos tempo para decidir – foi a única coisa que conseguiu dizer.

- O mais adequado seria que escolhessem Boston, tendo a família de Leonor tão próxima. Mas quem pode resistir à companhia de seus amigos, os duques de Dunham? – Perguntou a si mesma com um risinho jovial. – Certamente sentiriam muitíssimo a falta deles. Mas se decidem ficar na cidade necessitarão novos amigos com quem se relacionar. Têm sorte de ter a Adam e a mim...

Jonathan sorriu para si, orgulhoso do domínio que estava exercendo sobre si mesmo. Melhor isso que debochar diante dela e ofendê-la, pensou. Mas, se estava tendo consideração para com ela e seu esposo, era por Leonor e porque tinha a chance de causar uma boa impressão à sua família. Não desejava começar uma guerra antes de ter sua sogra a seu lado. De outra forma, tudo seria muito desagradável e até seu noivado poderia estar em perigo.

Pensou outra vez nas palavras da mulher. Sorte, dizia? Aquela mulher havia caído sobre eles como se fosse uma praga bíblica.

- Ficaremos encantados em lhes abrir as portas das melhores famílias

bostonianas – continuou ela como se se tratasse de uma alegação. – Não desejo criticar minha tia Helen, no entanto considero reprovável que a estas alturas não tenha anunciado seu noivado. Nem sequer promovido um baile.

- Nós lhe pedimos isso – disse uma Leonor tranquila.

Jonathan admirou sua boa atitude. Ele fazia esforços para morder a língua e em troca, ela parecia a doçura em pessoa.

Beatrice a fitou de cima abaixo.

- Pobrezinha. – Sua voz soou cheia de condescendência. – Não está acostumada. Tanto tempo longe da c... - A voz de Beatrice se cortou ao dar outra olhada a seus filhos. Nessa breve pausa Jonathan desejou que ela não estivesse a ponto de dizer a palavra “civilização”. Se fosse assim, não responderia precisamente com cavalheirismo. Para sua sorte, e a de todos, Jonathan estava equivocado. – Esteve tempo demais longe da cidade, tanto que mal recordará a alguém. Mas não se preocupe, como disse, Adam e eu os apresentaremos a toda a boa sociedade.

- Muito amável, Beatrice. Embora não devesse se incomodar com isso. Certo, Jonathan?

“Sim, por favor. Que não o faça”, rezou ele para si.

- Detestaríamos ser um incômodo – disse em troca; considerando-se um sortudo por ter soado tão sincero Ela menosprezou o comentário.

- Bobagem. Ajudaremos todo o necessário, como, por exemplo, a preparação do casamento. Porque, querida prima, seus gostos são muito simples.

Leonor e Jonathan trocaram olhares.

- Nós é que decidiremos. Afinal de contas será nosso casamento.

A prima de Leonor tinha a firme intenção de responder, mas seu filho mais velho caiu no chão após uma corrida. Beatrice, em vez de socorrer o menino, foi diretamente para a babá para demonstrar seu desagrado quanto aos seus cuidados.

Seu esposo a seguia.

- E se nos perdemos deles? – Sugeriu ele, tanto a Leonor como a sua tia Roberta, que era quem melhor lhe caía naquela família. Talvez pela falta de artificialidade com que o tratava, ou porque, de certa forma, lhe recordava bastante sua noiva.

A mulher elevou uma sobrancelha.

- Procura um modo de fugir.

- Sinto que a qualquer momento cairá sobre mim a lâmina da guilhotina.

- GUILHOTINA! – Georgette exclamou com dificuldade. – Guaks!

Leonor conteve um sorriso tampando a boca com uma mão.

- Seria ir contra as normas do decoro, – interveio a jovem – mas creio que

farei uma exceção. Tia?

Jonathan suspirou com alívio e olhou para Roberta.

- Está conosco?

Ela não disse nada. Só esboçou um sorriso de consentimento com o que os três apressaram dissimuladamente o passo. Não podiam cruzar a ponte sobre o lago se queriam passar despercebidos, então tomaram um caminho mais arborizado.

Não relaxaram até que se viram suficientemente longe para que o casal Henderson não os encontrasse com facilidade.

- Não posso acreditar que fizemos isso. – Roberta parecia assombrada ante seu próprio comportamento. – Beatrice não vai gostar dessa ofensa.

Jonathan foi categórico.

- Para mim tanto faz que agrade ou não a essa mulher. Por quê suportá-los com frequência?

Roberta continuou passeando ao lado de sua sobrinha, perguntando-se o mesmo. Nem sequer gostava dela. Só era educada por sua irmã Helen e porque era incapaz de ser grosseira. Ela nunca teria feito um gesto tão ousado como o de Jonathan, embora no fundo lhe satisfizesse.

- Minha irmã crê que são acompanhantes adequados para um casal de noivos. – Embora secretamente suspeitasse que sua intenção era outra: esfregar o noivado de Leonor em suas caras.

Deu uma olhada para sua esquerda. Sua sobrinha e o senhor Wells formavam um bom casal. Ele tirava a seriedade de Leonor e a jovem oferecia uma formalidade que lhe era necessária.

Sorriu só para si. O noivo de Leonor era uma caixa de surpresas. Possuía refinamento e distinção. Havia sido educado com toda a família - inclusive os Henderson –, movia-se como peixe na água por aquele ambiente e sabia expressar-se com eloquência. Ela mesma havia sido conquistada por alguns bajuladores elogios sem pitadas de artificialidade. Mas, além de tudo, contava com um espírito jovial que deixava brilhar com bastante assiduidade.

- Eu discordo. Só os recomendaria como companhia de um verdugo – resfolegou Jonathan. – Sabe, querida, – murmurou com afeto, tomando a mão enluvada de Leonor e depositando um suave beijo nela – ganhou com a troca.

Para Roberta, pareceu um gesto muito romântico, porém Leonor teve que abafar um suspiro. Continuava surpreendida por tão suave contato repercutir nela de forma tão significativa. E não só isso, cada vez ficava pior. Seus olhares cúmplices faziam com que voassem milhares de mariposas em seu estômago e suas cautelosas aproximações conseguiam que seu coração estremecesse.

Jamais havia sentido tal coisa por outro homem. Havia dito a si mesma que

ela não estava feita para o amor e há tempos havia aprendido a proteger seu coração. No entanto, ante ele era impossível brandir seu escudo. Tinha um halo de sedução muito poderoso.

- Talvez não fosse o noivo que Leonor merecia – comentou sua tia. – Mas que não se esqueça: é muito bem considerado entre nossas amizades.

Leonor não pôde evitar resfolegar. Aquele assunto em particular lhe irritava, deixando de lado sua natureza serena.

- Esse homem teria se casado comigo para seguir metendo-se na cama de Beatrice sem nenhum tipo de escrúpulo. Esse foi o motivo principal pelo que cancelei meu casamento. E diz que ante a sociedade seria um cavalheiresco esposo?

- Não quero que se sinta mal. Estou do seu lado. Eu também desprezo seu jogo duplo, mas diante dos olhos de todos é perfeito.

Pouco importava o que sucedesse na intimidade do lar enquanto o homem fosse discreto em suas aventuras. Eles podiam fazer o que quisessem, uma mulher não.

- Se essa palavra significa traidor, embusteiro ou mesquinho, então detesto a perfeição – declarou, elevando seu rosto para o céu com solenidade. – Prefiro alguém mais sincero e mundano. Como, por exemplo, Jonathan, que é muito diferente de Adam.

O citado deteve o andar e a fez deter-se também. Um sorriso dançava em seus lábios.

- Em que me diferencio do senhor Henderson? – Perguntou ele, com curiosidade.

Leonor respondeu de imediato.

- Está procurando elogios fáceis, senhor Wells? – Murmurou ela com um brilho de jovialidade em seus olhos. Seu humor acabava de melhorar em um instante. – Acaso é um arrogante que pretende que lhe deleitem o ouvido?

Jonathan a contemplou com o rosto carregado de satisfação.

- É muito razoável. Tenho a firme crença de que um cavalheiro necessita escutar da boca de sua noiva um sem fim de galanteios. São normas não escritas, mas que estão por aí.

Ela fingiu indignação.

- Nunca ouvi semelhante besteira. Fui educada para receber elogios, não para ter que os conceder.

- É claro, você é americana, por melhor que saiba imitar a pronúncia inglesa. Se fosse inglesa compreenderia. Certo, Georgette?

- Certo! – Repetiu a arara, ainda sem saber do que aquele par falava.

Com uma careta, Leonor conteve um sorriso. Jonathan a contagiava desse

modo, com simplicidade e sem nem mesmo o tentar.

- Estão está me atualizando – deduziu ela.

- Para o seu próprio bem – respondeu ele. – Odiaria que ficasse em má situação só pelo fato de não estar bem informada.

- Mas estamos em outro país. As normas não deveriam ser diferentes?

Jonathan, plenamente consciente de que ela esperava uma réplica, lhe piscou um olho, conseguindo que as borboletas que revoavam em seu estômago saíssem voando.

- É claro. No entanto, continuo me regendo pelas normas inglesas.

- Está bem – aceitou ela, caçoando e com uma inclinação de cabeça. – Se não há mais remédio... - Levou alguns segundos para pensar em sua resposta. Dizer em voz alta as melhores qualidades de Jonathan não deveria ser um desafio. Ela sabia muito bem o que gostava nele. No entanto, não desejava ser muito detalhista e deixar seus sentimentos à mostra. – Umm – murmurou. – Em primeiro lugar, diria que tem uma arara como amigo, ou como amiga, corrigiu.

- Óbvio – disse ele, sem tirar a vista do caminho.

- Mas concordará comigo que não é o comportamento que se espera em um cavalheiro de sua posição.

Jonathan deu de ombros, tirando-lhe importância. Tinha suficiente confiança em si mesmo, assim como dinheiro e influências, para não ter que se preocupar com aquela minúcia.

Ele fazia sempre o que queria.

- Não há nenhuma regra que me proíba especificamente de andar acompanhado por uma arara.

- Vamos, não se faça de inocente comigo. É muito estranho.

- E isso me faz único – opinou ele, dedicando-lhe um sorriso carregado de encanto, a que foi impossível resistir.

Leonor lhe devolveu o sorriso.

- Tem toda razão. – Não imaginava Adam com Georgette ou com nenhum outro tipo de pássaro, porque a aparência era tudo para ele. Em troca, Jonathan tinha uma personalidade menos rígida ou menos controlada. Não julgava os de uma classe social inferior a sua nem temia relacionar-se com eles. Muito pelo contrário. E tampouco fazia esforços para congar-se com os aristocratas. Que seu melhor amigo fosse um duque parecia uma mera piada. – Admiro a coragem que tem e como é desenvolto. Eu seria incapaz de transgredir as normas estabelecidas.

Jonathan lhe lançou um olhar severo.

- Permita-me divergir. Rompeu sua relação com Henderson a poucas semanas do casamento. Saiu de seu lar porque não queria ser obrigada a casar com ele.

Seu bom senso a preveniu. E se não fosse o suficiente, conseguiu sobreviver graças a um emprego decente. Então você é a mais valente dos dois. – Leonor fez um gesto com os lábios que demonstrou indecisão e Jonathan, que estava alerta, se deu conta. – Você não acredita?

Leonor não havia pensado desse modo. Tão simples. É claro, estava orgulhosa de ter podido continuar com sua vida após se afastar do sustento que sua mãe representava. Antes disso, nunca havia podido acreditar-se capaz de fazer tal coisa, pois agia e se comportava com a correção própria de uma dama, não elevava a voz e acatava as decisões que eram tomadas para ela. No entanto, desde que tomou o caminho da independência, aprendeu a se valer por si mesma e a se fazer ouvir se fosse necessário.

E isso levou-a a se perguntar: verdadeiramente havia mudado tanto? Seria correto que era tão valente como Jonathan dizia? Porque se o fosse não se teria permitido meter-se naquela farsa nem por um minuto e teria encarado a dignidade de sua solteirice com orgulho.

- Não sei. Escuto o que diz e de certa forma faz sentido. Então me dou conta de que nosso noivado...

Leonor se interrompeu subitamente ao recordar que sua tia passeava com eles. Nos últimos minutos havia-se mantido silenciosa e os havia deixado levar a maior parte da conversa, mas não podia falar de seu falso noivado com ela presente.

Deu-se conta de que havia ficado tão concentrada em Jonathan que não havia prestado a mínima atenção nela.

Ao se deter e voltar o rosto para ela, comprovou que a seu lado havia um espaço vazio.

Franziu a testa.

- E minha tia Roberta?

Ambos olharam para trás ao mesmo tempo, encontrando-a a alguns passos de distância.

Ela, ao perceber que o casal havia-se detido, fez-lhes alguns discretos sinais para que continuassem andando.

- Creio que sua tia está procurando nos dizer que nos permitirá continuar com nosso passeio enquanto ela nos segue de uma distância prudente e decente – ressaltou.

- Acha prudente?

Jonathan sorriu abertamente e a segurou pelo braço, incitando-a a continuar.

- Ela é uma acompanhante. E, pelo que sei, não tirará a vista de cima de nós dois. – Para dizer a verdade, estava feliz porque Roberta foi suficientemente inteligente e razoável para ter—lhes proporcionado certa intimidade, isso se não

considerassem a presença de Georgette. Por isso, se propôs a desfrutar do que restava do passeio. Com toda a agitação que causou a notícia do noivado e as visitas à cidade, mal tivera tempo de conversar com ela a sós. Em Commor Manor tiveram esses momentos e era algo de que sentia saudades. – E então, onde estávamos?

- Em nada importante – disse simplesmente.

Leonor recordava perfeitamente em que ponto haviam detido a conversa: quando as dúvidas sobre a mentira que estavam mantendo haviam aparecido. E isso a fez repensar. Sustentar o noivado durante alguns dias ou semanas talvez fosse relativamente fácil, mas a longo prazo complicaria tudo e seria mais difícil confessar a verdade. Como única opção para não o fazer, restava regressar à Inglaterra e continuar como dama de companhia de Margaret. Com o tempo, escreveria uma carta para sua mãe para lhe dizer que Jonathan havia decidido romper o noivado.

Contudo, não era tão simples. Leonor era consciente da saída de Kenneth e da posição de desamparo em que sua mãe ficaria.

- Em que está pensando, Leonor? – Perguntou-lhe Jonathan após alguns segundos em silêncio.

- LEONOR! LEONOR! – Exclamou a arara.

- Pare, Georgette. Eu perguntei primeiro.

Ela elevou a vista e lhes sorriu.

- Grande dupla fazem os dois.

Seu acompanhante a contemplou com ar inocente.

- Não posso opinar quanto a Georgette, mas diria que você e eu somos os que fazem melhor casal.

Ela elevou uma sobrancelha.

- E por que parece tão convencido disso?

- Porque entre os dois a balança está equilibrada. Você tem paciência suficiente para lidar com nossa amiga Georgette, enquanto que eu trato de me conter com sua prima.

A comparação lhe pareceu ao menos curiosa. Beatrice não se alegraria em saber que tinha pontos em comum com um pássaro tagarela de vistosas plumas amarelas e azuis.

- E isso é o que pretendia, equilibrar a balança?

- Não, de forma alguma. “Você e eu” é um fato que aconteceu do nada – e o noivado é a prova disso.

Leonor havia chegado à sua vida sem fazer ruído, sem despertar nele uma atração imediata; ao contrário de Isobel. Entretanto, em pouco tempo havia ganhado seu respeito, carinho e admiração; sentimentos muito mais intensos e

poderosos do que teria podido imaginar no princípio.

Com ela havia-se permitido o luxo de pensar além do que tinham, acariciando palavras tão sérias como casamento, noivado, família e amor. Agora precisava certificar-se de que ela também se desse conta.

6

O regresso para casa foi em clima harmonioso. Jonathan tinha a intenção de ficar mais um pouco com aquelas mulheres, mas quando viu Beatrice tomando o chá com Helen Price e Margaret, suas intenções mudaram.

O senhor Henderson não se encontrava na sala.

Para os recém-chegados foi inevitável prestar atenção em Beatrice, pois seu rosto havia perdido todo rastro de cor e os fitava com expressão insuportável - Ora, por fim regressaram! Onde haviam se metido?

Sua voz soou mais aguda que de costume.

Jonathan franziu o cenho ante aquela reprovação.

- Boa tarde a todos – saudou, fazendo uma pequena reverência e ignorando deliberadamente a prima de Leonor.

“É uma sorte que o mesmo sangue não corra por suas veias”, se disse. Estar aparentado com aquela mulher ainda que fosse de um modo indireto – por casamento – já era suficientemente ruim.

Jonathan acompanhou Leonor para que tomasse assento e fez o mesmo com Roberta. Depois se sentou junto à senhora Price, dedicando-lhe um sorriso afável.

Após alguns dias de repouso, a lesão da mãe de Leonor já não se podia considerar como tal, embora ela insistia em permanecer com o pé alto. Jonathan suspeitava que tal se devesse à presença da duquesa viúva, que estava sendo uma excelente acompanhante. Amenizava as horas relatando os aspectos mais importantes do que significava ser duquesa ou as distraía com elegantes anedotas de baile e escândalos.

O que mais havia gostado de ouvir até então havia sido a emboscada armada para duque de Dunham, neto de Margaret, para que terminasse apaixonado pela atual duquesa.

- Como se encontra? Seu pé melhorou?

- Desde a última vez que perguntou? Acho improvável, pois não transcorreram nem duas horas. Embora agradeça por se preocupar. Outros nem sequer tiveram a gentileza – murmurou lançando um intenso olhar à enteada de sua cunhada, que mal durou um segundo.

- Então, onde estavam? – Beatrice voltou a perguntar, empenhada em conhecer a resposta. – Estivemos procurando-os por todos os cantos, até que

meus pobres filhos ficaram exaustos – exagerou. – Acaso não poderiam avisar?

Sua tia perdeu a paciência.

- Por Deus, Beatrice! Deixe que se expliquem.

Jonathan se disse que a cena seria divertida se não fosse por aquela mulher ser mais do que incômoda. Estava convencido de que Georgette taparia os ouvidos, se pudesse.

- Lamento. Não nos demos conta de que não nos seguiam até que já os havíamos perdido.

- Nenhum dos três?

Sua descrença foi patente.

- Ao que parece, não. – Com habilidade, Jonathan centralizou toda sua atenção na mãe de Leonor, enquanto a fitava intensamente. Era como se só a ela devesse dar explicações. Antes do passeio havia tido a delicadeza de agradá-la com algumas lindas flores e de lhe apresentar algumas palavras lisonjeiras. – Senhora, nos encontrávamos demasiadamente imersos na beleza da paisagem, enquanto Leonor falava de sua infância. Tanto, que nos distraímos.

Ela não acreditou nisso nem por um segundo, mas não havia muito que pudesse fazer. O senhor Wells se mostrava compungido e havia pedido desculpas. Acusá-lo de mentir seria mais um erro que um acerto, então se manteria calada.

- Senhor Wells, deseja um pouco de chá? – Perguntou uma senhora Price muito prestativa. – Comer alguns assados? Deve estar cansado do passeio.

Jonathan lhe agradeceu aumentando seu sorriso.

- Temo que não, senhora. Tenho que cuidar de um assunto.

- Já se vai? – Sua voz desanimou, mas não foi a única a se mostrar decepcionada. A duquesa viúva insistiu em que ficasse um pouco mais.

- Estou convencida de que Leonor apreciará tê-lo um pouco mais com ela, não é, mocinha?

Margaret a pegou desprevenida.

- Eu... não quero prendê-lo mais. – Era compreensível que quisesse sair. Havia cinco mulheres no salão atentas a ele e já havia tido que fingir o noivado diante de sua família durante muito tempo. – Estou certa de que terá outras ocupações.

Sua mãe levantou a sobrancelha.

- Em Boston? Acreditava entender que era a primeira vez que visitava a cidade.

- Assim é – esclareceu ele. – Mas durante estes dias, meu secretário esteve dando uma olhada em um par de negócios que desejo discutir com ele.

- Então está pensando em investir?

- Pode ser – anunciou enigmaticamente, aumentando a curiosidade.

Jonathan pediu a Leonor que o acompanhasse até a porta, ao que ninguém se opôs. Supunha-se que ambos estavam noivos e apenas queriam afastar-se deles. Uma vez no vestíbulo, deixou que a arara voasse com liberdade para poder despedir-se dela.

Era uma lástima que Leonor fosse a que menos lamentou a sua saída. Ao menos uma vez, teria preferido que ela deixasse de lado sua expressão formal para expressar o que estava sentindo.

Perguntou-se se de verdade ela se importaria tão pouco como parecia ou se sua reação fora uma simples fachada. Porque isso importava a Jonathan muito mais do que havia acreditado na Inglaterra. Acaso ela não via que estava se esforçando, só e simplesmente para agradá-la?

Havia perdido anos embebedando-se por uma mulher que agora só considerava um sonho que se desvanece. Então nada os impedia estar juntos se ela assim o desejasse. No entanto, ele mesmo havia reconhecido que seus sentimentos não eram claros, apesar de tudo. Como podia pedir a Leonor que os visse, se havia a possibilidade de decepcioná-la?

E odiaria magoá-la, acima de todas as coisas. O mais prudente era dar um tempo para esclarecer tudo e não ter nenhuma dúvida.

- Se vai por causa de minha prima ou é verdade o que disse?

- Sobre o negócio? – Ela assentiu com a cabeça. – Um pouco de tudo.

- Então o senhor não se sente assim tão aventureiro...

Suspirou. Entristecia-se em se afastar dela, mas não ia tirar muito mais proveito da tarde se ficasse.

- Não sinto o menor desejo de domar uma hiena.

Leonor balançou a cabeça, como se tivesse escutado mal.

- Uma... - Nem sequer pode terminar de dizê-lo.

Jonathan se aproximou dela perigosamente e lhe falou ao ouvido.

- É assim como vejo Beatrice. – Suas palavras lhe fizeram cócegas e sua pele se arrepiou. Seus queixos e bocas mal estavam separados por algumas polegadas, mas foi suficiente para desejar um beijo seu. Leonor esperou, retendo o fôlego. – Se fosse somente por você, juro que ficaria. Mas agora, por hoje já tolerei o suficiente dessa mulher.

Ela não se moveu. Desceu as pestanas e procurou pensar no que Jonathan dizia, mas parecia ser uma tarefa que requeria toda sua concentração.

Obrigou-se a falar.

- O senhor já fez o bastante; não posso lhe pedir mais. Deixou seus assuntos na Inglaterra e embarcou com uma generosidade admirável.

Seus olhos verdes pousaram sobre a delicada curva de seu pescoço e a observaram com expressão pensativa.

- Por que só me trata informalmente quando há gente ao nosso redor?
- É o que se supõe que faria uma noiva – respondeu ela com simplicidade.

Excedendo-se em seu papel de cavalheiro andante, Jonathan elevou seu queixo com o dedo indicador e o sustentou durante um tempo indefinido, bebendo de sua essência, porque a cada dia que passava a achava mais linda. E não é que estivesse ficando cego.

Como Leonor não opôs resistência e Deus era testemunha de que ele não pensava renunciar a aquele delicioso capricho, aproximou-se um pouquinho mais, se é que era possível.

- Desejaria que confiasse em mim, Leonor. Que há de mal nisso? Nos conhecemos faz meses e acreditei que havíamos nos aproximado. É muito querida para mim. Sabe-disso?

Seus deliciosos lábios se abriram para responder, mas pelo canto do olho viu Georgette aproximando-se e instintivamente se afastou, rompendo a magia do momento.

O animal, farto de ser ignorado, revooou sobre suas cabeças, procurando um lugar onde pousar.

No seu interior, Leonor agradeceu a interrupção. Quantas vezes devia se recordar que Jonathan pertencia a Isobel? Ela era a mulher que amava e alimentar ilusões nesse sentido seria uma colossal catástrofe. Ele não tinha culpa por ser tão encantador e atraente. Ele não tinha culpa de que as forças de Leonor comessem a fraquejar.

E ela havia-se sentido sábia? Estava perdendo a prudência. Como se explicava o fato de ter sentido a tentação de acariciar seus ombros sobre a jaqueta masculina e esperar que ele a abraçasse?

Não estava em seu juízo perfeito.

Após a saída de Jonathan, Leonor subiu ao seu quarto. Antes ele havia conseguido lhe arrancar a promessa de que nunca mais voltaria a ser tão formal com ele.

Deitou-se sobre a cama e pensou em Commor Manor, nos verdes campos da Inglaterra, onde se respirava paz e tranquilidade, onde sua vida era tão monótona quanto satisfatória. Em troca, Boston era mais caótica e ela se encontrava em sérios apertos. Só tinha que enumerar.

Em primeiro lugar estava mentindo à sua mãe sobre seu noivado, e ignorava se a perdoaria após descobrir a verdade. Embora não houvesse similaridades entre seu anterior noivo e o homem que estava representando o papel na atualidade, era plenamente consciente de que aquilo não terminaria em casamento e que, portanto, seria inevitável o retorno à mesma posição que antes.

E já era sabido o resultado.

Em segundo lugar, Kenneth estava mais que disposto a sair numa viagem que poderia se estender durante meses. E isso complicava mais as coisas. Apesar de acreditar durante anos, já não estava segura de que sua mãe tivesse cumprido suas ameaças e a deserdado. Seu primo e o resto da família assim o supunham. Mas que não a tivesse apagado de seu testamento não significava que fosse capaz ou que a deixassem controlar todo o patrimônio. Kenneth havia sido eleito e instruído para isso. Por isso, saber de sua saída parecia um golpe duro.

E em último lugar, mas não o mais simples, estava a cada dia mais cativada por Jonathan.

Incomodada pelo peso de sua consciência, se disse que, se queria reparar a relação com sua mãe e evitar males maiores, o melhor seria contar-lhe tudo antes que soubesse por outros. Isso não lhe garantiria o perdão, porque não a alegraria saber que continuava solteira. Contudo, desta vez, Leonor se prometeu que não ia sair antes que as águas voltassem a seu leito.

Então decidiu ser sincera, pelo menos no que a ela se referia.

Uma hora depois, reuniu-se com sua mãe em um cômodo retirado, fora dos olhares curiosos. Leonor não havia explicado nem a Jonathan e nem à duquesa viúva o que pretendia, porque desejava que não se intrometessem em sua decisão.

Sentou frente a ela em um sossegado silêncio, relutante em começar. Sim, ela havia decidido confessar, se bem que necessitaria de um tempo para organizar os pensamentos.

Helen Price franziu os lábios e com um trejeito de mão a instou a falar.

Sua filha aguardou.

- Está deixando-me nervosa, Leonor. Que pretende? Disseme que havia um assunto urgente para tratar. Por que não vai direto ao ponto?

Ao contrário de sua filha, a paciência não se encontrava entre suas melhores qualidades.

Leonor não a fez esperar mais.

- Mãe, sei que fui uma decepção para você. Não me comportei como você esperava; desafiei-a. Por isso compreendo que seu afeto para mim tenha diminuído.

Sua mãe a observou com cautela. Sentia-se incomodada. Não sabia muito bem o que pretendia revolvendo o passado.

- Se quer que lhe dê um abraço pela forma como se comportou há sete anos não vai conseguir. A família Henderson e a nossa, os Price, tinham um acordo que beneficiava a todos, e não só nos negócios. Pois, se o esqueceu, refrescarei sua memória: havia dado sua palavra.

- Porque era o que se esperava de mim, que me conformasse com um casamento aceitável.

Ela sabia qual era seu papel naquele jogo, como um peão numa partida de xadrez; uma peça fácil de sacrificar por outra mais valiosa. Leonor devia encarnar a esposa perfeita, cuidar da casa, criar os filhos e ser submissa a seu esposo. Toda a educação que recebeu foi para isso. Contudo, Leonor havia suposto que Adam seria fiel, ou que pelo menos não a enganaria bem debaixo de seu nariz.

Sua mãe não gostou de escutar aquilo.

- Aceitável? Aceitável? Adam Henderson era um dos melhores partidos da cidade. Sabe quantas mulheres desejavam o que você rechaçou? Dezenas! – Exclamou. – Comportou-se como uma menina malcriada com uma raiva passageira.

- Então deveria permitir que seguissem se vendo?

- Não. Mas lhe disse que eu resolveria isso.

- Era muito tarde, mãe. O mal já havia sido feito.

- E, portanto, desapareceu enquanto eu ficava para limpar seu estrago. Eu fui quem teve que enfrentar os Henderson e tolerar todas as fofocas. Fui muito dura? – Negou com a cabeça. – Não. Sou sua mãe e sabia o que lhe convinha. E um bom casamento lhe convinha – insistiu. Fez uma breve pausa antes de prosseguir. – No entanto, arrependo-me de deixar que se fosse. Em minha defesa direi que esperava que regressasse logo.

Leonor se surpreendeu ao escutar aquelas palavras na boca da sua mãe. Estava confessando que havia cometido erros? Extraordinário, em uma mulher de personalidade forte e acostumada a mandar. Ainda mais porque não se sentia confortável falando de sentimentos. Mas chegar àquele ponto a satisfez, porque sabia que nunca conseguiria convencê-la de que renunciar a seu noivado havia sido a melhor opção.

- Então, por que não fez nada para remediá-lo? Por que não me procurou? – Se o tivesse feito, tudo entre elas seria diferente.

- Quisera não me tivessem abandonado as forças – lamentou. – Escrevi dezenas de cartas e pedi a seu primo que a procurasse, mas no último instante me arrependia.

- Por quê? – Instou-a a responder. – Por quê? – Leonor desejava chegar ao fundo da questão. Sua mãe seguia lhe guardando rancor por ter rechaçado Adam, mas isso não significava que a quisesse fora de sua vida. Era isso?

Sua mãe se levantou, como se de repente carregasse um grande peso, e se aproximou da janela. Arrumou o cabelo e afastou a cortina para contemplar a rua.

- Tanto faz. O passado ficou para trás – disse, enquanto lhe dava as costas.

Sua filha não estava de acordo. Ela desejava resolver isso.

- Mãe, insisto.

Escutou um leve suspiro, antes da sonora exclamação que o seguiu.

- Porque foi você que escolheu se afastar!

Leonor a contemplou com sentimentos desencontrados.

- E preferiu perder uma filha a seu orgulho?

- Imaginei que quando quisesse voltar para casa o faria, como assim ocorreu.

- E durante todo este tempo eu acreditei que, se o fizesse, não seria bem-vinda. Que havia deixado de me amar.

Helen Price voltou o rosto.

- Não diga absurdos. É minha filha. – Talvez não fosse uma mãe muito afetuosa, mas ela havia lhe dado à luz e havia criado o melhor que sabia.

Leonor respirou lenta e profundamente para procurar desfazer o nó que sentia em sua garganta.

- Diga-me, mãe – disse em voz baixa. – E se Jonathan não existisse, ou a duquesa viúva? Ainda me amaria?

Os olhos da mulher adquiriram um brilho de alerta.

- O que quer dizer?

Leonor também se pôs de pé, mas, diferentemente de sua mãe, começou a passear pelo cômodo em um claro sinal de insegurança.

A jovem reformulou sua pergunta.

- Se sua filha só fosse uma simples e solteira dama de companhia sem mais aspirações, a aprovaria ou rechaçaria?

- Já lhe disse que eu...

- Não estou noiva – disse soltando o ar subitamente. – Jonathan e eu não planejamos nos casar. – Sua mãe ficou calada, por isso Leonor examinou seu rosto durante alguns segundos com o coração apreensivo, procurando buscar algum sinal de mudança que lhe indicasse o que estava pensando. Enquanto o silêncio se prolongava, mais nervosa ela ficava. – Suponho que lhe devo uma explicação.

Para sua total e completa surpresa, sua mãe fez um gesto negativo com a cabeça.

- Não importa – comentou com uma calma inusitada.

Pareceu a Eleonor que o chão se movia sob seus pés. Acabava de confessar que seu noivado era uma pura invenção e ela reagia como se não lhe importasse.

Insistiu novamente.

- Compreende o que estou dizendo?

- É claro – ouviu dizer. – Meus ouvidos estão perfeitamente sãos. Não sou nenhuma velha que esteja perdendo as faculdades.

- Mas, mãe...

- Não desejo escutá-lo – interrompeu. – Não desejo escutar mais nenhuma de

suas explicações incoerentes que vão destruir nossas vidas. Pelo que a mim diz respeito, está comprometida formalmente. O senhor Wells pediu-me permissão para cortejá-la, foi apresentado e acolhido nesta família e, além do mais, toda Boston o está sabendo. Não pretendo que volte a ocorrer o mesmo que há sete anos. Não o permitirei.

Leonor entrecerrou os olhos. A contundência de sua mãe foi inquietante.

- Não pretende que continuemos fingindo... – murmurou assombrada.

- Realmente deseja arruinar nossa relação?

Seu tom foi acusatório.

- Certamente que não!

- Então, vamos fingir que esta conversa nunca aconteceu. Pelo menos a última parte. E agora, por favor, deixe-me sozinha.

Leonor permaneceu alguns segundos no corredor, contemplando a porta fechada pela qual acabara de sair. A reunião não havia terminado como ela havia planejado e nesse momento seu noivado continuava sendo firme.

Envolvida em um redemoinho de confusão, perguntou-se o que havia ocorrido.

A única explicação lógica era que sua mãe, como sempre, se negava a ver a realidade e tomava as decisões de sua filha como um fracasso. Ela desejava tanto que se casasse, que ficava perturbada.

Sorte que desta vez não havia estourado uma guerra entre elas. Tudo havia sido bastante civilizado, talvez porque Leonor não havia apresentado resistência.

E agora, o que iria fazer? Continuar fingindo que era uma noiva apaixonada? Até quando?

Muito temia que iria ter que descobrir as respostas.

Quando ficou só, Helen Price voltou a sentar no mesmo lugar que havia ocupado alguns minutos antes. Sua filha acabava de sair e ela meditou sobre suas últimas palavras.

Certamente não era o que havia esperado ouvir de seus lábios. Tanta sinceridade de sua parte era um tanto estonteante. Santos céus, dois noivos e os dois haviam sido despachados sem pensar nas consequências, como se fosse uma jovem viçosa com toda a vida por diante e como se a idade não pesasse sobre ela.

Num sentido positivo, se disse que pelo menos desta vez não parecia tão decidida a se afastar do senhor Wells e sair correndo. Nem sequer a havia enfrentado. Quando lhe disse que era sua última palavra ela havia cedido sem protestar. Isso significava que a intuição de sua convidada era correta. Ou assim esperava, embora no momento não pudesse relaxar nem lhe tirar os olhos de cima, se desejava ver seu sonho realizado. Porque se tudo saísse segundo o planejado, por fim poderia organizar um casamento luxuoso e assegurar um bom

partido para sua filha, tudo de uma só vez.

Pensou que para conseguir seu objetivo ainda havia muitas coisas por fazer e empurrões por dar.

Talvez Margaret tivesse motivos altruístas, alguns que incluíam amor e felicidade. Helen era mais prática e tinha os seus.

Ainda assim, seguia sendo uma boa sociedade.

- Bom dia, Leonor. Como está hoje?

A jovem levantou o rosto das páginas do livro que estava lendo e o fechou, depositando-o sobre a mesinha mais próxima. Jonathan acabava de aparecer no solário envidraçado que Leonor havia escolhido para a leitura.

Adorava sentir o calor dos raios de sol enquanto mergulhava na história.

- Jonathan, não o esperávamos.

Não pôde evitar rir. Sua sinceridade possuía um doce encanto, porque estava seguro de que não o dizia com má intenção. Só a havia pegado de surpresa.

Tinha a impressão de que Leonor havia mudado um pouco desde que deixou a Inglaterra. Como dama de companhia, seu comportamento havia sido impecável, sempre sabia onde era o seu lugar, roçando a perfeição nesse sentido. Mas, apesar de conservar sua essência, agora parecia mais jovem e deixava ver mais de si, como se tivesse se desprendido da maturidade que requeria seu emprego. Pelo menos uma parte dela.

Isso não significava que a troca desagradasse a Jonathan. Pelo contrário. Quanto mais aprendia sobre ela, mais encantado ficava.

- Nossa, assim é como recebe suas visitas? Pela posição social a que pertence, supus que haviam—lhe proporcionado uma impecável educação.

Ela sabia que se tratava de uma brincadeira. Ainda assim, não pôde evitar se ruborizar levemente por causa da vergonha.

- Nem todo mundo estaria de acordo.

- Que quer dizer?

- Veja, há um pequeno e seletivo grupo de famílias chamadas de Brahmin, que são considerados a aristocracia da Nova Inglaterra. Apesar de endinheirados, mantêm um modo de vida muito conservador, pouco dado à ostentação e ao exibicionismo. São pessoas distintas, cultas e mecenas das artes. O escândalo é intolerável. Então, a minha educação deve lhes parecer um tanto medíocre.

- E sua família não se encontra entre essa elite?

Ela sorriu.

- Acaso não os conhece? Eles adoram a pompa, a diversão e a fofoca tanto quanto o poder. E seu círculo de amizades é do mesmo modo. — A maioria era de ricos empresários bastante influentes na cidade. É claro, a decência era importante para eles e seus filhos frequentavam as melhores escolas mas,

diferente dos Brahmin, se permitiam certas liberdades. Os bailes e as reuniões sociais eram vitais. – Por que acha que se encaixou tão bem entre eles?

O comentário pareceu feri-lo.

- Acreditava que minha forma de ser a agradasse.

- E gosto dela – assegurou ela. Não era um homem nada ambicioso, mas havia outras características que ele e a sociedade de Boston compartilhavam. – Mas seja realista, Jonathan. É um cavalheiro completo e se veste com finura e elegância. E apesar de tudo isso, tem um toque de excentricidade. Ir com Georgette a todas as partes é uma mostra disso, pelo que não teria lugar em famílias como os Bradlee, os Coffin ou os Tardox. Nem sequer eu, que sou muito mais comedida.

Tanta seriedade aborrecia Jonathan.

- Bem, deixemos de falar dos demais e nos concentremos em nós.

Leonor avaliou a situação.

- Minha mãe, minha tia e a duquesa viúva foram à igreja. – apressou-se em lhe explicar. Além do mais, estava se perguntando pelo paradeiro de Georgette, pois Jonathan havia chegado sem a arara, o que era muito estranho.

Jonathan fechou a porta às suas costas.

- Não é apropriado – ela protestou.

- Em Commor Manor não parecia tão reticente. Recordo ter mantido dezenas de conversas em particular.

- Era diferente. Na Inglaterra eu fazia papel de dama de companhia. Ninguém se importava com o que faça uma dama de companhia enquanto aparentemente seja discreta. No entanto, agora nos encontramos na casa de minha mãe.

- E é uma rica herdeira – enfatizou ele.

- Nem sequer sei o que sou – assinalou ela. E era certo. Durante sete anos, havia-se refugiado em seus empregos como acompanhante para fugir de seu passado e agora estava ficando em Boston, mas ninguém havia estabelecido uma data de partida. Que aconteceria depois? Acaso renunciaria a trabalhar para Margaret e permaneceria na cidade ou iria embora antes que outro escândalo salpicasse sua vida?

Leonor havia contado toda verdade a sua mãe, razão pela qual não havia mais segredos entre as duas. Aparentemente, haviam feito as pazes, ainda que parte de seu comportamento a confundia. Por que manter aquela farsa do noivado? O que se esperava dela?

- Não me importo com o que se possa dizer por passar alguns momentos a sós. Afinal de contas, estamos noivos.

- Não de verdade. E a mim, sim, importa.

Jonathan coçou o queixo.

- E o que é a vida sem um pouco de emoção?

Como era natural nele, viu a situação com humor. Era Leonor quem devia pensar nas consequências.

- Quer limonada? – Perguntou-lhe de repente, ao compreender que Jonathan havia-se empenhado em ficar e que ela não poderia fazer nada para evitá-lo. E era perigoso. Na tarde anterior, havia caído em uma tentação que a havia feito sonhar com ele durante toda a noite. – Sim – respondeu ela mesma, rompendo sua costumeira serenidade. Parecia um tanto alterada. – Farei com que tragam uma jarra.

Jonathan a interceptou antes que escapasse e a segurou pela cintura, retendo-a, sem chegar a forçá-la.

- Estou bem, Leonor. Não necessito de limonada.

- Chá, café?

- Só preciso de você. – A jovem lançou um suspiro por causa da surpresa. – Melhor dizendo, quero falar com você – enfatizou Jonathan para não perturbá-la mais.

- Sobre o quê?

- Sobre nenhum assunto em particular e sobre tudo. Por isso pensei que nos faria bem passar um tempo a sós.

- E como sabia que todos os demais estariam fora? – Havia sido durante a ceia da noite anterior que as três mulheres haviam combinado a saída. Ao que parece, sua mãe se encontrava disposta a dar seu primeiro passeio após seu percalço. Jonathan esboçou um sorriso malicioso, levantando imediatamente a suspeita nela. Franziu os lábios. – O que fez?

- Eu? – Perguntou com ar inocente que não conseguiu enganá-la.

- Adora as intrigas. Admita.

Sua risada flutuou no ambiente e Leonor ficou olhando-o, embaçada. Seus olhos sorriam, também, e seu rosto, já tão atraente por si, havia adquirido alguns belos matizes que enriqueciam cada ângulo de sua pele.

Naquele instante, não estava consciente do indecoroso da situação, pois ele continuava retendo-a. Leonor se encontrava dominada por suas próprias emoções, tanto que lhe era impossível lembrar das lições que havia aprendido sobre decência e protocolo.

- Ai, minha doce Leonor – escutou-o dizer. – Admiro sua perspicácia tanto como sua firmeza e sua força de vontade. É como uma brilhante flor no meio do prado que resiste a sucumbir à mudança de estação. E eu sou o peregrino que se detém no caminho e sabe descobrir sua beleza dentre todas as demais flores.

- Eu diria que pareço mais a um cacto espinhoso – declarou ela, pois não se sentia representada na comparação de Jonathan.

Ele se mostrou em desacordo.

- Espinhosa, você? De forma alguma. – Com a mão esquerda acomodada em sua cintura, Jonathan subiu lentamente a direita pela base de suas costas, acariciando cada polegada de pele por cima da roupa. – Vê? Nem sequer fura um pouco.

Ela se afastou da mão de forma abrupta.

- Não acredita que vou esquecer do que estávamos falando. Confesse.

- E se eu não quiser? – Desafiou-a com um sorriso endiabrado.

Seus olhares se encontraram e Leonor reteve a respiração. Tinha a sensação de que ia beijá-la a qualquer momento, porque ele inclinou a cabeça para o lado para se aproximar mais e entrecerrou as pálpebras até se concentrar em seus lábios.

Então, sua consciência lhe disse que não era justo. Jonathan não tinha nenhum direito de comportar-se daquela forma, mostrando interesse e desconcertando-a, quando estava apaixonado por outra mulher. Havia permitido seus galanteios como parte de sua atuação. Supunha-se que eram um casal de noivos e era o que deviam fazer, mas agora não havia ninguém ao seu redor.

Quis repreendê-lo, mas era muito provável que, ao fazê-lo, deixasse patentes seus sentimentos. E isso era algo que não podia se permitir.

“Pense, pense”, se disse.

- Se você não disser, perguntarei à duquesa.

Jonathan curvou os lábios, embora continuasse perigosamente perto.

- E o que a faz pensar que minha visita tem a ver com ela?

Leonor não o sabia, só estava sondando. Jonathan havia chegado à casa sem nenhum aviso prévio e, ao que parece, sabendo que a encontraria só. Então só havia duas opções: ou que as tivesse visto sair ou que soubera de antemão que não as encontraria.

- Por que não trouxe Georgette?

- Deixei-a descansando.

- Ela pediu isso?

Era um comportamento suspeito, pois Jonathan raras vezes se separava da arara.

- Ora, sente mais saudades dela do que de mim. Deveria ter ciúmes?

- Não diga idiotices – replicou Leonor. – Só procuro descobrir porque se mostra tão impaciente para conversar comigo quando nos vemos todos os dias.

- É tão difícil acreditar em mim? Não se considera suficientemente encantadora para despertar o interesse de um homem?

Seu coração bateu descontroladamente, embora terminasse por menosprezar o comentário.

- Não creio que Isobel o aprovasse – soltou por fim. Leonor desejava ser clara

para não dar pé a mal-entendidos ou ilusões. – Ela acharia reprovável que fingisse um noivado só para proteger a uma... - vacilou – a uma... amiga.

- Amiga? É isso o que pensa que somos?

- Você não? – Balbuciou.

Jonathan negou com a cabeça decididamente.

- Entre nós há muito mais. Só que se nega a confessá-lo.

Leonor emudeceu. É claro que não queria dizê-lo em voz alta, porque lhe dava a sensação de estar lhe entregando o coração; um coração que nunca seria correspondido. Ele amava Isobel e havia ido a Londres com ela depois de seu aparecimento no casamento dos duques. Para que seguir aprofundando-se naquilo? Conhecía quais eram os sentimentos de Jonathan.

- Mas Isobel...

Ele suspirou com chateação.

- Suponho que seja um momento tão bom como qualquer outro para falar dela. Sentamo-nos?

Jonathan pensou que um cálice de Porto não viria mal num momento como aquele, embora fosse muito cedo para beber. Não era nada prazeroso ter que dar explicações sobre seu passado ou reviver cada uma das lembranças que o ligavam a Isobel. Mas o achou oportuno.

Leonor merecia conhecer a verdade.

- Suponho que uma boa história deve começar a ser explicada desde o princípio – murmurou, coçando a nuca. Faz muitos anos que conheço Isobel. Tantos, que parece toda uma vida. Eu não era mais que um juvenzinho despreocupado quando meu pai me informou de sua intenção de contrair núpcias novamente. Como seu único filho, me alegrei por ele, pois eu já havia terminado meus estudos e nos víamos pouco. Merecia envelhecer junto a uma mulher que cuidasse dele e lhe fizesse companhia. No entanto, imaginei que sua nova noiva seria alguma viúva de certa idade e maturidade, não uma jovem que tinha praticamente minha mesma idade.

O certo é que, desde a primeira vez que colocou os olhos em Isobel, sentiu-se atraído por ela. Era belíssima, com um corpo perfeito e olhos resplandecentes. E do mesmo modo que a admirou, deu-lhe vergonha confessar que invejava a sorte de seu pai.

- Naquela época, - continuou ele – eu era bastante imaturo e não pude compreender como semelhante criatura estava disposta a casar-se com um velho que tinha mais que o dobro de sua idade. Meu pai era um homem muito rico, mas não possuía nenhum título.

- Nunca lhe confessou seus sentimentos? – Perguntou Leonor, que até então havia permanecido em silêncio.

Uma parte dela desejava conhecer a história de Jonathan e em que medida estava unido a Isobel, mas por outro lado, sentia-se mal. Os ciúmes haviam começado a ferroá-la, supondo que ele havia entregue seu coração a um amor impossível.

Não era um sentimento nobre e não se sentia orgulhosa, mas parecia-lhe impossível se desfazer deles.

- Enquanto meu pai estava vivo, não. Dessa forma o consideraria uma traição. Além do mais, Isobel era a esposa perfeita e desempenhava seu papel de um modo exemplar. Nunca deu indícios de me corresponder, por isso compreenderá minha frustração. Também tinha que lidar com os desconfortáveis sentimentos que despertava o fato de saber que ela foi a mulher de meu pai no sentido literal da palavra.

Leonor soube a que se referia. De fato, já parecia difícil pensar que a pessoa que se ama se deixasse querer por outra. Se a isso se acrescentasse que esse alguém era o pai dele, tanto maior a dificuldade.

- E o que aconteceu depois?

- Cheguei a Commor Manor para fugir e esquecer minhas dores após uma briga que tivemos – disse com pesar. – Meu pai havia morrido fazia alguns anos e suponho que a dor nos uniu. Ela se apoiava em mim, tanto nos assuntos financeiros como de outra índole, e terminei chegando à conclusão de que finalmente tínhamos nossa oportunidade.

- Deduzo pelo tom que está usando que nada saiu segundo o planejado.

Jonathan esboçou um sorriso carregado de pesar.

- Tem razão. Ela me rechaçou e disse que nunca havia sentido o mesmo. – Então, seu semblante mudou. – Mas por sorte, nem todos os dias são sombrios e as nuvens se desvanecem. Sabe por quê? – Leonor negou com a cabeça, com expectativa. – Porque conheci uma certa dama amada por todos que a rodeavam, ajuizada, sincera e leal, que procurava passar despercebida. E não conseguiu. Quando começou a rebater minhas palavras e a enfeitiçar Georgette, soube que nada voltaria a ser o mesmo.

A jovem piscou, lutando para controlar suas emoções.

- Isso não faz sentido. Foi embora com ela – disse. E apesar de não haver sido sua intenção, sua voz soou carregada de reprovação.

Jonathan se inclinou para a frente e cravou seus olhos nela.

- Sim, o fiz – admitiu.

- Então, o que acontece? Tem o costume de alternar uma mulher por outra?

- Não é o que parece... ou talvez sim – refletiu. – Isobel não podia permanecer em Commor Manor. Não podia pedir ao meu melhor amigo que a alojasse. Sua visita já estava causando muito rebuliço. E pensei que seria melhor

nos afastarmos e regressar a Londres.

- É claro – murmurou Leonor com voz pesarosa. Sabia ser compreensiva com os demais e perdoar as faltas, mas por um instante desejou a felicidade para ela também.

Ao longo dos anos havia-se acostumado à ideia da solidão, pelo menos quando se referia a vida de um casal. Ela não cumpria com nenhum padrão de beleza e, sendo dama de companhia, não tinha muito a oferecer. No entanto, ocorreu com ela na Inglaterra e ocorria também em Boston: sentiu uma leve esperança de mudar, como se, de uma vez por todas, o vento fosse virar e a sorte lhe sorrir, embora as palavras de Jonathan jogassem por terra qualquer chance que tivesse alimentado.

Inesperadamente, ele se sentou a seu lado e segurou suas mãos, provocando um pequeno caos no interior de seu corpo.

- Ela disse que desejava me reconquistar.

- Eu sei. Eu estava ali.

Deu-se conta de que, apesar do tempo transcorrido, a recordação continuava parecendo tão amarga como antes.

- Leonor, poderia me desculpar por algumas de minhas ações, embora não creia que serviria de muito. Não negarei que já então albergava sentimentos por você. E antes da intervenção de Isobel, havia-me proposto a investigá-los. No entanto, tudo mudou. Suponho que decidi que tanto ela como eu merecíamos uma oportunidade.

- Não tem que me dar explicações. O coração manda.

Jonathan sorriu de orelha a orelha.

- É realmente sábia, certo, querida? Pois me deixe contar que não demorei em me dar conta do erro “maiusculo” – enfatizou – que havia cometido e fugi de Londres quando me foi possível.

- Para recolher Georgette – recordou-lhe.

- Isso foi o que disse ao senhor Pickens durante todo o caminho. Uma desculpa ao menos crível, mas não a única. Pois então Isobel não é um problema.

Leonor ficou pensando naquelas palavras, enquanto em sua cabeça ferviam milhares de perguntas.

Começou pela mais simples de formular.

- E ela já sabe?

Ele vacilou um instante antes de responder. Quisera que fosse tão fácil.

- De algum modo deve sabê-lo.

- Como? Não lhe disse? – Perguntou, levemente escandalizada. – Diga-me que estou equivocada.

- Não.

Contrariamente à intenção de Jonathan, Leonor não se sentiu agradada, melhor dizer decepcionada, o que a levou à exasperação. Seu modo de agir não era precisamente cavalheiresco.

- Santo céu, Jonathan. E não merecia ao menos uma explicação? Essa é a mulher que amou? – Não compreendia como, após anos sofrendo por um amor impossível, nem sequer teve o incômodo de lhe revelar seus verdadeiros sentimentos. Não merecia algum tipo de delicadeza de sua parte? Porque não seria nada agradável que Isobel descobrisse que Jonathan havia mudado de opinião. – Não se tratará de uma vingança? – Perguntou-lhe com suspeita. – Acaso segue magoado porque ela o rechaçou?

Ele se indignou porque Leonor chegou àquela conclusão.

- É claro que não. Não sou tão mesquinho – esclareceu. – E para satisfazer sua curiosidade, direi que nem sequer o havia considerado do modo que você expôs. Para mim foi acontecendo pouco a pouco, até que me senti sufocado pela pressão que ela havia posto em mim e decidi colocar distância entre ambos. Depois surgiu a inesperada viagem e não tive tempo de lhe informar como era preciso. Mas Isobel é uma mulher inteligente e não duvido que esteja ciente de meus sentimentos.

Ou isso desejava crer.

Durante aquelas semanas em Londres, sua boa disposição inicial havia-se transformado em um incomum aborrecimento e sua indiferença era um claro indicativo do desgaste de suas emoções. Nem lhe seguia no cortejo, nem se deixou seduzir.

- E se não estiver?

Jonathan estalou a língua.

- Eu me ocuparei disso quando regressar a Londres. – Leonor quis perguntar quando seria isso, mas não se atreveu a fazê-lo. Não para satisfazer sua vaidade, mas sim porque não desejava que ele se fosse tão logo, mas então Jonathan percebeu sua expressão insatisfeita. – Acreditava que se alegraria em saber quais são as minhas intenções em relação a você.

- Seu instinto falhou. Como conhece pouco as mulheres!

- Ao que parece, tem toda a razão. Vim por nós e em troca você parece empenhada em falar de Isobel.

Leonor procurou fazê-lo entender.

- Um está ligado ao outro. Não posso esquecer que até há pouco a considerava a mulher de sua vida, então parece muito precipitada sua mudança de opinião.

Jonathan quis aclarar suas dúvidas e esclarecer o assunto de uma vez por todas. Ele estava começando a fechar as feridas e era necessário que ambos

estivessem no mesmo ponto do caminho.

- O que é tão difícil de entender? Talvez tenha desperdiçado anos ofuscado por um amor que não tinha sentido. Nem sequer naquela época. Me afeiçoei a meus sentimentos e enfraqueci, aferrando-me à minha própria dor e às injustiças da vida. E isso nem sequer era eu, porque minha personalidade é muito menos dramática. – Viu-a elevar os olhos. – O que quero dizer é que todo o amor em que acreditava foi-se diluindo até se transformar em carinho e eu não soube me dar conta até faz bem pouco tempo.

Não era um exagero. Até a tarde anterior ainda temia não tê-lo superado pois, apesar de se sentir fustigado por Isobel, ainda havia resquícios do passado presos dentro dele. No entanto, desde que tomou a decisão de seguir adiante com Leonor, compreendeu que era ela que iluminava seu coração e ela a única mulher com quem sentia vontade de encarar um futuro.

Disse para si, apesar de suas palavras, que ainda era cedo para lhe confessar a intensidade de seus sentimentos.

- Com você é diferente – continuou ele. – Tanto que me sinto confortável fazendo o papel de seu noivo. – Era realmente simples deixar-se levar e acreditar que seu noivado não era fruto do desejo de defendê-la. Adorava a Leonor da Inglaterra e continuava adorando, até mais, a de Boston. Estar junto dela não era tormentoso como havia sido com Isobel no passado, mas era certo que o amor não tinha por quê se acompanhar da dor. – Por isso e por muito mais, desejaria que me desse a oportunidade de descobrir o que representamos um para o outro, porque estou seguro de que ambos teremos uma grata surpresa.

Leonor vacilou. Jonathan havia—lhe confessado que tinha sentimentos por ela e isso enchia seu coração de um modo que nunca teria acreditado possível. No entanto, não podia se iludir, deixar suas emoções em liberdade e relaxar. Era muito arriscado. Porque não podia esquecer o papel que Isobel tinha na vida de Jonathan.

E se não a tivesse esquecido como assegurava, sem que ele mesmo se desse conta disso? E se quando o fizesse ela estivesse muito envolvida? Seria devastador comprovar que tudo havia sido uma mera ilusão e que nunca seria possível que fossem um casal. Ou talvez Jonathan terminasse se entediando com ela. Era uma possibilidade bastante real, pois Leonor não era nenhuma beleza e não tinha muito o que oferecer.

- Não sei – murmurou cheia de dúvidas, após alguns segundos em silêncio.

- Seja sincera comigo – ele a animou com voz suave. – Abra-se para mim. – Leonor ficou olhando-o, enquanto o dedo indicador de Jonathan começou a mover-se discretamente por sua pele. Aquela delicada carícia era suficiente para desestabilizá-la e fazer que deixasse de pensar com clareza. – Por que não revelar

quais são seus sentimentos?

Ela levantou as pestanas com delicadeza.

- Não posso estar certa de nada – sussurrou. Tudo era muito confuso e precipitado.

- Eu a ajudarei – escutou-o dizer, antes que tomasse a iniciativa.

Leonor, que não era nada imune aos encantos de Jonathan, estava há algum tempo esperando aquele momento, embora houvesse tratado de calar sua voz interior. Quando ele começou a percorrer com o olhar todo seu corpo, sentiu palpitar seu coração sob o peito.

A expectativa se mesclou com o desejo e isso apenas por a estar roçando.

Quando Jonathan a segurou pela cintura com delicadeza e a aproximou de si, ela levantou a vista com certo aturdimento e viu que seus olhos brilhavam com calor, dando-lhe a confiança de que necessitava.

- Vou beijá-la – ele anunciou com ternura.

Em seguida, tudo ocorreu com rapidez. Sem lhe dar tempo para pensar, Jonathan se inclinou sobre ela e capturou seus lábios, absorvendo sua essência e fazendo pressão sobre sua boca. Enquanto isso, sua mão deslizava por suas costas até se deter na base da coluna.

Tratava-se de um beijo que começou titubeante e terminou tornando-se exigente. Jonathan passou a se comportar como um homem fogoso que dava liberdade a seus desejos, ignorando deliberadamente o cavalheiro que levava dentro de si.

Com a respiração entrecortada e a mente um tanto nublada, pensou que era o primeiro homem que conseguia despertar nela semelhantes sentimentos e que a fazia vencer qualquer medo ao escândalo. Ela, que sempre havia acatado as normas do decoro, encontrava-se em uma posição incomum.

Superado o estupor inicial, Leonor relaxou, como se fosse a etérea brisa sobrevoando a vegetação de um fresco prado. Arqueou as costas e se apoiou em seus ombros para gozar da recém descoberta sensualidade que seus corpos emanavam. Passou uma mão por seu cabelo suave e acariciou sua bochecha e seus lábios com delicadeza, retendo cada minúsculo detalhe.

Era estranho como tudo havia acontecido. Jonathan havia chegado a Commor Manor para procurar esquecer Isobel, enquanto ela havia aprendido a proteger seu coração. E enquanto o amor florescia para seus amigos, eles mesmos haviam caído sob sua influência.

Naquele instante, Jonathan deixou escapar um suspiro de satisfação. Afastou-se um pouco de seus lábios e lhe perguntou: - Gostou? – Seu olhar era muito vivo.

Leonor passou uma mão pela garganta e deixou escapar um suspiro, voltando

a enredar seus dedos no cabelo masculino.

- Sim – respondeu com voz afetada.

Era contra separar-se e ainda sentia o efeito do roçar de seus corpos.

- Prometa-me uma coisa – disse Jonathan, apoderando-se de seus lábios. Mas desta vez lançou uma série de breves beijos aos que parecia não querer dar fim.

- O quê?

- Prometa-me que pensará em nós. Prometa-me que me dará uma oportunidade.

Ela assentiu, devagar. Fechou os olhos e se apoiou sobre seu peito, conseguindo que Jonathan voltasse a suspirar.

Era uma delícia encontrar-se em seus braços.

- Já que falamos de sinceridade, poderia me dizer como sabia que estava sozinha?

Jonathan deu um assobio baixo.

- Não deixa nada escapar. – Apesar do que acabavam de compartilhar, ela não havia abandonado a conversa inicial. Então se deu conta de que Leonor não daria por resolvido o assunto até que respondesse com a verdade. – Na última hora da tarde de ontem mandei um bilhete particular a Margaret. – Não tinha que olhar para saber que ela estaria enrugando o cenho. – Pedi que inventasse algo para esvaziar a casa e conseguirmos um pouco de privacidade.

Leonor ficou boquiaberta.

- Está dizendo que a visita à igreja foi ideia sua? Do que é capaz?

Jonathan esboçou o mais encantador sorriso.

- Por você, querida? O que for preciso.

Tudo começou como um jogo; simples passatempo para fugir do tédio a que estavam submetidos. As ruas se encontravam salpicadas de barro devido à chuva que caíra sobre Boston no dia anterior e que se negava a ir embora. Assim sendo, Helen Price decidiu organizar um lanche com a única intenção de esquecer as inclemências do tempo que haviam minado suas possibilidades de ócio.

Apesar da chuva, haviam ido Amélia, sua irmã mais velha, Stephen, um dos filhos desta, Jonathan e Georgette, é claro, seu secretário, que havia sido amavelmente convidado à mansão, sua sobrinha Priscilla e o par formado pelo casal Henderson.

- Está tarde, deveríamos fazer algo diferente que nos faça esquecer que estamos presos – anunciou a mãe de Leonor que, como nos últimos dias, continuava atuando como anfitriã. Seu lar havia servido para reunir a família em diversas ocasiões e, embora faltasse a maioria dos homens, pois se encontravam ocupados com seus negócios, era um grupo suficientemente numeroso.

Incluir o senhor Pickens foi uma opção bem acolhida. Helen pensou que talvez não fosse de sua mesma classe social, mas trabalhava para seu futuro genro e se encontrava em uma cidade totalmente desconhecida. O pobre homem não havia tido a oportunidade de procurar qualquer distração, por isso ela a oferecia. E, de bônus, se decidisse acompanhá-los, poderia aproveitar bem para saber mais de Jonathan e sua vida.

Era como matar dois pássaros com um só tiro.

- E o que propõe? – Perguntou sua irmã Amélia, aberta à mudança.

- Ainda não sei. Margaret?

Que pedisse opinião à duquesa viúva não foi nada surpreendente. Margaret possuía uma personalidade doce e benevolente, o que a afastava muito da personalidade da mãe de Leonor. No entanto, aquele detalhe não havia impedido que ambas tivessem se tornado muito boas amigas no transcurso dos dias e que decidissem se tratar com informalidade.

O olhar da anciã se iluminou.

- Poderíamos organizar um jogo ou fazer um teatro.

Fazia muito tempo que a ela não se apresentava uma oportunidade como aquela. Viver no campo tinha suas compensações, mas seus vizinhos eram pessoas simples e tranquilas, pouco dados àquele tipo de atividades. E, ainda que

contasse com a companhia de seu neto Jeremy, que costumava ser um jovem muito sociável, e que gostasse de ter convidados em Commor Manor, ele se mostrava arisco com tudo o que tinha a ver com interpretação teatral e frivolidades.

- Um teatro? – Interessou-se Beatrice. – De que tipo?

De onde estava tomando um café, Jonathan perguntou-se por que tanto ela como seu esposo seguiam vindo às mesmas reuniões todos os dias. Acaso não teriam mais compromissos ou mais amigos a quem aborrecer?

Era curioso com que facilidade conseguiam estragar sua boa vontade e como, mesmo com o passar dos dias, não havia diminuído sua má opinião sobre eles. Já nada tinha a ver com Leonor ou o modo com que haviam se comportado com ela. Simplesmente não os suportava.

Prometeu a si mesmo que faria mudanças a esse respeito, embora para isso devesse falar com sua futura sogra.

- Alguma peça simples em que possamos todos participar. Talvez uma fábula ou um teatro leve com que nos sintamos cômodos. – A duquesa viúva se dirigiu então à mãe de Leonor. – Helen, não terá por aí vestidos velhos ou alguma fantasia que possamos usar?

Ela teve que pensar por alguns segundos. Em algum lugar da casa deveriam estar guardados os trajes que se haviam acumulado ao longo dos anos e que por serem luxuosos nunca haviam dado à caridade.

- Provavelmente – admitiu. – Pedirei às criadas que os busquem.

A ideia da duquesa viúva pareceu dar novos ânimos.

- E se todos vamos participar, quem julgará a pessoa que o faça melhor? – Perguntou Beatrice.

Sua tia a repreendeu com o olhar.

- Ninguém – disse de modo contundente. – Beatrice, estamos fazendo isto por puro divertimento.

- É claro – se apressou em responder. – Mas seria uma lástima que ninguém nos veja. Acaso seus criados, tia, vão ser nossos espectadores? Seria um desperdício de talento.

Helen a fitou, carrancuda.

- Está propondo que alguns de nós não deveríamos participar pelo simples prazer de vê-la atuar? – Com um gesto menosprezou todos os seus protestos. – Não seja boba. E agora, por favor, façamos logo isso.

Todos começaram a falar ao mesmo tempo, procurando dar suas ideias a respeito do que se devia fazer. Parecia que alguns não quisessem escutar as propostas dos outros. E com isso, logo começaram as desavenças pela escolha da obra, pelos papéis e inclusive pelo vestuário.

- Nego-me a fazer a órfã! – Indignou-se Beatrice ante as sugestões.

Ter ficado alguns minutos em silêncio já havia sido castigo suficiente para ela.

- Nem eu farei o asno! – Exclamou Stephen.

O caos foi se estendendo.

O senhor Pickens foi o único que pediu a palavra respeitosamente, mas ninguém parecia lhe prestar atenção, pelo que teve que se pôr em pé no meio do salão e acalmar os ânimos.

- Um pouco de ordem, damas e cavalheiros! – No começo o ignoraram do mesmo modo que faziam entre eles, pelo que teve que levantar o tom da voz para se fazer ouvir por todos. – Um pouco de ordem, damas e cavalheiros! – Exigiu. – Têm que saber se respeitar.

Jonathan levantou uma sobrancelha ao vê-lo tomar o controle da situação. Pickens era um homem eficiente, mas reservado, e raras vezes lhe agradava ser o centro de atenção.

Ajeitou-se comodamente na poltrona que ocupava e fitou a todos.

- Tem toda razão. Estamos nos exaltando sem motivo algum.

Todos haviam aceito a proposta da duquesa viúva com um excesso de entusiasmo.

Pickens retomou a palavra.

- Senhora Price, agradeço o convite desta tarde. No entanto, devo declinar em embarcar nessa atividade. Minha participação não é necessária.

Jonathan não o deixou escapar com tanta facilidade.

- Vamos, não tem outro lugar aonde ir. Além do mais, um pouco de diversão não o machucará.

Visivelmente incômodo, o secretário estirou a jaqueta e depois consultou o relógio de bolso, como se o esperassem em algum lugar.

- Insisto em me negar, senhor Wells.

- Não seja tão empertigado. Acha que vamos lhe fazer mal?

Naquele instante, Roberta interveio. De onde estava, havia contemplado a cena: o incômodo do senhor Pickens, os suores frios ou sua tentativa de aparentar normalidade, quando era evidente que a ideia de atuar não o atraía em absoluto. E ao final havia se apiedado dele.

- Senhor Pickens, – Roberta se levantou, tomou-o pelo braço e foi afastando-o dos demais - não se preocupe. Darei um papel muito pequeno, insignificante, diria eu. Com algumas poucas palavras será o suficiente. Ou pode se fazer de árvore se assim o deseje.

Com o primeiro incêndio apagado, e se dando conta de que não chegariam a um acordo, todos votaram por fazer grupos pequenos e que cada um deles escolhesse o que mais lhes agradasse. Imediatamente, Jonathan se candidatou

como par de Leonor, a mãe desta se juntou à duquesa viúva, a tia Amélia com a prima Priscilla e é claro, Adam e Beatrice. Roberta teve que se encarregar do senhor Pickens e de seu sobrinho Stephen.

No final, todos pareceram bastante aliviados com a divisão.

Isso deu a oportunidade para que Jonathan e Leonor passarem mais tempo sozinhos, ou o mais sós que podiam estar, se se levassem em conta os numerosos familiares dela que se espalhavam pelo térreo da mansão.

Jonathan, muito animado, foi em busca de sua querida Leonor, segurou-a pelo cotovelo e lhe dedicou uma infinidade de sorrisos carregados de complacência, que ela devolveu com entusiasmo. Talvez não estivesse pronta para expressar em voz alta seus sentimentos, mas ele podia ser um homem paciente. Afinal de contas, a perseverança iria triunfar.

Foi então quando uma entusiasmada Beatrice começou a expor seus planos em voz alta.

- Adam e eu vamos representar alguma divindade grega que luta para reestabelecer o poder frente aos homens.

Jonathan a contemplou fixamente enquanto fazia esforços para conter o comentário mordaz que tinha na ponta da língua e não o dizer em voz alta. No entanto, o participou a Leonor.

- O papel de harpia lhe assentaria como uma luva – sussurrou a seu ouvido.

Ela moveu a cabeça com incredulidade e cobriu a boca com a mão, antes que a risada lhe escapasse.

- É terrível – repreendeu-o sem nenhum tipo de rigor.

- Ande, negue que não pensou o mesmo – desafiou ele.

- Não o fiz... Não me deu tempo.

Jonathan queria beijá-la ali mesmo. Dar-lhe um longo e profundo beijo que excitasse a ambos. No entanto, estavam rodeados por todos os lados e era impossível fazê-lo sem escandalizar a família.

- Afastemo-nos daqui.

Fez um gesto discreto para chamar Georgette, que até então havia permanecido tranquila no peitoril da janela.

- Para onde?

- Para algum lugar mais privado onde a voz de sua prima não chegue a meus ouvidos. Embora não saiba se há algum lugar nesta cidade que ela não alcance.

Leonor soltou uma risadinha musical que invadiu todos os seus sentidos, e ele a segurou pela mão, entrelaçando seus dedos. Abandonaram o salão com total discrição, enquanto no fundo Beatrice seguia seu monólogo e Helen dava ordens a duas criadas para improvisar os cenários.

Foram até a biblioteca em uma atmosfera silenciosa. Ao fechar a porta

Jonathan deixou Georgette ir, segurou Leonor pela cintura com urgência e cobriu os lábios dela com os seus, sem nenhum sinal de hesitação. E Leonor respondeu à ofensiva com autêntica devoção enquanto suas línguas se enredavam, buscando sua total rendição. Mas aqueles beijos às escondidas eram muito traiçoeiros para sua própria paz, porque desejava mais e mais.

Finalmente terminou recobrando o juízo.

- Detenha-se – disse ela.

Jonathan resistiu em acreditar e continuou beijando-a.

- Não o diz de verdade.

Leonor procurou afastar-se.

- Não o trouxe aqui para isto. – Relutantemente, Jonathan a soltou e Leonor ajeitou o cabelo para se assegurar de manter o aspecto imaculado que sempre apresentava. – Necessitamos nos concentrar em uma obra e começar com os ensaios. Creio ter a solução.

Como se não tivesse acontecido nada fora do comum, começou a inspecionar uma das estantes, lendo os títulos, enquanto seu dedo deslizava pelas lombadas dos livros.

Com as mãos entrelaçadas nas costas, Jonathan pensou que Leonor tinha uma bonita expressão em seu rosto, tão concentrada em sua tarefa como estava. Alegrava-se de que fosse seu par naquela distração em particular, porque qualquer outra opção teria sido tão frustrante como decepcionante.

Para não desperdiçar a oportunidade que lhe haviam brindado, embaralhou um par de possibilidades que podiam interpretar diante dos demais. Uma delas era um tanto cômica, mas não requeria uma proximidade especial entre eles dois. A outra, em troca, lhe permitiria abraçá-la sem levantar reprovações entre a mãe e as tias de Leonor.

No entanto, ela parecia ter suas próprias ideias.

Aproximou-se da jovem e se apoiou na parede, sem afastar os olhos dela.

- Procura algum livro em particular?

- Um minuto de silêncio, por favor – murmurou Leonor, voltada para ele. De imediato voltou a cravar o olhar na estante. – Creio lembrar que... - disse para si. – Não pode ter desaparecido porque eu... - Leonor se interrompeu e tirou um dos livros que havia estado tocando. Abriu a capa e o folheou. – Já sei o que quero fazer: “The lady of Shalott”.

Jonathan enrugou a testa ao reconhecer a obra de Alfred Tennyson.

- Um poema – disse, assombrado pela escolha. Ela parecia satisfeita, mas não era o que Jonathan tinha em mente. – Acreditava que faríamos um pequeno teatro.

A obra, como uma lenda medieval em tempos do rei Arthur, centrava-se em

uma dama presa em um castelo que vivia sob a ameaça de uma maldição. Não recordava quantas estrofes tinha, mas sabia que era longo.

Seria impossível decorá-lo todo em um par de horas.

- Já demonstrou seus grandes dotes como poeta – lembrou Leonor fazendo referência à cena acontecida no primeiro jantar com a família dela. – Não desejo desiludir os presentes.

Ele sorriu.

- Está me adulando para conseguir o que quer? – Ela lhe devolveu o sorriso, confirmando suas suspeitas. Após alguns instantes de silêncio, se situou detrás dela, roçando inocentemente seu corpo, e olhou por cima de seu ombro. – Deixe-me ver.

Apesar de sua determinação inicial, foi um tanto difícil se concentrar no que estava escrito, pois o tênue perfume de Leonor conseguia distraí-lo. Além do mais, cada vez era mais consciente de seu próprio desejo.

Limpou a garganta.

- A ambos lados do rio – ele começou a recitar – se abrem amplos campos de cevada e centeio, que decoram a terra e se reúnem com o céu; e através do campo se estende o caminho que vai para as torres de Camelot. – Jonathan se deteve após a primeira estrofe. – Como supõe que o façamos? – Perguntou, contemplando sua delicada nuca, tão atraente que parecia como Camelot para a dama de Shalott.

Que ela desse a volta e umedecesse os lábios não ajudou em nada.

- Ambos podemos fazer a dama de Shalott. – Jonathan a fitou interrogativamente e ela teve que lhe esclarecer o que lhe havia ocorrido. – Talvez não seja o papel que tinha previsto, mas tive que ter em conta que você recita maravilhosamente. Poderíamos pôr um pequeno banco de madeira e um espelho diante dele. Eu fingirei que estou tecendo e você, Jonathan, começará os primeiros versos.

- Preferiria fazer um papel de cavaleiro andante que resgata a dama.

- É uma pena que na obra não acontece algo assim.

- Talvez pudéssemos mudar o final – sugeriu. – Que seja Lancelot que a libere de uma vez por todas da maldição.

- Então deseja ser meu salvador - disse ela, zombando, enquanto deslizava a mão pela lapela da jaqueta masculina.

Jonathan se conscientizou, em cada fibra do seu ser, de sua proximidade. Sua respiração ficou lenta e seus sentidos ficaram em alerta. Se não fez comentários a respeito e fingiu naturalidade foi para que ela não se deixasse levar pelas normas rígidas do decoro. No entanto, pensou que era uma delícia que fosse ela quem tomara a iniciativa. Aquele gesto indicava que Leonor se sentia suficientemente

cômoda com ele.

- Da maldição que é sua prima? É claro. Diga-me o que necessito fazer para me desfazer dela.

Leonor não pôde deixar de rir. Seus comentários maliciosos eram certos, pois havia momentos em que também acreditava que Beatrice fosse uma maldição. E Jonathan não podia resistir a ela. Era a mulher que satisfazia suas esperanças.

- Um remédio. Necessita um poderoso remédio para esquecer-se dela.

Jonathan ficou tenso ao escutar sua resposta. Dirigiu o olhar à mão de Leonor, que continuava deslizando pelo seu peito.

- E qual será? – Perguntou com a voz entrecortada.

- Um pouco disto e um pouco daquilo.

Se Leonor foi tão ambígua foi porque de repente Jonathan começou a depositar um caminho de beijos por sua garganta, avançando polegada por polegada e incendiando a pele a sua passagem.

E assim era impossível pensar com clareza.

Em seguida, Jonathan mordiscou seus lábios deliciosamente, beijou-a levemente na boca e voltou a se concentrar no pescoço e na clavícula, onde a pele estava exposta a suas carícias.

Se ela surpreendeu-se ao sentir como pressionava seu quadril contra ele e a envolvia em um íntimo e embriagador abraço, não o demonstrou. Seu aroma era quente e sua boca exigente. Leonor se apertou contra seu corpo e deixou que ele a guiasse por aquele doce tormento de emoções.

Jamais teria permitido tais liberdades a qualquer outro, se bem que ele não era só um amigo ou seu falso noivo. Porque Jonathan a desejava e a cada oportunidade que lhe concedia assim o demonstrava. Além disso, conseguia que seu coração se acelerasse só com um olhar.

No entanto, o mais importante de tudo era que ela também o desejava.

- Jonathan... - murmurou, ao fim de alguns minutos, por cima de seus lábios. Sua mente se encontrava adormecida, embora ficasse um resquício de sensatez. Qualquer um poderia entrar na biblioteca para buscar um livro, tal como eles haviam feito, e surpreendê-los em um abraço mais que comprometedor. – Peço que deixe de me tentar. Devemos ensaiar – ou pelo menos era o que a voz da razão lhe dizia. – Nos comprometemos em fazê-lo.

Ele deixou escapar um grunhido de inconformidade. Era a segunda vez em poucos minutos que Leonor procurava deter seu avanço e cada vez estava menos disposto a deixá-la ir.

- A única pessoa com quem me comprometi foi com você – assinalou ele com sagacidade.

- Não me referia a isso e o sabe. Minha mãe e a duquesa viúva esperam uma atuação que seja digna. Se você me distrai com seus beijos e suas carícias nunca conseguiremos alcançar suas expectativas.

- Tem muita fé em mim.

Leonor tirou as mãos masculinas de sua cintura e chamou Georgette com a firme intenção de que seu dono não se aproximasse novamente com segundas intenções, embora não fosse fácil resistir àquela demonstração de sensualidade.

Enquanto acariciava o animal distraidamente, pensou que, desde que Jonathan lhe confessara que Isobel não seria um problema e que desejava que ela lhe desse uma oportunidade, a relação entre ambos havia ficado mais íntima. Não só no aspecto físico. Sim, Jonathan procurava beijá-la na menor oportunidade, mas o que de verdade importava era que estavam amadurecendo a possibilidade de um futuro juntos e falavam disso com menos melindres. Era como se Jonathan houvesse descartado a possibilidade de regressar à Inglaterra. Nunca mencionava a farsa em que estavam metidos, nem dava mostras de terminar com isso. E muito menos contava com a possibilidade de opor-se a sua mãe; continuava aferrado a um compromisso inexistente. Mas para todos, ocasionalmente inclusive para eles mesmos, era real.

Ao que parece, sua mãe não era a única que evitava falar da ruptura.

No meio daquela torrente de sentimentos e confusão sobre Jonathan e sobre o que representava para ela, o tempo transcorria escutando falar do casamento, de convidados e vestidos. Além do mais, Kenneth havia-se reunido um par de vezes a sós com Jonathan para conversar sobre o futuro da refinaria, enquanto a pressionava para que aplainasse o caminho com sua mãe.

Leonor não era muito otimista quanto a sua resposta. Se não a havia escutado e preferia ignorar uma verdade dessa magnitude, que em um momento ou outro terminaria aparecendo, nada prenunciava que aceitaria melhor a saída e o abandono de Kenneth.

Leonor não desejava decepcionar a ninguém e por isso se perguntava até onde seriam capazes de chegar com o noivado.

Quando esteve segura de que Jonathan manteria as mãos no lugar em que deveriam estar, levantou-se para recuperar o livro com o poema. Por sorte, ele se mostrou ajuizado; fez-lhe caso e se concentrou na tarefa.

Só o brilho de seus olhos o delatou.

Leonor não era uma mulher vaidosa. No entanto, mais tarde, enquanto representavam a obra, foi ganhando confiança em si mesma, porque ambos se desenvolviam muito bem juntos. Fitavam-se com adoração e sentia vibrar cada parte de seu corpo. Por um momento, pareceu que estivesse recitando o diálogo como se só eles dois estivessem presentes.

E todos se deram conta.

- Parecem apaixonados... - suspirou tia Roberta ao vê-los finalizar.

O senhor Pickens elevou uma sobrancelha de um modo ligeiro que passou despercebido, pois estava ciente da farsa que ambos representavam. Entretanto, também era consciente do modo como Jonathan tratava sua suposta noiva.

Leonor, que havia escutado o comentário, procurou não lhe dar importância. Se disse que sua tia estava vendo demais, talvez comovida pela história da dama de Shalott. Embora não pudesse negar que de repente seu coração esteve a ponto de sair pela boca.

“Apaixonados”. Essas eram palavras intensas.

Ou não?

- Creio que seria o correto.

Já fazia cinco minutos que tanto Jonathan como Helen mantinham um toma lá dá cá no escritório da casa dos Price.

A matriarca havia mandado Leonor ir atrás da duquesa viúva, sabendo que demoraria um bom tempo em descer, já que a mulher tirava um longo cochilo antes do passeio da tarde. Necessitava manter a conversa com Jonathan sobre a conveniência de presentear a sua filha um anel de noivado.

- Talvez Leonor não esteja de acordo – replicou o outro.

- Por que não deveria? É espantoso que a essas alturas não tenha um.

- Já lhe disse que sua filha tem opiniões próprias sobre o que é e o que não é certo. Dadas as circunstâncias, a senhora deveria saber bem.

A alfinetada não passou despercebida. A que deveria ser sua futura sogra, e o seria se as coisas fossem por um bom caminho, mostrou um franzido de testa pronunciado enquanto seus lábios formaram uma fina linha que mostrava seu desgosto.

- Não entendo suas hesitações. Não se trata do que deveria ser, mas sim do que minha filha merece.

E com isso o convenceu. Ou ele fingiu-se convencido. De fato, já o estava antes de ter essa conversa.

As coisas iam bem, não podia negar. Sentia-se otimista com as respostas de Leonor. Inclusive havia imaginado que de verdade era um noivado real. O assunto do anel já havia—lhe passado pela cabeça, mas ainda duvidava se seria um passo muito arriscado. Não queria pressioná-la. Não demasiadamente.

E que Helen Price se preocupasse com esses detalhes, já não pelas aparências, mas sim porque sua filha o merecia, era um motivo de satisfação. Suspeitava que entre mãe e filha pudesse acabar havendo um entendimento. Era muito possível que, só por sentar e falar, as coisas se arranjassem entre elas. Não que estivessem mal, mas lhes faltava um empurrãozinho.

- Leonor merece tudo, - não podia ser mais sincero – mas entre o casamento de nossos amigos e a viagem a Boston, não acreditei que fosse o momento.

- Bem, pois lhe asseguro que já é hora. Recomendarei os melhores joalheiros da cidade.

- Se não for muito incômodo – já havia cedido.

Entre eles se instalou um esperado silêncio que, se bem que não fosse incômodo, indicava que ficavam algumas coisas por dizer.

Jonathan avançou sondando.

- Leonor me explicou o que aconteceu. – Não permitiu que a mulher dissesse nada. – Não estou julgando seu comportamento nem o de sua filha, mas me parece admirável, embora a senhora possa não ver assim, que sua filha tenha resistido sem o peso de seu sobrenome e ainda assim tenha mantido uma dignidade fora do comum. O infortúnio não a deteve e, desde que a conheço, só percebi nela gestos de amabilidade, cortesia, uma sensatez inusitada e um grande coração. Também poderia lhe detalhar sua fortaleza de espírito e a simplicidade que a acompanha aonde vá, mas temo que já não me levaria a sério porque já não seria de todo objetivo.

- Talvez não, – permitiu-se ser indulgente – mas nisso reside o amor: ser capaz de ver o melhor do outro ou tolerar seus defeitos.

- Oh, posso assegurar-lhe que sua filha não é perfeita. – Sorriu com certo pesar. – É muito teimosa.

- Creia-me, sei um pouco sobre isso.

Ambos sorriram, cada um ligado pela recordação que incluía a mesma pessoa.

- Não a magoe, - parecia como se suplicasse – ou farei com que lamente.

- Embora tome sua advertência muito a sério, mas não por causa dela, prometo-lhe que farei o que esteja a meu alcance para que Leonor não sofra.

- Isso espero. Assim como desejo que o amor e o carinho que demonstram suas palavras sejam tão verdadeiros como quero acreditar.

Poucas coisas se podiam acrescentar a esse desejo, por isso algumas horas mais tarde, e depois de conseguir escapulir, Jonathan voltou ao lar dos Price com um anel de ouro, com cinco rubis birmaneses ovais engastados com brilhantes diamantes lapidados, guardado no interior de uma caixinha que ocultava no bolsinho de seu colete.

Havia percorrido meia Boston e não demoraria em escurecer, mas no final havia achado na Shreve, Crump & Low. Sabia também que era ali onde Adam Henderson havia comprado o que Leonor havia usado durante seu noivado. E isso não o agradava. Apesar disso, podia imaginar que na realidade era outra loja, tal como Helen Price lhe havia explicado. A joalheria havia sido alcançada pelo grande incêndio de Boston no ano de mil oitocentos e setenta e dois, destruindo-a.

“Espero ter acertado”. Embora em seu íntimo estivesse seguro de que assim seria. Nunca um presente havia sido pensado tão conscientemente.

É claro, agora esperava o verdadeiro veredito.

Com a cumplicidade de Helen, dirigiu-se ao jardim. Havia-lhe prometido que

procuraria Leonor e a enviaria para junto dele. Também o advertiu de que, se bem que se mostrasse permissiva deixando-lhes um momentinho a sós, não ia tolerar nenhum tipo de falta de respeito em sua casa.

Jonathan entendeu perfeitamente. Podia segurar-lhe a mão e lhe dar um beijo, mas sem passar disso. Bom, o beijo poderia agradá-la. Não havia nada que desejasse mais que voltar a beijá-la – bem, ou talvez houvesse, mas se conteria. – Desta vez seria devagar, sem pressa. Se se mostrasse inteligente, talvez pudesse obter algo mais em troca. Se Helen Price não se inteirasse, azar o dela. Ele, de sua parte, não abriria a boca. E se encarregaria de que Leonor fizesse o mesmo.

Pegou a caixinha, abriu-a e contemplou o brilho do anel sob a luz do pôr do sol que se infiltrava pelas árvores para fechá-lo novamente e introduzi-lo no bolsinho. Era curioso como se sentia a respeito. Inseguro e ansioso. Como se entregar essa joia a Leonor marcasse um antes e um depois. E talvez fosse.

Tentou evitar pensar nisso detalhadamente durante as visitas aos joalheiros, mas devia admitir que o assunto havia estado em sua mente desde que Helen Price o trouxera à tona.

Desde que saiu de Londres de volta a Commor Manor, uma opressão havia se instalado na boca e seu estômago, ocupando o vazio que havia desde que partiu para Londres com Isobel. Haveria pessoas, Margaret entre elas, que poderiam pensar que essa pantomima de se passar por noivo de Leonor não era outra coisa senão um ato a mais desse tédio que o atormentava desde que havia deixado a juventude. Desses acontecimentos em que se envolvia para ocultar que sua vida era vazia, carente de todo estímulo, em lugar de uma tentativa desesperada de reter Leonor e se aproximar o suficiente para lhe fazer entender que havia algo entre eles que não devia ser menosprezado.

Em que momento havia passado a ser tão imperativo tê-la perto?

Era o destino. Tinha que ser. De outra forma, o que fazia com que duas pessoas tão diferentes e com objetivos e passados tão afastados um do outro se atraíssem até o ponto de não considerar outra opção além de estarem juntos?

De fato, nos últimos dias via a si mesmo envelhecendo ao lado de Leonor; rodeado de filhos e netos. Se isso não era amor, melhor seria afirmar que estava enlouquecendo.

- Onde está? Por que demora tanto?

Como se tivesse sido invocada, Leonor apareceu numa esquina da casa. Jonathan havia escolhido o banco mais oculto do jardim para assim poder proteger sua intimidade. Leonor, ao vê-lo, sorriu sem reservas, com a desconfiança dos últimos tempos desaparecida.

Podia-se dizer que nunca a havia visto tão resplandecente. E sabia que era por causa dele. Como sabia também que estava ansioso por ela, só por ela.

- Minha mãe disse que me procurava – sentou-se junto a ele no banco, com expectativa. – Embora também tenha dito que não nos deixará aqui fora por muito tempo.

- É encantadora.

- Minha mãe? – Parecia surpresa.

- Acaso falávamos de alguém mais?

Leonor sacudiu a cabeça.

- Sim, quer dizer não, falávamos dela. Mas é que me surpreende, isso é tudo – e lhe agradou que pensasse assim. Apesar dos sentimentos desconfortáveis que ela pudesse ter pela mãe, não desejava que Jonathan pensasse que era má pessoa.

- Pois não deveria se surpreender. Tem você muito dela.

E beijou sua mão porque não podia ficar quieto nem um minuto a mais.

Foram seus olhos, ou talvez sua expressão, que lhe indicaram que a recepção era mais fria do que esperava, pelo que, como bom cavalheiro que era, não duvidou nem um instante em dar o que Leonor pedia, ou parte disso, ao menos.

Não lhe deu tempo de se preparar para o assalto. Sua boca procurou a dela com uma avidez que sugeria uma longa abstinência. Desejava relembrar todos os beijos que haviam compartilhado e alongar a experiência, tornando-a memorável.

Deu-se conta de que Leonor estava tão desejosa como ele. Notava-o. Aproximou-se tudo o que pôde e se aferrou aos ombros masculinos como se sua vida dependesse disso. E gostou da sensação. Oh, sim, gostou muito.

Acariciou seu rosto enquanto a beijava. Também seu cabelo. A necessidade de soltá-lo era muito forte, mas se controlou. Aprofundou o beijo, abrindo mais a boca e introduzindo a língua. Brincava com ela. Ensinava-lhe com os movimentos rítmicos o que queria fazer com seu corpo.

O gemido que Leonor soltou foi recebido por cada palmo de seu corpo. Com uma pequena sacudida, todo seu corpo ficou tenso em resposta ao som do prazer feminino.

Se pudesse deitá-la no banco e lhe subir a saia do vestido poderia... Não, não podia. Estavam no jardim, a poucos passos das pessoas que aguardavam sua volta e ele devia fazer algo que agora mal recordava...

O anel!

Ainda que seu desejo não esfriasse, o apaziguou o suficiente para ir reduzindo o ritmo até se deter completamente. Ficaram os dois, frente a frente, fitando-se nos olhos e com as respirações aceleradas.

- Não há ninguém mais formosa que você. – O pensamento se transformou em palavras e não pôde detê-las.

Sentiu-a ficar tensa para logo se obrigar a relaxar.

- É muito amável.

Separou-se e endireitou as costas enquanto retocava o penteado. Jonathan sentiu-se órfão ao desaparecer o contato. Já sentia saudades dela.

- Não, não o sou.

Ela teve compostura suficiente para levantar uma sobrancelha que assinalava o quanto punha de dúvidas em sua negativa.

- Quer dizer, sim, por regra geral costume ser, mas eu me referia ao que disse. Não foi por amabilidade.

- Jonathan...

- Não, espere. Há coisas que tem que ouvir. E acreditar. Não digo que seja uma mulher com uma aparência sem comparação. Não vou insultar sua inteligência fingindo o contrário, mas sabe bem, e se não sabe, recordarei que temos alguns amigos que testemunham o fato de que a beleza ou a carência dela variam dependendo do olho de quem a fita. Quando disse que é formosa, não disse porque é assim. Para mim, neste momento, não há mulher que possa igualar o brilho de seus olhos, a suavidade de sua pele ou o perfume que invade meus sentidos. – Elevou seu queixo para que o visse bem. Queria também que escutasse cada palavra que tivesse que lhe dizer. – Se fosse por mim a levaria escadaria acima, a desnudaria muito devagar e saborearia cada pedaço seu. E quando tivesse conseguido, não deixaria dúvidas sobre se é ou não é formosa para mim, entraria em você e faria com que tocássemos o céu.

Leonor ia abrindo os olhos à medida que Jonathan falava. Se era possível, cada palavra, em lugar de alarmá-la, por pouco cavalheiresca e impudica, havia despertado um calor desconhecido até fazia bem pouco tempo e que se concentrava em seu baixo ventre e se expandia por toda pele. Nesse momento, desejava que lhe fizesse cada uma das coisas que ele descrevia. E também sobre as que calava.

- Não sei o que dizer – admitiu. Contudo, não estava disposta a revelar nada. No momento, se conformava.

- Pois não diga nada. Se acredita, nada mais importa.

E durante um instante, o silêncio os envolveu. Fitaram-se com tanta intensidade que Jonathan se viu obrigado a relaxar o ambiente. Caso contrário, faria cada uma das coisas que havia dito que desejava fazer, e ao diabo com as consequências.

- Creio, sem temor de me equivocar, que a presença de Georgette seria bem recebida agora – brincou. – Um “guaks” por aí e uma palavra inconveniente por ali e voltaria a ser o centro da atenção, tal como ela gosta.

Leonor sorriu. Havia deixado a arara em seu quarto quando Jonathan saiu para resolver alguns assuntos, pouco antes da hora do chá.

- É uma figura. Mas você costuma ter um humor tão retorcido como o dela.

- Ofende-me! – Fingiu com mão no peito. – De fato, creio que perdi parte de meu toque.

- Seu toque?

- Já sabe, esse humor encantador que me abria as portas de toda casa, fosse nobre ou não.

- Não o perdeu – assegurou-lhe. – Só penso que começa a ver a vida de forma diferente; menos como um jogo em que tudo o aborrece e mais como uma caixa de surpresas que oferece algumas maravilhosas perspectivas.

Jonathan meditou alguns instantes. De verdade era assim? Talvez. Seria mesmo possível que estivesse mudando?

- É assim que você me vê? – Perguntou, em troca.

Leonor hesitou.

- Posso ser franca?

- Exijo-o.

- Antes, não faz muito tempo, se mostrava como o companheiro de aventuras perfeito: sempre disposto a divertir os demais com anedotas e também a embarcar em uma nova aventura. Era tão jovial e simpático que, ainda mais somando-se seu dom da palavra, nunca podia desagradar a ninguém.

- E diz que já não sou assim?

- Oh, não; continua sendo-o, mas agora percebo mais seriedade em você, mais maturidade. Algo assim como se estivesse evoluindo.

- Hum – Jonathan refletiu sobre se a mudança era boa ou má. – Asseguro-lhe de que não era minha intenção evoluir até a maturidade, – confessou, provocando um sorriso em Leonor – mas se é algo pelo que tenho que passar, seja bem-vindo. O que me faz perguntar-me como se sente a respeito desta mudança que diz ver em mim.

- Não creio que o que eu pense seja importante – desconversou, modesta.

- É claro que é. Sua opinião importa mais do que todas.

Leonor se surpreendeu. Jonathan a fazia sentir que isso era verdade e lhe provocava sentimentos em que não queria pensar.

- Agora ninguém nos ouve, Jonathan.

Ele lhe lançou um olhar estranho.

- Por isso mesmo, Leonor. Há muito poucas pessoas cuja opinião valorizo. Você é uma delas.

- Oh.

- Vai dizer algo mais? – Perguntou Jonathan após um momento. – Interessame saber se gosta desta mudança.

Tardou alguns segundos mais para responder, insegura se devia lhe dizer ou se calar. Finalmente, o momento de confidências decidiu por ela.

- Sim, gosto.

Jonathan sorriu quase com preguiça, feliz. Aproximou-se dela e sussurrou-lhe ao ouvido...

- Bom, é uma sorte, porque também gosto de você.

- Eu não disse... - defendeu-se envergonhada. Ela falava da mudança, não dele, embora gostar não fosse uma palavra que definisse o que Jonathan a fazia sentir.

- Você talvez não, mas eu sim. De qualquer forma, espero que isso seja verdade, porque me sentiria muito desconfortável se me elogiasse e depois tudo fosse mentira.

-Por que desconfortável?

Porque isso me lembra que tenho algo para você.

- Para mim.

- Está se repetindo – zombou ele com carinho porque se sentia bem, ali com ela, conversando sobre coisas que valiam a pena. – Asseguro-lhe que Georgette tem mais vocabulário que você.

- Eu tenho mais vocabulário que ela!

- É um alívio saber disso. Mas falando do que queria lhe dar, não sei se será conveniente. – Fingiu estar pensando se o daria ou não. – Só posso entregá-lo se gostar de mim. O suficiente – acentuou ao final.

Leonor o fitou e pensou que parecia um menino grande. Mas estava tão relaxada com ele que seguiria a brincadeira. Não via que mal podia fazer. Afinal de contas havia prometido tentar.

- Está bem. – Fez uma pausa bastante eloquente que o fez elevar as sobrancelhas, à espera. – Gosto de você. Muito.

Jonathan ficou quieto por um segundo. Era incrível como essa senhorita conseguia lhe fazer passar do divertimento ao desejo em poucos segundos. E com uma só palavra.

“Muito”.

Esperava que repetisse “o suficiente”, mas ela havia ido muito além de suas expectativas. Se tinha dúvidas sobre o anel, agora estavam dissipadas. Depois, ele a ensinaria aonde a levaria esse “muito”.

Devagar, em parte para saborear o momento e em parte para deter o tremor de suas mãos, que de repente haviam-se descontrolado, tirou a caixinha de seu bolsinho, apalpando-o. Toda sua atenção estava centrada em Leonor, que nesse instante seguia o movimento de sua mão.

Quando a retirou, sustentou-a diante dela. Leonor não movia um só músculo, o que lhe indicava que havia deduzido o conteúdo do misterioso presente.

Por alguns instantes, afastou o olhar da hipnótica caixinha para pousá-lo nos

olhos de Jonathan. Neles se lia uma pergunta, que estava seguro de que não necessitava resposta, mas Jonathan cedeu e sem dizer nada a abriu ante ela.

Já o esperava. Ambos sabiam, mas o gemido de estupefação escapou de seus lábios, por isso ocultou a boca com a mão. Seus olhos não mentiam. Tampouco o fazia a linguagem corporal de Jonathan, que esperava mais tenso que uma corda de violino.

Talvez ele o tivesse comprado instigado por Helen Price para confirmar o noivado que não era real, mas quando o abriu diante dela, Jonathan não pôde negar que não só lhe oferecia um anel para salvar as aparências, mas também como uma declaração de intenções. Esse anel era o símbolo do amor que sentia por ela e o declarava ao mundo, ela concordasse ou não.

Jamais havia se sentido tão vulnerável e jamais alguns minutos haviam parecido tão longos.

Leonor, por sua parte, tinha que fazer um esforço para não desmaiar e se deixar levar pela emoção. A realidade lhe dizia que tudo era parte do jogo, uma travessura a mais, mas sua postura, suas palavras anteriores e a evidente qualidade do anel de noivado a faziam sentir que para Jonathan não era uma brincadeira. Não isso.

- Não tinha...

- Sim, tinha – disse-o taxativamente, seguro, sem mentiras nem duplicidade em suas palavras. Dizia-o a ela e a ninguém mais. Queria que o entendesse.

- Jonathan... - Não sabia o que lhe suplicava, mas estava fazendo-o.

- Por favor, Leonor.

Em outras circunstâncias, a cena teria parecido mais leve, mas nem um e nem o outro levavam isso na brincadeira. Nunca havia acontecido algo tão sério em suas vidas como isso.

Leonor se sentia impotente. Desejava dizer sim, mas e se estivesse enganada? Por que escolhia a ela havendo tantas outras muito mais formosas?

- Eu...

- Não gostou? É isso? – Perguntou desesperadamente. Tinha a sensação de que seu pressentimento sobre sua resposta estaria equivocado. – Posso comprar outro mais bonito; inclusive pode escolhê-lo você, se esse é seu desejo. – Falava depressa, inseguro. – Recordou-me você, sabe? Os rubis representam seu exterior, o mais representativo de você, o primeiro que os outros vêem, mas os diamantes, que são pequenos e numerosos, os envolvem, tirando-lhes a importância. Assim é para mim: chamativa por fora, mas com uma essência que é como um verdadeiro diamante, brilhante, puro, quase indestrutível.

O almofadinha seguro de si mesmo havia ficado para trás. Agora só restava um homem declarando sua admiração e seu mais profundo amor por uma

mulher.

E depois disso, Leonor respirou fundo para dar uma resposta. E estirou o braço, estendendo os dedos da mão.

Jonathan a fitou, incrédulo, incapaz de compreender que ela o aceitava. Havia pensado que diria que não, que o rechaçaria. E agora todo seu corpo tremia de emoção, incapaz de deter a sensação de alívio mesclado com alegria. Queria sorrir, gritar aos quatro ventos, abraçá-la e dançar com ela...

- Jonathan?

Leonor havia continuado esperando com o braço estendido enquanto ele sonhava estupefato. Deu um sobressalto e pegou o anel para deslizá-lo com suavidade no dedo de Leonor.

Ambos o contemplaram. Ficara perfeito. Ele o beijou para confirmar que era o lugar em que devia estar. Em seguida, passou a lhe demonstrar o “muito” que gostava dela.

- Assenta-lhe bem. Não acha, Georgette?

Jonathan relembrava a imagem do anel de noivado no dedo de Leonor, orgulhoso.

- RUBIS, ESMERALDAS, DIAMANTES, TOPÁZIOS! – Recitou o animal. Com toda certeza, parecia entender ao que seu dono se referia.

Este se limitou a esboçar um vago sorriso ante semelhante exaltação.

- Só são duas delas – explicou-lhe. As quatro seria um exagero muito ostentoso inclusive para a própria Rainha Vitória. O que opina, senhor Pickens?

- Quanto a se o anel fica bem em sua noiva ou se o conjunto de pedras preciosas seria excessivo para Sua Majestade a Rainha?

- O primeiro, senhor Pickens, o primeiro.

- CASAMENTO E MENINOS, UM DESTINO MEDONHO!

A arara estava livre, sentindo-se na obrigação de dar sua opinião. Ou ao menos, isso parecia.

- Nesse caso... sim, assenta-lhe bem – afirmou inalterado enquanto não afastava a vista dos documentos que revisava com minuciosa vontade.

O senhor Pickens havia visto Leonor dois dias antes e Jonathan não havia tido dificuldade em lhe mostrar o anel que ela usava.

Jonathan suspirou satisfeito e abriu as portas que davam ao balcão do hotel. Parecia-lhe que, desde que Leonor havia aceitado usá-lo, o ar era mais fresco e puro, as cores mais luminosas e as horas que passava sem vê-la, mais longas.

Imaginava que esse sorriso bobo e radiante a que havia se referido a duquesa viúva quando lhe mostraram o anel não havia se apagado de seu rosto, mas pouco lhe importava.

De fato, todos se mostraram felizes e satisfeitos ao ver o presente, como se só o fato de usar um aro de ouro no dedo supusesse uma confirmação mais poderosa que sua própria palavra.

Ainda sorria ao lembrar dos Henderson contemplando o anel que Leonor usava. O gesto de incompreensão de Adam dizia tudo, mas era o repuxado de amargura e inveja no rosto de Beatrice o que fazia com que a satisfação fosse mais profunda. Se não tivesse visto com seus próprios olhos que esse casal se amava, teria chegado a pensar que a única finalidade que os motivava era magoar Leonor.

Se bem que o melhor de tudo, aliás, foi a reação dela. Viam-na resplandecente, como se supunha que ele também devia parece-lhes. E, nesse lapso de tempo, ela havia permitido suas aproximações e seus beijos com um abandono que já ameaçava sua própria capacidade de conter-se. Alguns dias mais nesse ritmo e seria capaz de trazê-la ao hotel e prendê-la em seu quarto. É claro, não podia fazer isso, mas era só um homem, maldição, e o amor e o desejo já lhe cobravam seu preço. Havia mesmo imaginado se não seria conveniente deixar de bobagens e marcar uma data para o casamento. Logo, muito próxima, isso sim.

Casamento. A palavra deveria estremecê-lo, mas era o contrário. Sua mente já procurava opções de residência e planos para o futuro. De fato, era algo assim como uma nova aventura. Uma aventura em que Leonor estaria a seu lado. Nada o atava à Inglaterra, exceto pela duquesa viúva, que cedo ou tarde regressaria a seu lar, e Jeremy e Edith, mas para isso havia os navios. Portanto, ficar em Boston parecia uma opção plausível.

- Que lhe parece a cidade, senhor Pickens? – Perguntou-lhe.

Este ajustou seus óculos enquanto se concedia um tempo excessivo para responder à pergunta.

- Muito interessante, senhor Wells.

- E o que acharia se lhe dissesse que planejo assentar-me na dita cidade?

- Perguntaria se continuaria necessitando de meus serviços.

O senhor Pickens, sempre tão formal.

- Sabe que sempre precisarei.

E era verdade. Mas não se referia só ao trabalho que desempenhava. De certa forma, gostava dele.

O senhor Pickens formou em sua boca algo parecido a um sorriso e assentiu, concordando. Novamente, voltou sua atenção aos documentos.

- E você, minha querida Georgette? O que acha de ficar aqui comigo e com Leonor?

- LEONOR! LEONOR!

E continuou bicando uma suculenta maçã.

Jonathan saiu ao exterior do balcão, bem satisfeito por como as coisas se desenrolavam. Olhou os edifícios e as casas de Boston, disposto a fazer deles seu novo lar. Parecia uma loucura, mas uma das mais apetecíveis. Talvez sim, depois de tudo, estivesse amadurecendo.

Poucas horas depois se encontrava sentado numa cômoda poltrona na loja de uma exclusiva modista do centro, não muito longe do hotel. A senhora Price queria que desse sua opinião sobre o vestido de noiva que Leonor nunca utilizou e que esta guardava no lar dos Price. Havia considerado que sete anos eram

demais e que estaria fora de moda, mas que talvez a modista pudesse fazer algo.

Tão logo viu Leonor, soube que essa ideia não a fazia feliz. Pela forma que tinha de apertar os lábios e por seu mutismo, tudo indicava que não queria fazê-lo, mas não parecia que à sua mãe ou à duquesa viúva isso importasse muito. Do que não estava seguro era se Leonor se sentia mal por ter que pôr um vestido destinado, a princípio, a outro homem ou se era a ideia da pressa que a aborrecia. Certo que havia um compromisso tácito entre ambos, mas nenhum deles havia falado claramente de seus sentimentos. Talvez necessitassem esclarecer isso, se fosse o caso.

Não havia ninguém além deles. Suspeitava que sua futura sogra havia-se encarregado de pedir privacidade à dona. Ele esperava tranquilo enquanto as três mulheres se achavam em algum canto por trás de uma porta finamente talhada.

- Creio que pedem sua presença.

A modista havia aparecido, mal fazendo ruído.

Quando passou pelo umbral, o ambiente elegante e austero da, digamos, recepção, mudou por completo. Ali se respirava um ambiente que não variava: festivo e igualmente agitado. Também havia cadeiras espaçadas aqui e ali e altos biombos que ocultavam tablados nos que deduzia que devia subir a noiva para os concertos. Não faltavam mesas com tecidos de diversas cores e texturas, vestidos meio confeccionados e outros pendurados com todo esmero.

Ouviu-as imediatamente.

- Que ele decida. – A inconfundível voz risonha da duquesa era ouvida por cima das outras duas.

O recebeu um murmúrio e alguns rostos que destoavam muito da felicidade, mas Jonathan parou em seco quando viu Leonor encima de um desses tablados, dentro de um vestido de casamento de seda pêssego e um véu de renda com flores adornando sua cabeleira. Estava deliciosa.

- E então? – Helen Price não estava para brincadeiras.

- Permitam-me, senhoras, que desfrute do momento de contemplar a minha noiva sem ter que dar explicações.

As mulheres trocaram um olhar de compreensão com a modista.

- O vestido está bom – soltou Leonor. O silêncio com que Jonathan a olhava a fazia se sentir incômoda. Parecia-lhe ridícula?

- Está fora de moda – interveio sua mãe. – O que o senhor acha.

- E o branco seria mais apropriado para alguém de sua posição – acrescentou a duquesa.

- É a cor que escolhi – Leonor também podia ser teimosa. – E é o que eu gosto.

Jonathan se manteve em silêncio e deu várias voltas ao redor de Leonor.

Tocou a amplitude da saia, a textura e a inspecionou no sentido crítico.

- A cor é perfeita – sentenciou.

Leonor esboçou um contido sorriso de triunfo e as outras mulheres suspiraram, decepcionadas.

- Pensem que o branco a faria empalidecer muito com essa pele tão clara e seu cabelo loiro. Mas concordo, o estilo do vestido deve ser mudado.

A duquesa aplaudiu desta vez. Helen Price olhou para sua filha como querendo dizer: “eu lhe disse”.

- Pode ser feito – interveio a modista. Talvez não fizesse um vestido completo, mas a mulher sabia que continuava sendo um bom negócio.

- O comprimento das mangas deve ser aumentado até um pouco mais abaixo do cotovelo. O pescoço deve subir e o decote abaixar – apontou. – Quanto à amplitude do vestido, não é mais a adequada. Teria que ser mais reto nas laterais e com uma certa amplitude abaixo do joelho. – Coçou o queixo, matutando. – Talvez com uma dobradura em casa de abelha. Quanto à parte posterior, aumentá-la e colocar faixas plissadas. Um bolso na parte direita não ficaria mal. Acredita que poderia consegui-lo?

Olhou para a modista, que havia anotado mentalmente tudo, impressionada por esse homem que tinha tão claro como devia ser um vestido de casamento. Embora, de fato, pensou, pela forma como se vestia, era lógico supor que entendia de moda.

- Posso fazê-lo – assegurou.

- Bem. O véu é lindo e servirá. E agora, se me desculpam, gostaria de ter alguns minutos a sós com minha noiva.

É claro, depois de solucionar o que poderia ter-se convertido em uma guerra interminável, as duas mulheres cederam. Concederam-lhes alguns minutos enquanto elas esperavam não muito longe dali.

- Estou impressionada – declarou Leonor quando ficara a sós.

- Pela habilidade com que deixei satisfeitas a todas sobre o vestido ou pela magistral perícia que demonstrei ao conseguir um tempinho a sós?

- Pelos dois – confessou. – É bom.

- Eu sei. – Agora zombava. – Vai deixá-los com a boca aberta.

- Do que está falando?

- Do vestido – assinalou. – Quando a virem entrar na igreja, ninguém terá dúvidas de porque a escolhi.

Leonor reagiu tal como esperava: ficando tensa.

- Jonathan...

- Venha aqui. – Ele não a deixou falar. Preferia que seus atos falassem por ele.

Ajudou-a a descer do tablado e a segurou pela cintura. Sem lhe dar tempo

para pensar, beijou-a. E tudo deixou de existir.

Ela se aferrou a seus ombros e abriu a boca, convidando-o. Jonathan nunca havia sido chamado de grosseiro, por isso aceitou encantado o convite.

Durante alguns segundos, só se ouviam suas respirações, mas Jonathan queria mais, então aproveitou que o vestido não estava fechado nas costas e com habilidade fez descer a parte superior do mesmo deixando à vista o corpete. Nunca algo lhe havia parecido tão erótico, ainda mais quando Leonor colocou o pescoço para trás dando-lhe acesso pleno a sua pele branca e ao doce início de seus seios.

Pôs sua boca ali. Estava quente e gemeu de prazer. Ou talvez tenha sido ela. Deus, devia parar, mas era tão deliciosa, tão doce e confiante, que malditos fossem os dias que demoraria em tê-la tal como desejava.

- Oh, Jonathan – sussurrou ela, exaltada.

- Sim, minha doce Leonor. Sim, compreendo-a.

Suas mãos iam de um lugar a outro enquanto tentava se controlar. O vestido e o véu não facilitavam as coisas. Que ela comesse a lhe acariciar com o mesmo desejo não ajudava a diminuir a fome pela mulher. Só por essa mulher.

Estava duro, ansioso e sentia calor, muito calor. Deviam parar. Já. Embora talvez não fizesse mal se voltasse a beijá-la. Mais lento desta vez.

Leonor, por sua parte, sentia que voava no êxtase enquanto sentia essa desesperante sensação de frustração que lhe dizia que não iria obter total satisfação.

Tendo uma enorme força de vontade, deu-lhe um longo beijo que a fez ronronar e se separou devagar, pois temia que as pernas não a sustentassem.

- Devemos ser sensatos – disse, embora não mais desejasse ser.

- Sim, deveríamos.

Jonathan soltou um longo suspiro enquanto a acariciava com o olhar e desfrutava de uma Leonor nada decente. Seus lábios inchados e bochechas rosadas não eram nada comparado com as rugas da saia e a parte superior do vestido quase na cintura. Ao menos, o maldito véu permanecia no lugar, inalterado.

- Deixe que a ajude.

Em pouco menos de cinco minutos ambos estavam tão apresentáveis quanto era possível. O volume em sua virilha havia deixado de ser evidente e os dois haviam recuperado o ritmo normal das respirações.

É claro, nenhuma das três mulheres que entrou pouco depois a pedido de Jonathan teve qualquer dúvida sobre o que podia ter ocorrido. O tempo havia sido escasso e não daria para mais que um pequeno escândalo, que nenhuma das três iria divulgar. Afinal de contas estavam noivos e desta vez ia haver casamento,

falassem o que falassem.

Com a modista tendo anotadas as instruções precisas, afastaram-se do estabelecimento rumo ao hotel, onde Jonathan tinha previsto convidar as mulheres a um pequeno descanso no restaurante do mesmo.

Andaram a passo lento em consideração à idade de Margaret. Pegar uma carruagem estava descartado pela proximidade. Enquanto a duquesa viúva e Helen Price se mantinham na retaguarda, o casal ia adiante envolvido em uma conversa brincalhona.

Leonor havia recuperado o bom humor e Jonathan se sentia feliz. De instante em instante, lançava olhares ardentes à sua noiva e conseguia que ela se ruborizasse.

Sentia que já havia superado duas provas, a do anel e a do vestido de noiva, e o futuro parecia cada vez menos incerto. Iria desfrutar de uma vida junto a Leonor que seria sua melhor aventura.

Chegaram ao hotel entre risadas. O hall estava quase vazio e Jonathan ia lhes pedir que ficassem e o acompanhassem, mas estranhou ao notar a repentina e excessiva rigidez de Leonor a seu lado e a fitou com estranheza.

O que ocorria desta vez?

Só quando ouviu a voz, soube que seu ansiado final feliz não seria possível.

- Olá, Jonathan.

Este deu a volta para encontrar Isobel, que tinha um falso sorriso posto no rosto.

- Isobel.

Ouviu que Margaret lançava o que lhe pareceu uma maldição.

Fazendo caso omissso do repentino silêncio que havia sido feito por essas pessoas, ela se adiantou e ofereceu uma bochecha para que ele a beijasse, mas Jonathan se apressou em segurar sua mão e lhe deu um beijo de cortesia no dorso. Não estava disposto a brincar com isso.

- Na recepção não quiseram me dizer em que quarto se hospedou. – Fez uma graciosa careta que Jonathan já não soube apreciar. – É claro, disselhes que era uma descortesia deixar uma dama jogada aqui esperando sua chegada, ainda mais sendo da família. Mas esse senhor – apontou-o e o indicado fingiu não vê-lo – não atendeu à razão.

- É lógico, Isobel. Aqui se respeita a privacidade dos clientes.

- Bem, vai ter a decência de me dizer quem é esta mulher, senhor Wells? – Perguntou Helen. Não havia gostado da familiaridade como se comportava essa senhorita, embora esperasse de todo coração que fosse senhora. Pela imobilidade de sua filha, deduzia que essa repentina aparição não augurava algo bom.

- Sim, é claro. Desculpem minha descortesia. – Embora para si pouco

importava apresentar ou não Isobel. – Isobel, já conhece à duquesa viúva.

- Vossa Graça – respondeu a outra com uma reverência.

- Recordará também a Leonor de quando esteve em Commor Manor.

Verdade fosse dita, não muito. Talvez agora, se a fitasse detalhadamente, a reconhecesse. Era a feia com a qual o odioso pássaro de Jonathan havia preferido ficar, para seu mais grato alívio. Entretanto, algo em sua postura e pela forma como estava segurando o braço dele antes de ser percebida, dizia-lhe que era alguém a levar em conta.

- Não, de fato não – preferiu dizer. – Deverá me desculpar.

Jonathan apertou os dentes ante a grosseria. Estava seguro de que mentia, mas não ia dizer nada. Não agora.

- Nesse caso, permita-me apresentar-lhe Leonor. Esta senhora aqui é sua mãe, Helen Price.

Houve uma desinteressada inclinação de cabeça de sua parte.

Helen Price se indignou. Não era mais velha e sábia que ela de maneira alguma, assim que manteve a compostura e se limitou a acrescentar: - Mãe de sua noiva.

Se tivesse dito que o seu cabelo queimava, Isobel não teria ficado mais estupefata. Alternou o olhar de um a outro, confusa.

- Noiva? Que noiva?

As duas mulheres com mais idade assinalaram a Leonor, que seguia em silêncio e petrificada ao lado de Jonathan.

Jonathan considerou que já havia tido o bastante. Se continuassem assim, iam dar um lamentável espetáculo no hall do hotel. E não apostaria em quem o daria.

Quis perguntar o que fazia ali, mas a última vez que perguntou isso estava em Commor Manor e Leonor também o acompanhava. A resposta não havia sido prazerosa e não queria agravar ainda mais a situação.

- Onde se hospeda?

- Aqui, é claro. – Ela lhe lançou um olhar de obviedade.

A duquesa viúva, bastante farta da presença dessa jovem que estava a ponto de colocar tudo a perder, e pela segunda vez, aferrou-se ao braço de Helen e fingiu estar mais esgotada do que se sentia na realidade.

- Creio que não me sinto muito bem. – Tal como esperava, todos reagiram como supunha. Concentraram-se nela com atitudes preocupadas. – Quero voltar para casa, se for possível – acrescentou com voz deliberadamente fraca.

De certa forma, todos os presentes se mostraram aliviados, já que lhes oferecia uma razão para cortar uma situação que já havia-se tornado muito incômoda.

Jonathan se apressou a pedir a carruagem para retornarem e Leonor esperava por ela. Enquanto isso, Isobel permaneceu afastada.

Quando o transporte chegou, ajudou as senhoras a subir. Era evidente que não lhes agradava que Jonathan ficasse com Isobel, mas Jonathan não podia fazer outra coisa. Devia descobrir suas intenções e expulsá-la dali o mais rápido possível.

Antes de fechar a portinhola, segurou a mão de Leonor para chamar sua atenção. Já havia notado como a frieza e o distanciamento haviam-se apresentado novamente entre eles. Sabia que um simples beijo na mão não seria bem recebido, por isso a forçou a lhe prestar atenção.

- Amanhã cedo irei vê-la – anunciou. Parecia uma ameaça, mas queria deixar marcado que não iria embora como fez em Commor Manor. Com muito pesar, já sabia que Leonor mantinha algumas inseguranças em seu interior que a presença de Isobel só reforçava.

Fechou a portinhola e o veículo partiu.

Com um suspiro de resignação e pesar, entrou novamente no hotel.

- Reservou um quarto para você? – Alfinetou tão logo esteve novamente diante de Isobel.

Afastou a tentativa que ela fez de se agarrar a ele, mas não lhe importou.

- Sim. Tenho tantas coisas para lhe dizer...

- Eu também, não tenha dúvidas, eu também.

Isobel não era boba e começava a temer que a viagem tivesse sido em vão. A brusca atitude de Jonathan e sua pouca predisposição assim o testemunhavam. Apesar disso, tinha um objetivo a cumprir e ninguém, nem sequer essa feia e suposta noiva de quem nada sabia lhe impediriam de realizá-lo. Sentia certa apreensão, mas estava decidida.

Por isso, depois de uma ceia em companhia de um Jonathan arisco e até certo ponto desagradável, sentia que devia pressioná-lo para levar as coisas até onde ela necessitava que estivessem. Havia tentado surrupiar-lhe o porquê de sua viagem, mas ela não queria lhe dar explicações.

Havia-se levantado da mesa com a desculpa da longa viagem. Não gostou do alívio que viu em seu rosto, mas se disse que já conseguiria fazê-lo mudar de atitude. Amava-a, estava segura, por isso com afínco o conseguiria.

Havia passado antes por seu quarto e agora, diante da porta que já sabia que era a dele, Isobel se preparava para sua grande atuação.

Tinha tempo de entrar e se preparar para quando ele estivesse disposto a subir.

- Senhor! Senhor!

Chamou a um empregado que passava com um carrinho por ali com as chaves mestras penduradas nele.

Em seguida mostrou seu melhor sorriso e sua pose mais atraente.

- Em que posso servi-la? – Perguntou aproximando-se.

- Meu marido ficou fumando abaixo e agora me dou conta de que não tenho a chave. Se puder fazer a amabilidade... - Assinalou a fechadura do quarto de Jonathan, fazendo cara compungida e debilmente esperançosa, enquanto acariciava de forma casual seu braço.

O homem se ruborizou de prazer e ela soube que conseguiria entrar sem dificuldades.

Uma vez dentro suspirou aliviada. Estava mais tensa do que pensava. Iluminou o cômodo e começou a se desnudar na antessala. Quando ele entrasse em sua cama e a encontrasse dentro, talvez se surpreendesse e resistisse um pouco, mas esse amor e devoção que sempre o haviam acompanhado fariam desaparecer as possíveis reticências. Isobel sabia que era capaz de conseguir isso.

Ficou com o camisã e as meias; dobrou o resto junto com o corpete. Desfez o penteado e penteou com os dedos sua linda cabeleira negra.

Quando estava pronta, escondeu as roupas e abriu a porta esperando que fosse o quarto de Jonathan. Não demoraria a subir e queria estar em posição.

Quando acendeu a luz, um repentino movimento e um revoar frenético a sobressaltaram.

- LADRÕES! BANDIDOS! SAQUEADORES! PILANTRAS! CALOTEIRO!

Os repentinos gritos da arara lhe deram um susto de matar. O animal sobrevoava o cômodo dando tombos e Isobel se sentia aterrorizada.

- Afasto-se, maldito animal! – Gritou-lhe.

Georgette continuava descontroladamente.

- VIGARISTAS! MELIANTES! DELINQUENTES!

- O que está acontecendo aqui?

A voz de Jonathan se filtrou entre a gritaria e a agitação, o animal saiu voando do cômodo e pousou no encosto de uma cadeira próxima.

- COMIDA!

Isobel permaneceu estupefata no vão da porta, sem saber como reagir.

Jonathan estava nas mesmas condições.

- Não quero nem imaginar – começou quando recuperou a voz - o que faz em meu quarto sem roupa decente que a cubra.

Por um instante, Isobel sentiu vergonha, mas a súbita determinação que a havia levado até Boston a fez recuperar forças.

Aproximou-se dele movendo o quadril e com um sorriso sensual. Acariciou o peito dele.

- Nunca faça uma mulher dizer em voz alta o que é mais que evidente. – Esboçou uma careta que pretendeu ser sedutora.

- E, neste caso, fora de lugar.

- Vamos, Jonathan. Sei que me quer, que me deseja. – Colou-se nele para que notasse cada centímetro de seu corpo mal coberto. – Eu sinto o mesmo.

- É a mulher de meu pai. – Jonathan afastou sua mão, que já descia a um lugar perigoso, e se afastou.

- Sua viúva, quer dizer.

- O que seja. Isto está errado.

Isobel estava a ponto de perder a paciência. Agora que o necessitava, mostrava-se hipocritamente moralista?

- Que mal pode haver em que duas pessoas que se amam se entreguem no altar da paixão?

Jonathan a fitou. Era sem dúvida uma mulher bela e desejável, mas não queria nada com ela.

Se tinha alguma dúvida, com essa cena havia-se dissipado. Isobel era seu passado e Leonor seu futuro. Sabia, pela falta de resposta de seu corpo e de seu coração, que já não sentia nada por Isobel. Mesmo sem Leonor no meio, sabia que jamais teria havido algo entre eles. Tinha essa certeza. Ela era sua madrasta e a lembrança de seu pai jamais o deixaria avançar em outra direção que não fosse um carinho familiar. Odiava ter demorado tanto em descobri-lo, pois isso o teria poupado dessa embaraçosa cena.

- Isobel, não vou tomá-la.

Incrédula, Isobel abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Não o entendia.

- PIRANHAS MALCRIADAS! Guarks!

- Cale-se de uma vez, cria do demônio! – Isobel já havia perdido a paciência. – Juro que não entendo como pode suportar esse pássaro. Ninguém o quer salvo você.

- Leonor, sim. E o carinho é recíproco – rebateu.

- Leonor? Sua noiva, quer dizer? – Debochou. – Sou eu a de quem gosta, que não se esqueça. Esteve apaixonado por mim desde que nos conhecemos.

- Assim como você nunca o esteve por mim. Nem agora, embora diga o contrário.

Estava seguro disso. O que movia Isobel era um tipo de desespero que não nascia do amor.

- Isso não é verdade! – Replicou com fervor a outra. – Eu o amo!

- Não minta, Isobel. Pelo carinho que temos e o vínculo que nos une, diga-me a verdade.

- Estou lhe dizendo! – O pânico começou a invadi-la. – Tem que me fazer sua. Quero ser sua mulher em todos os sentidos da palavra.

Jonathan negava com a cabeça. Sentia-se inquieto pela veemência de sua

madrasta. Algo escondia. E então o soube. Ou imaginou-o, e quis comprová-lo.

- Quem é o pai?

O rosto de Isobel mudou do frenético ao pânico em questão de segundos. Sua pele rosada perdeu a cor e cambaleou pela surpresa.

Preocupado, Jonathan correu para segurá-la e imediatamente o desespero inundou Isobel enquanto uma corrente de lágrimas amargas e salgadas desciam furiosamente por seu rosto.

Deixou-a soltar toda sua angústia e a consolou o melhor que pôde. Confirmado seu pressentimento, Jonathan não demorou em deduzir a história que a mulher carregava nas costas.

A noite ia ser muito longa.

Os sussurros e os passos sigilosos dos criados não foram o que a alertou da precoce hora. Tão pouco as tímidas luzes do amanhecer que se filtravam entre as cortinas mal fechadas. De fato, Leonor não havia dormido.

Com uma sensação esgotadora, afastou os lençóis e pôs os pés no chão. Os passos vacilantes a levaram até a janela e abriu-a completamente.

Boston oferecia um charmoso espetáculo com a neblina sobre o rio, mas Leonor se sentiu incapaz de apreciá-lo totalmente.

Dirigiu-se até a bacia e verteu um pouco de água nela. Refrescou-se e secou-se com esmero e aproximou-se do espelho de pé. As olheiras eram muito pronunciadas e a angústia embaçava ainda mais seu já por si feio rosto.

Sair do hotel deixando Jonathan com Isobel foi uma das coisas mais difíceis que havia tido que fazer, sobretudo quando em seu foro íntimo o único que desejava era puxar o cabelo da bela morena e obrigá-la a sair dali.

A única coisa que a havia impedido de desmoronar e suplicar que fosse com ela era a dúvida sobre se Jonathan a havia feito vir. Portanto, só ficou a opção de ficar como uma estátua de sal e sair dali com a dignidade intacta.

Por sorte, nem sua mãe nem Margaret haviam feito comentários durante a viagem de volta. Tão logo chegaram, se recolheu a seus aposentos sem cear. E sem dormir.

Havia sido uma longa noite. Muito longa. Seus pensamentos e medos não lhe haviam dado trégua alguma e seu temperamento havia oscilado entre a pura amargura, o desespero e o pranto.

Ela sabia. Devia ter feito caso de seu instinto quando Jonathan lhe confessou que não queria estar com Isobel, mas que não lhe havia dito isso.

E ela havia embarcado rumo a Boston em busca dele.

Devia estar muito segura de que seu afeto era correspondido para agir assim porque, quem faria algo tão estúpido e imprudente?

Pela primeira vez em muitos anos, sentia ciúmes e se aborrecia com o aspecto que Deus lhe havia dado.

Por que não podia ser bonita como tantas outras? Por que um homem não podia cair rendido a seus pés só ao fitá-la? Por que Jonathan não podia amá-la como ela o amava?

Tinha dúvidas sobretudo quanto ao que havia passado entre eles. Não podia

negar que Jonathan era um completo cavalheiro. Talvez sentisse afeto por ela, o que lhe havia obrigado a fazê-la viver um conto de fadas que nunca chegaria a viver com ninguém.

E havia sucumbido como a mais idiota entre todas. Havia imaginado seu pedido de mão como a coisa mais formosa do mundo. Havia acreditado que ambos sentiam o mesmo e que em um futuro não muito distante Jonathan seria seu marido. A cena na modista também havia afetado seu coração e havia-se sentido convencida pelas palavras que ele pronunciou e os beijos que lhe deu.

Era uma idiota romântica nada realista. Havia esquecido que a vida não era perfeita e que nunca lhe presenteava nada. E a ela menos que nada.

Tinha medo da visita de Jonathan. Temia que lhe dissesse o que seu coração não desejava ouvir. Talvez se recusasse recebê-lo... Mas, não! Leonor era muitas coisas, mas não uma covarde. Se tinha que lhe romper o coração, melhor seria que fosse o quanto antes.

- Mas não o fará. Resistirá – anunciou ao silencioso quarto.

Essa era a outra opção. E doía-lhe muito mais do que parecia. A honra de Jonathan talvez não o deixasse romper um noivado que ele havia criado do nada para ajudá-la a sentir-se melhor diante de sua família e da sociedade bostoniana. Havia levado tudo tão longe que Jonathan seria capaz de continuar e se casar com ela para que Leonor não sofresse as zombarias de um novo compromisso desfeito. Ele era assim. No entanto, essa atitude a magoava mais que um “não a amo”. Viver com um homem apaixonado por outra mulher, por melhor que fossem suas intenções, não a satisfazia.

Por isso, após meditar muito, sentia-se disposta a confessar suas mentiras e enganos diante de sua família e liberar Jonathan. Desse modo, ele se veria livre para levar a vida que quisesse junto a Isobel e Margaret poderia voltar para a Inglaterra com eles. Porque, por mais que amasse essa adorável anciã e a vida que levava em Commor Manor, já tinha se decidido a ficar em Boston junto de sua mãe e do resto da sua família.

De repente, incapaz de permanecer em seu quarto um minuto a mais após tomar essa decisão, vestiu-se sozinha o mais depressa possível e desceu para o desjejum. O que não esperava era ver a sua mãe já de pé.

- Bom dia, mãe. – Fitou-a bem e detectou fadiga em seus traços. – Parece cansada.

- Como não estaria? A aparição dessa mulher me deixou preocupada.

Leonor não se sentia com forças para ter uma conversa sobre isso, mas se não o fizesse agora, não sabia quando teria a vontade necessária para fazê-lo.

Sentou-se a seu lado e com um gesto indicou aos criados que saíssem do cômodo. Pretendia que não houvesse mais testemunhas de sua humilhante

realidade.

- Vou liberar Jonathan do noivado – anunciou.

Isso fez Helen Price reagir, fitando-a com desgosto.

- Não diga loucuras, filha.

- Não o digo, mãe. Se soubesse a história de Jonathan e Isobel, entenderia minha postura.

- Não me importa o passado de seu noivo...

- Não é meu noivo – interrompeu, sem misericórdia, Leonor.

- Deixe de me interromper quando falo e limite-se a escutar – advertiu-a. –

Ninguém nega que Jonathan tenha um passado, mas é o que decidiu fazer com o presente e o futuro o que conta de verdade.

- Mas a amou durante anos – insistiu, frustrada ao ver que sua mãe não entendia seu ponto de vista.

- Pois agora deixou de amá-la por você.

- Não é tão fácil como faz parecer – lamentou.

Helen Price o sabia, mas estava convencida de que dar razão à sua filha era contraproducente. Ela também estava preocupada. De fato, o semblante pétreo de sua filha no dia anterior e sua posterior conversa com a duquesa viúva não haviam feito mais do que aumentar sua inquietude. Afinal de contas, não conhecia tanto a Jonathan Wells para assegurar com olhos fechados que escolheria sua filha a essa Isobel; uma mulher que havia sabido ser sua madrasta. No entanto, Leonor não necessitava ouvir isso.

- E nada é tão complicado como gostamos de acreditar – replicou. – Não imagina as coisas que podemos chegar a resolver sem mentiras e segredos no meio.

- Por isso quero confessar esta farsa de noivado a toda família – concluiu.

- Por que iria querer fazer tamanho despropósito?

- Porque não merecem mais mentiras.

- Há alguns membros que as merecem. Ainda mais, recomendo que jamais saibam disto ou a desprezarem.

- Mãe, você não saberia deste falso noivado se eu não tivesse contado a verdade. Não acha que devo a mesma honestidade aos demais?

- Não lhes deve nada. A ninguém, na realidade – esclareceu. – E quanto a mim, devo confessar-lhe que já sabia a verdade antes que decidisse confessar.

Leonor se ergueu e a fitou com os olhos arregalados.

- Sabia? Mas como...?

- A duquesa viúva – anunciou como resposta.

- Oh.

- Não se aborreça. Fez o correto. O que qualquer mãe faria. – Fez uma pausa,

antes de continuar. – Gosta muito de você.

- E eu dela.

- Não sabe o quanto me alegro de que a tenha encontrado, embora fosse para servi-la como dama de companhia.

- Foi uma época muito bonita – confessou.

Helen Price concordou com a cabeça, disposta a aceitar todos os seus erros.

- Já que estamos falando disso, gostaria de me desculpar pela forma como a tratei há sete anos.

Para sua própria surpresa, Leonor não se surpreendeu. Talvez não fosse a melhor relação entre mãe e filha, mas se amavam. Constatá-lo a emocionou.

- Está esquecido.

- Mas não quero que esqueça – replicou. – Meu dever como mãe era lhe dar apoio, e ainda mais quando era você que tinha toda a razão. Não me senti bem por ter obrigado você a me mostrar o vergonhoso comportamento de Adam, de menosprezo da sua dignidade. Teve muito mais coragem ao rechaçar uma situação que não merecia e se foi. Lamento não ter sabido ver até agora. Quisera que existissem mais mulheres como você. Estou muito orgulhosa de...

A voz de Helen se rompeu finalmente.

- Eu também a amo, mãe – esclareceu Leonor como resposta.

Sentia os olhos a ponto de transbordar. A emocionava que sua mãe estivesse nas mesmas condições. Pelo menos, havia conseguido sentir-se uma filha querida. Recuperar sua mãe era um presente.

Levantou-se da cadeira e se aproximou para abraçá-la. Assim, mãe e filha se sentiram unidas como não haviam estado em muitíssimos anos.

No meio da manhã. Tal como prometeu, Jonathan se achava ante as portas do lar das Price.

Sabia com certeza que para manter essa conversa com Leonor devia estar em pleno uso de suas faculdades, mas era certo que havia passado parte da noite conversando e falando com Isobel.

Por desgracia, sua história não era isolada. O que lhe surpreendia era que acontecesse a uma mulher como ela, segura de si mesma e com um futuro econômico garantido.

Ela contou-lhe como havia se enamorado por um homem e como haviam mantido seus encontros na clandestinidade. Ele era um homem importante, com o acréscimo de um título, tudo o que Isobel ansiava. Conforme havia passado o tempo, os encontros haviam sido aumentados. O que havia começado como encontros puramente sexuais havia dado lugar a momentos íntimos em que ambos falavam de si mesmos. Isobel havia acabado apaixonada e, por

consequência, grávida.

Relatou o pânico que havia sentido quando o pai da futura criança havia se negado não só a formalizar a relação, como também a reconhecer de forma oficial o bebê que levava na barriga. Ao menos, não havia duvidado que fosse o pai.

Sentindo todo o peso de seus atos e temendo as consequências que a boa sociedade lhe dispensaria, Isobel havia agido com desespero.

Sua chegada a Commor Manor se devia a uma tentativa de sedução de sua parte. A negativa de Jonathan, suas evasivas e seu posterior desaparecimento, a tinham levado à borda do desespero.

Para encontra-lo, havia ameaçado e seduzido em partes iguais. O tempo acabava e não duvidou em viajar até Boston em uma ação desesperada.

Jonathan a compreendia, mas não aprovava seu comportamento. Iria ajudá-la, mas isso não significava sacrificar toda a sua vida por ela.

Pouco antes, a havia deixado descansando no hotel, quando havia ficado adormecida em um dos sofás. Esgotada como estava, não havia tido a coragem de despertá-la para que voltasse a seu quarto, pelo que a sustentou devagar entre seus braços e a depositou na própria cama. Havia sido ele quem havia dormido no sofá, não muito cômodo, certamente.

Num arranque de generosidade, havia decidido levar Georgette. Mas ainda não se sentia seguro para a conversa vital que se avizinhava.

Também havia deixado uma nota na recepção para o senhor Pickens, visando evitar que entrasse no quarto e encontrasse Isobel ali.

Contudo, apesar das dificuldades em que Isobel o havia tentado envolver, o mais difícil ainda estava por vir.

- Bom dia, senhor Wells. – Roberta foi a primeira a lhe dedicar uma saudação amistosa, alheia a tudo. – Ia à galeria matar tempo, - explicou – mas temo que, ainda que lhe pedisse que me acompanhasse, se negaria de forma muito educada, alegando que está aqui para ver minha sobrinha.

- COMIDA! – Grasnou a arara como se não tivesse enchido a pança antes de sair do hotel.

- Georgette, comporte-se – Repreendeu-a Jonathan.

- Não se incomode por mim. De fato, creio que, após a impressão inicial, estou acostumando-me a este animal... e a sua fome voraz – sorriu, mas ao receber um seco e ausente sorriso por parte de Jonathan, suspeitou que não era um bom dia para as brincadeiras. – Até me ofereceria como voluntária para cuidar dela enquanto mantém uma conversa com Leonor, mas não sei se Georgette me permitirá.

Como resposta, e para surpresa das duas pessoas, Georgette alçou voo e

deixou o ombro de Jonathan para pousar no de Roberta.

- AMOR, BEIJOS, BEBÊS! Guarks!

Parecia saber para onde estava a ponto de ir, sem possibilidade de escolha, e mostrava seu desacordo.

- Saiba que só gosta de algumas poucas mulheres – informou-a.

- Tomarei isso como um elogio, então. – Roberta não podia parar de sorrir.

Gostava do peso do animal alado em seu ombro.

- Faça-o. Agora, se me fizer o favor de avisar a minha visita a Leonor...

- Já mandei chamá-la – respondeu Helen Price, que descia pelas escadas. Havia mandado ser avisada quando Jonathan chegasse. – Se nos desculpa um momento, Roberta, a alcançarei em um segundo.

Sua irmã assentiu com a cabeça e desapareceu pelo corredor com Georgette.

- Não quer me ver – disse Jonathan abatido. Acreditava constatar um fato.

- Não sei. No entanto, não terá mais remédio que vir. Pode utilizar o jardim que tão bons resultados tem dado ultimamente...- fez uma leve pausa que utilizou para olhá-lo nos olhos e medi-lo – se suas intenções são honestas.

- São.

Concordaram que Leonor não demoraria em ser enviada, pelo que Jonathan saiu ao exterior e escolheu o mesmo banco afastado para manter essa crucial conversa.

Entretanto, Leonor havia sido avisada por sua própria mãe. Ela lhe havia dado um espaço de cinco minutos para que se preparasse, mas não havia dado opção de dizer que estava indisposta para a visita.

Com o coração apertado e como se fosse receber sua sentença de morte, Leonor tentou mostrar sua melhor aparência que, dada as circunstâncias, de pouco lhe servia se se comparasse a Isobel. Trocou o vestido por outro um pouco mais agradável à vista, de tafetá com botões na parte dianteira, justo na ampla franja vertical que ia de cima abaixo em uma cor vermelho escuro, assim como nos punhos. O resto eram linhas vermelhas, também verticais, alternadas com outras brancas.

Não quis se olhar no espelho mais que o necessário; de outro modo sucumbiria ao pânico e Jonathan presenciaria um espetáculo nada agradável. Não, manteria a serenidade e o pouparia dessa representação. Depois, na solidão, teria tempo de lamber suas feridas.

É claro, a esperava no mesmo lugar em que lhe entregou o anel. Esfregou o anel contra a saia do vestido de forma inconsciente. Era surpreendente como havia-se habituado a ele em tão poucos dias. Iria ter que lançar mão de toda a sua força de vontade para entregá-lo.

- Leonor.

Jonathan se pôs de pé tão logo a viu e soube que seria mais difícil do que pensava. Havia chegado a conhecê-la muito bem e deduzia isso tão logo viu sua postura derrotada e suas tentativas de fingir que nada a afetava, escritas em cada gesto, em cada passo.

E, se agora convencê-la da verdade de seus sentimentos supunha um esforço titânico, quando lhe contasse as razões da aparição de Isobel seria quase impossível, não tinha nenhuma dúvida disso. Leonor parecia predisposta a pensar o pior.

- Olá, Jonathan.

Ambos se olharam, rememorando os momentos despreocupados e felizes dos últimos dias e sabendo também que era muito possível que tudo só ficasse nisso, em recordações.

Sem falar, Jonathan lhe indicou que se sentasse a seu lado. Foi muito significativo que ela escolhesse fazê-lo na parte mais distante. Já começava a separação. Não sabia nem por onde começar.

- Como está? – Perguntou-lhe afinal.

- Bem. – Mentiras, tudo mentiras. – E você?

“Como se se importasse com isso”, pareciam querer dizer seus olhos verdes.

“Importo-me”, replicaram os dele.

- Mal – respondeu finalmente.

Ao menos, um dos dois era honesto.

- Lamento. – Leonor queria qualquer coisa menos fazê-lo sentir-se assim.

- Começo a duvidar disso.

- É injusto ao me dizer isso – alfinetou, irada.

Jonathan suspirou e passou a mão pelo cabelo, frustrado. Não queria que as coisas fossem assim. Se continuassem por esse caminho, a perderia para sempre.

- Talvez, - concedeu – mas uma parte de mim não deixa de acreditar que quer me fazer sentir do mesmo modo que você se sente. Eu não tenho culpa de que Isobel tenha decidido me seguir. Não a convidei a fazê-lo.

Como sempre, Jonathan havia acertado na mosca. Leonor lhe deu crédito, mas não se permitia acreditar que tudo fosse tão simples.

Fez a pergunta chave.

- Por quê está aqui, então?

Soube que não seria bom pela forma como Jonathan enrijeceu.

- Está grávida.

E o mundo de Leonor paralisou por completo.

Grávida? Santo Deus.

Manteve-se imóvel, porque do contrário desmoronaria ali mesmo.

- E não é meu – esclareceu.

Mas foi demasiado tarde. Leonor já havia formado a imagem em sua mente e ele viu a resposta a isso em todo seu corpo.

- Eu não disse que era.

- Não importa. Ao só pensar, por só conceber a ideia, já me basta.

Leonor não podia mentir desse modo. Sim, imediatamente havia pensado que ele era o pai. Dado que no dia anterior não havia percebido seu estado, era deduzível que havia ocorrido no mês que ambos haviam passado em Londres, depois de sair de Commor Manor.

Sentiu-se culpada.

- Jonathan...

- Não, – disse com calma, enquanto se levantava e colocava distância entre eles – não tente corrigi-lo agora. Neste mesmo instante vejo o que pensa de mim. Considera-me tão carente de honra que, apesar de lhe deixar claro que a quero e desejo me casar com você, deduz que antes disso, quando você já me importava, me deitei com a viúva de meu pai, como se não respeitasse às mulheres nem o que sinto. Talvez suas palavras também fossem mentira quando afirmava que estava amadurecendo. O mais certo é que esteja convencida de que sigo sendo um patife encantador sem nada substancial no cérebro e que brinca com as pessoas porque tudo o entedia e a vida é uma brincadeira para mim.

- Não, eu...

- E talvez agora me dirá que meu dever é proteger Isobel dos falatórios. Que meu dever é me casar com ela apesar de ser o que ela procura. Que compreende que essas coisas acontecem e que podemos continuar a ser amigos.

Poucas vezes Leonor havia visto alguém tão furioso, e muito menos Jonathan, um homem que sempre mantinha o mundo suspenso do seu senso de humor.

- Não vou dizer isso. – Jamais conceberia ver Jonathan com Isobel ou qualquer outra mulher.

- Mas tampouco me dirá que continua querendo casar-se comigo.

O silêncio inundou tudo. Leonor queria dizer que sim, mas as dúvidas a detinham. Com toda a dor de seu coração, retirou o anel de noivado e o entregou a ele.

- É claro – foi o único que disse, como se o esperasse. A decepção e a desilusão estavam pintadas em seu rosto. Amava essa mulher como nunca havia feito com nenhuma outra, mas ela não sentia o mesmo. Caso contrário, teria mais confiança em ambos. – Suponho que não tem sentido lhe dizer que a ajudarei – referia-se a Isobel – apesar de ter querido me enganar e seduzir-me para fazer passar o menino por meu. Não, – negou ao ver sua cara – não me casarei com ela. Quando muito socarei o infeliz que se negou a assumir a paternidade, deixando sem família à criança que está por nascer. É possível que a ajude com as

demais coisas, também. Afinal de contas, estaremos unidos, não por laços de sangue, mas sim por outros igualmente importantes.

Não ia admitir ante ela quanto havia se zangado pelas intenções de Isobel e suas pouco realistas intenções, já que teria sido muito difícil explicar um parto três meses antes do previsto.

Leonor, por sua parte, sentia o nó na garganta. Suas explicações soavam definitivas e o afastavam dela. Sabia que era culpa sua, mas se sentia incapaz de fazer algo para impedi-lo.

- O único que desejo é que seja feliz – respondeu.

- Por que? – Jonathan sentiu renascer a esperança, por mais tênue que fosse.

- Porque o merece.

- Mereço-o – repetiu, incrédulo, com a esperança destruída. – Eu mereço. – Soube que ali não havia nada que fazer e decidiu sair antes de fazer algo de que se arrependesse. – Ia dar-lhe tudo – explicou como forma de despedida. – De fato, estive lhe dando o melhor de mim mesmo, mas vejo que não é o suficiente. Talvez depois de ficar com meu coração, também queira se apropriar de Georgette. Que tenha um bom dia e seja feliz.

E saiu daquele jardim como uma alma foge do diabo.

Passou pela galeria em busca de Georgette, mas se deteve ante a presença de Helen Price, que murmurava junto à duquesa viúva e Roberta. As três haviam estado alerta, vigiando.

A arara, como se pressentisse o estado de ânimo de seu dono, sobrevoou o local para pousar no seu ombro em silêncio.

- Jonathan. – A anfitriã rompeu o silêncio, hesitando ao ver sua cara fechada. – Senhor Wells, o veremos logo?

Era uma forma nada sutil de perguntar como haviam sido as coisas.

- Nada me agradaria mais, senhora Price, mas duvido que Leonor esteja muito disposta a isso.

- O que aconteceu? – Margaret, pelo contrário, não tinha problemas na hora de perguntar diretamente.

- Leonor se empenhou em buscar dificuldades onde não existem – respondeu. – Não consegue digerir a desconfiança que supõe a presença de Isobel em Boston, apesar de eu lhe dizer que nada nem ninguém mudará meu amor por ela.

As três mulheres trocaram olhares entre si, pesarosas.

- Talvez com um pouco de tempo... - sugeriu a mãe.

Jonathan esboçou um traço de sorriso que não chegou a seus olhos.

- Sinto que por mais que faça ou diga, sempre encontrará uma desculpa para me deixar. Desta vez necessito sentir que se importa comigo, que perder-me a magoa. Sentir que me ama seria muito bom para começar.

Não pretendia dizer em voz alta, mas as damas haviam perguntado.

- Talvez se esperar conosco...

- Duvido que seja uma boa companhia neste momento, pelo que me desculpem se me vou. – Jonathan se dirigiu à duquesa viúva. – Se precisar de qualquer coisa, estarei no hotel.

As três mulheres viram como desaparecia pela porta, abatidas. Cada uma delas havia albergado a romântica ideia de que Leonor, por fim, havia encontrado um homem digno.

As reprovações que pretendiam lhe fazer morreram em suas bocas pouco tempo depois, quando a jovem fez sua aparição.

Tinha em seu rosto as inegáveis marcas do desespero. Os olhos vermelhos e inchados indicavam um profundo sentimento que havia-se convertido em lágrimas.

Sua mãe abriu os braços indicando-lhe que se aproximasse. O sofrimento de sua filha era demasiadamente doloroso.

Sem dizer uma palavra, Leonor se ajoelhou diante de seu colo e deixou fluir ali parte de seu sofrimento. Enquanto isso, Helen ia acariciando seu cabelo, murmurando palavras de consolo.

- Daremos um jeito, filha – sussurrou. – Daremos um jeito.

12

Havia deixado passar a maior parte do dia.

A cabeça havia começado a lhe doer pelo esforço de pensar e olhar em seu interior; essas inseguranças que não sabia que existiam e que haviam destruído qualquer possibilidade de ser feliz.

E por um momento se acreditou forte...

- Bobagens!

Ninguém tinha culpa, além dela.

Enquanto deixava que algumas compressas frias baixassem o inchaço do rosto, Leonor havia pensado muito. As palavras de sua mãe, sua tia e a duquesa viúva ressoavam ainda em seus ouvidos.

“Esse homem a ama.”

“Tem que ter fé nele.”

“Deve ter coragem.”

Cada palavra era tão verdadeira como a anterior.

Os fatos em seu passado a haviam afetado com mais profundidade do que suspeitava. Estava começando a compreender que ir embora como fez não havia sido o ato valente que Jonathan pensava que era. Afinal de contas se tratava mais de um ato covarde. Uma fuga para não enfrentar as consequências de suas ações.

Em relação a Jonathan havia ocorrido algo parecido.

Embora sempre tenha sido consciente de seu aspecto e tenha olhado o mundo com a cabeça erguida, só se tratava de aparências. Em seu foro íntimo, sentia que não estava à altura em comparação às mulheres mais belas, boicotando sua própria felicidade uma e outra vez ao sentir que não a merecia. E não queria isso.

Amava Jonathan. Disso não havia nenhuma dúvida. Daria toda a sua herança para estar ao seu lado o resto de sua vida. Crescer com ele e criar uma família. E ele a amava.

Inédito... e maravilhosamente esplêndido.

Seu único objetivo era a necessidade desesperada de acreditar nela mesma e aceitar sua capacidade de conseguir o amor de um homem, esquecendo sua aparência. Tinha muitas qualidades e Jonathan soube vê-las. Talvez fosse feia, mas não era a única coisa que a definia. E Jonathan a amava por isso.

Devia ser capaz de enfrentar seus medos e recuperar o que havia jogado fora e por isso, pouco depois da hora do chá, havia se arrumando para sair.

- Aonde vai? – Perguntaram-lhe as três mulheres quando passou para informá-las que saía.

- Recuperar minha vida. Recuperar Jonathan.

Não percebeu os três sorrisos de satisfação e alívio que ficaram às suas costas.

Com essa nova segurança chegou ao hotel. Antes que se encontrasse com Jonathan, devia ter algumas palavras com Isobel, por isso se aproximou ao balcão eliminando toda possibilidade de que se negassem a lhe informar o que desejava saber.

Pouco depois, e após uma profunda respiração, bateu à porta do quarto em que Isobel se hospedava.

Não havia ninguém.

Por sorte, a donzela de Isobel chegou logo depois, enquanto Leonor decidia se a esperava ou não.

As notícias que a jovem lhe deu não foram de seu agrado. A donzela disse que, embora esse fosse seu quarto, a viúva Wells não havia posto um pé nele.

Não era necessário perguntar por seu paradeiro. Leonor o sabia.

Com o coração batendo forte no peito, mas com a decisão pintada em seu rosto, dirigiu-se para o quarto que Jonathan ocupava. Não duvidava do que encontraria ali.

Infelizmente, não se equivocava.

Foi a própria Isobel a que, instantes depois de bater, abriu a porta.

Embora já intuísse o que encontraria ali, o impacto foi forte, sobretudo pelo indecoroso aspecto que a mulher aparentava.

Sob o elegante vestido não havia corpete nem espartilho. Além disso, seu cabelo, outrora arrumado e com um penteado impecável, havia-se convertido em um simples coque atrás da nuca.

- Jonathan não está – anunciou Isobel tão logo a viu.

- Não vim falar com ele – espetou Leonor, criando forças e entrando no quarto sem ser convidada.

Tão logo deu um passo para o interior, Georgette voou para ela com ímpeto.

- BOAS NOTÍCIAS! BOAS NOTÍCIAS! – Era evidente que se alegrava por vê-la.

Leonor sorriu e a deixou novamente em seu lugar.

Não gostou de ver a outra sentada em uma poltrona com toda tranquilidade, como se se soubesse vencedora de uma inegável batalha que estava por vir.

- Jonathan me contou de seu... estado – começou.

Isobel fez uma careta.

- Que atencioso.

- Jonathan me contou tudo.

- Tudo? – Debochou a outra.

- Tudo – afirmou segura. Já não duvidaria do amor de Jonathan. Nem Isobel nem ninguém conseguiria causar dano à sua confiança.

- Alegro-me por você.

- Também vim exigir que vá embora. – Surpreendeu-a.

Isobel não esperava essa ordem.

- E quem é você para me exigir algo?

Se queria fazê-la duvidar de seu próprio valor, não iria conseguir.

- Sou a noiva de Jonathan.

- Uma de quem nada sabia.

- Ser sua madrasta não lhe dá o direito de saber o que ocorre em sua vida.

- Jonathan e eu temos uma relação muito especial.

A insinuação era clara, mas Leonor não iria acreditar nela.

- A única coisa que têm você e Jonathan é que esteve casada com seu pai. Só é sua madrasta. Qualquer tipo de admiração que ele tivesse podido sentir no passado ficou ali, no passado.

Isobel ficou vermelha ante semelhante segurança. Não podia responder sem mentir de forma impiedosa.

- Jonathan vai me ajudar – disse referindo-se à sua gravidez.

- Mas não da forma que você deseja. Pensou por acaso nos falatórios?

- Os falatórios não me afetam – replicou, descartando o comentário com a mão.

- E os que podem afetar ao próprio Jonathan ou a sua reputação? – A reputação de Isobel não lhe preocupava. – É tão egoísta que não pensa em como suas ações podem afetá-lo? Isso não é amor de nenhum tipo. Só é egoísmo.

- Quem acha que é para vir aqui e me falar desse modo?

Essa era a pergunta que havia vindo esclarecer. E que depois diria a Jonathan, palavra por palavra.

- Uma mulher apaixonada – respondeu. – Uma mulher que não vai deixar que se aproveitem de Jonathan mais que o necessário. Uma mulher que faria o que for necessário por ele.

- Talvez não seja a mais conveniente para ele, apesar do que creia ou queira crer.

Falava por sua aparência, mas Leonor não tinha dúvidas. Já não.

- Jonathan me ama – assegurou. Não fez caso da elevação de sobrancelhas ante sua veemência. – Amava-me inclusive quando acreditava amar você. Amava-me mesmo sendo feia. Ama-me pelo que sou e lhe ofereço. Ama a mim e não a você.

Algumas palmas a sobressaltaram e se voltou instantaneamente.

Jonathan, apoiado descuidadamente na moldura da porta, aplaudia. Seu sorriso era amplo, feliz. Irradiava satisfação e felicidade tão reais que aqueceu o coração de Leonor.

Nem sequer havia—lhe passado pela mente que pudesse estar ali. Havia acreditado em Isobel quando lhe disse que não estava. Talvez a presença de Georgette tivesse sido algo a considerar, mas sua mente só havia estado centrada em Isobel.

Seus olhares se encontraram.

Em um instante, se disseram tantas coisas sem necessidade de falar que ambos sorriram. Coisas importantes, as que verdadeiramente valiam a pena. Para trás ficavam as dúvidas e as inseguranças.

- Isobel, – Jonathan se dirigiu a sua madrastra sem afastar a vista de Leonor – já é hora de que volte para seu quarto.

- Mas...

- Agora – ordenou.

Intimidada, olhou alternadamente para um e outro. Parecia que não tinha sentido alongar a situação que era claramente desfavorável a ela. Além do mais, nenhum dos dois lhe prestava muita atenção. Havia—se arrepiado só de vê-los assim, fitando-se, sem dizer nada, mas cheios de uma luz que não havia percebido até então. Não entendia, mas parecia que Jonathan amava essa mulher. Nunca havia olhado assim para ela.

Saiu em silêncio. Nenhum dos dois sentiu sua falta.

- Ama-me – foi a primeira coisa que Jonathan disse. Não era uma pergunta.

- Mais do que acreditava possível – confirmou Leonor.

- Sem medos?

- Sem medos.

- Sem dúvidas?

- Absolutamente nenhuma.

Ainda estavam afastados, mas o ambiente do local estava carregado de necessidade, de amor.

- Deixe-me explicar, ao menos, o que fazia aqui. – Ele se esforçava por aparentar normalidade, quando na verdade desejava apenas tê-la entre seus braços e abraçá-la e beijá-la de pura alegria.

- Não é necessário.

E era verdade. Conforme ia enfrentando Isobel e pondo em voz alta seus verdadeiros sentimentos, foi ganhado confiança. Não estava preocupada. Já não.

Jonathan, por sua parte, não podia se sentir mais revigorado. Havia passado por um inferno ao sair da casa dos Price. Sua mente havia meditado se devia insistir até que ela cedesse ou aceitar que nunca seria capaz de amá-la com a força

e a segurança que necessitava.

Quando Isobel havia-se excedido ao abrir a porta do quarto, Jonathan acabava de tomar um banho. Quando escutou as alfinetadas entre ambas através da porta fechada, não duvidou em abrir com cuidado e deixar uma fresta por onde espiar. Havia pensado que tudo estava perdido. No entanto, sua força e a nova segurança em si mesma e em seu amor, o haviam feito sentir-se muito orgulhoso e feliz.

- Espera. – De repente se recordou de algo que tinha que lhe devolver.

Entrou no quarto e saiu novamente com rapidez depois de pegar algo do bolso da jaqueta que repousava aos pés da cama.

- Isto lhe pertence. – Aproximou-se de Leonor, segurou-lhe a mão e deslizou o anel de rubis e diamantes por seu dedo. – Nunca deveria ter saído daí.

Ambos ficaram admirando como ficava perfeito e tudo o que representava. Agora, com uma segurança que não havia existido na primeira vez.

- Não pude me conter. – Referia-se a Isobel e à conversa que haviam mantido.

- Eu sei – afirmou petulante e com um resplandecente sorriso.

- FOFOQUEIRA!

Georgette gritou enquanto levantava uma de suas asas e coçava o bico. Parecia que os ignorava.

Ambos sorriram.

- Esteve espiando – afirmou Leonor fazendo-se de ofendida.

- Sim, mas valeu a pena – assegurou com um beijo carregado de intenções. – Sua declaração de amor ante Isobel foi a mais charmosa que algum dia ouvi.

- Convencido - deu-lhe um tapinha no braço.

Jonathan ficou sério instantaneamente.

- Tenho motivos. Realmente acreditava que ia deixar que eu fosse embora.

- Lamento – refugiou-se em seus braços. Envergonhada de sua própria cegueira e estupidez.

- Eu também. Estava realmente assustado – meditou alguns instantes. – Quase me deu medo lhe dizer isto, mas, em parte, foi bom que Isobel tivesse vindo.

Não houve tensão em Leonor. Só se limitou a olhá-lo com curiosidade.

- Como assim?

- Refiro-me a que ela foi o estopim para que olhasse para dentro de si. Sem ela, estas inseguranças teriam aparecido cedo ou tarde, e não sei se teríamos podido resolver isso.

Leonor admitiu que estava certo. Havia estado a ponto de perder tudo.

- No entanto, - advertiu ela - não pense que vou lhe dar agradecimentos por isso depois do que tentou fazer com você. Não é uma companhia que me agrade e não espere que sejamos amigas.

- Enquanto se tratem com educação e cortesia poderei suportar isso. Afinal de

contas é minha família.

- Não, é parte de sua família. Eu serei agora sua família.

Não podia ter dito nada mais certo.

- Diga-me – pediu com a voz rouca. Necessitava ouvi-la dizer.

Leonor agradou-o.

- Amo você, Jonathan. – Era a primeira vez que lhe dizia em voz alta. Que dizia a ele.

- Eu também a amo, Leonor. Não sabe quanto desejo viver com você.

- Vai sair tudo bem, não é?

- Não duvide disso. Enquanto nos amemos, ninguém poderá conosco.

- Promete?

- Prometo.

E a beijou de forma que não lhe ficassem dúvidas.

EPÍLOGO

Depois de uma manhã chuvosa, decidiram-se a dar um passeio pelos jardins de Commor Manor em direção à casa principal.

Leonor, de braço de seu bonito marido e em companhia de Georgette, respirava o ar fresco.

- Não poderia ter havido melhor lua de mel – assinalou, feliz.

- É algo que não tem deixado de repetir, anjo. Não sei se quer convencer a mim ou a você mesma.

- A você, é claro – caçoou.

Havia sido a decisão mais lógica, pensava ela. Quando decidiram a viagem, ressurgiu em Leonor seu lado mais prático, mas também o mais sentimental. Em referência ao primeiro, deviam regressar à Inglaterra para que Jonathan pudesse dar por finalizados alguns assuntos pendentes e um sem fim de outros detalhes. Quanto ao lado mais sentimental, Leonor queria voltar ao local onde havia sido feliz, conhecendo a pessoas que a amavam, Jonathan entre elas.

Haviam esperado a celebração do casamento. Ambos desejavam a presença dos duques de Dunham em um dia tão especial, pois haviam querido casar-se sob o atento olhar de todos seus seres mais queridos.

Se com a duquesa viúva, as inclinações e olhares de assombro haviam sido pródigos em todo os momentos, ante a presença de Jeremy e Edith, não pareciam ter fim. Só havia ouvido um comentário malicioso sobre a falta de beleza da duquesa de Dunham, e era dos ladinos lábios de Beatrice. É claro, Leonor havia resolvido brilhantemente o assunto com ela. Depois da ameaça de não mais falar com ela e de assegurar que toda a família faria o mesmo, Beatrice havia se humilhado e pedido perdão, embora soubesse que seu arrependimento não era real.

Kenneth era dos poucos que não havia assistido a tamanho evento, mas Leonor não ficou aborrecida com isso. Quando haviam anunciado formalmente seu noivado, seu primo havia demorado pouco menos que algumas horas em fazer sua bagagem para ir embora com a expedição; depois, é claro, de dar as explicações pertinentes a Helen Price e lhes dar um presente de casamento apropriado.

- Já sabe que eu queria lhe mostrar o mundo, mas você preferiu voltar a Commor Manor – afirmou. – Posso me considerar afortunado de que aceitasse o

presente que Jeremy nos deu.

- Como pode pensar que rechaçaria semelhante presente? – Aproximou-se mais e recebeu um beijo no alto da cabeça. – Era uma excelente oportunidade para tê-lo só para mim.

Quando haviam informado que sua lua de mel seria na Inglaterra, a duquesa viúva convidou Helen para ficar com ela o tempo que Jonathan e Leonor permanecessem no lar dos duques de Dunham. Dado que na viagem de ida seriam um grupo considerável e os recém-casados não teriam suficientes momentos de intimidade, Jeremy lhes ofereceu uma casinha localizada dentro de sua propriedade. A moradia era pequena mas confortável e estava um pouco afastada da casa principal, por isso ninguém os incomodaria se não desejassem.

- Sim, demonstrou-me em inúmeras ocasiões. Esta manhã, à noite, - enumerou – a tarde de ontem duas vezes...

- É um brutamontes!

- Por dizer a verdade?

- Por dizê-la em voz alta!

- AMOR, SUOR, GEMIDOS! – Declarou Georgette, para surpresa de ambos.

Jonathan xingou baixinho e Leonor enrubesceu.

- Vê isso?

- Se continuar por esse caminho, terei que deixá-la fora da casa – Jonathan ameaçou a arara, que permaneceu pousada com toda a tranquilidade em seu ombro direito. – Sem comida.

Com essa advertência, agitou o animal, que se afastou voando até uma árvore.

- COMIDA! – Gritou.

O casal sorriu e aproveitou a ausência para se beijar.

- Estão nos esperando para o chá – protestou Leonor sem muita vontade de se deter.

- Que esperem – murmurou ele contra seus lábios. – Juro que tenho vontade de voltar a Boston e ter nossa própria casa para fazer o que queiramos.

Seguindo as indicações de Jonathan, o senhor Pickens havia encontrado, também, uma casa para eles. Nesse momento, estava sendo preparada para eles sob o atento olhar do senhor Pickens e da tia Roberta. Esta última, na ausência de Helen, e fazendo alusão ao enorme tempo livre de que dispunha, oferecera-se para supervisionar tudo referente à decoração, uma tarefa que adorava e que lhe fazia bem. Entre tão diferente dupla havia se estabelecido uma dinâmica peculiar, que Leonor suspeitava que poderia ser reflexo de um interesse oculto por parte de ambos. E nada a alegraria mais.

Quanto aos negócios da família, haviam deixado a cargo do senhor Pickens,

que não cabia em si de alegria por tamanha responsabilidade. Quando voltasse, Jonathan tinha intenção de envolver-se neles sob os conselhos de sua sogra.

Pelo que dizia respeito a Isobel, as coisas haviam se solucionado bem. Uma semana depois de sua chegada a Boston o homem com quem havia se envolvido havia aparecido. Depois de algumas palavras num tom mais alto e alguns socos da parte de Jonathan, havia permitido que Isobel viesse. Essa explosão não preocupava Leonor. Um homem tinha que defender a honra das mulheres da família quando necessário. Por sorte, o dito cujo, nada menos que um conde, vinha arrependido e disposto a corrigir seu deplorável comportamento. Regressaram com rapidez à Inglaterra para celebrar um rápido casamento com licença especial e ambos lhes fizeram até uma rápida visita quando passaram por Londres, aliviados ao ver que tudo estava bem encaminhado.

- Minha vida é perfeita. – Suspirou com um sorriso de felicidade.

- Não mais que você. – Jonathan a segurou entre seus braços.

Ela lançou um olhar irônico.

- Certamente – assegurou, dando-lhe pequenos beijos no nariz. – É a senhora Wells perfeita.

- Embora seja feia. – Não esperava uma resposta. Era só a constatação de um fato evidente que já não era levado em conta.

- Ainda assim – confirmou. – Ou talvez devido a isso. – Beijou-a novamente com devoção. – E você? Se vê capaz de suportar por toda a vida um sujeito adorável como eu, que a ama com loucura, e uma arara com excesso de peso e uma significativa eloquência?

Leonor, que não podia ser mais feliz nem amá-los mais, assentiu.

- Nada me faria mais feliz.

E Georgette, com toda sua sabedoria gritou: - AS FEIAS TAMBÉM OS CONQUISTAM!